

Antônio Silveira Reis

A PERIFRASE VERBAL PORTUGUESA

(Introdução ao Estudo da sua Estrutura e Função)

Tese de Doutorado apresentada à
Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras da Universidade de São Paulo

Ribeirão Preto - 1972

I N T R O D U Ç Ã O

O presente trabalho, que leva o título de A PERÍFRASE VERBAL PORTUGUESA -- (Introdução ao Estudo da sua Estrutura e Função) -- destina-se a cumprir o papel de uma tese, a ser apresentada à Universidade de São Paulo, para a defesa do título de doutoramento.

O tema, na época da sua escolha,-- e já lá vão alguns anos desde que foi feita--, parecia oferecer uma excelente rentabilidade e um grande interesse linguístico.

Pesava, porém, negativamente, a inexistência, em português, de uma bibliografia especializada sobre o assunto. Podia-se remediar com o que havia sido feito ou se ia fazendo alhures.

Em português a situação não se remediou. Pouca coisa se acrescentou à situação anterior. Que o autor saiba, algumas pesquisas já se fizeram sobre o verbo, e há promessas de outros trabalhos, que devem aparecer como teses nos cursos de Letras. (1)

Ocorre ainda que a bibliografia especializada é sempre mais difícil, pois o estudo específico da perífrase verbal é mais raro fazer-se título nas obras, que o que se refere ao verbo em geral. Ocorre ainda que uma ou outra obra, de cuja existência o autor foi mais tarde tomando conhecimento, não se tornaram de fácil obtenção. Por outro lado, na medida que, estas mesmas obras apareciam citadas, ou o autor chegava a conseguilas revelava-se, desde logo, que se tratava de uma abordagem parcial apenas do assunto. (2). E a ignorância maior do autor exigia su gestões mais inteiras.

Decididamente especializadas e completas, o autor contou com três obras mais volumosas, dedicadas à perífrase de ou-

tras línguas. (3) Elas fazem parte da bibliografia deste trabalho, mas aqui antecipo alguma coisa sobre elas.

É de Georges Gougenheim a das perífrases francesas, obra volumosa, de leitura castigada, dada, sobretudo, a minúscula dos caracteres tipográficos da impressão. Vem do sentido, não da forma, o critério da análise. Já pelo índice se aponta o tratamento da matéria em três partes. Na primeira vêm as perífrases de tempo e de aspecto; seguem as modais, e aparecem as factitivas na terceira parte da obra. O autor não tem uma preocupação maior de interpretação semasiológica desses valores. Importa-lhe, sobretudo, a documentação das ocorrências nos textos literários de todas as épocas possíveis.

Ao contrario deste, Jose Roca Pons procura discutir os valores e os sentidos que informam as realizações perifrásticas da língua de Cervantes. Parece, todavia, que a preocupação excessiva com os problemas teóricos da natureza verbal, escanteia a abordagem do aspecto formal das perífrases, deixando uma impressão de difusidade descritiva.

Mais moderna pelo método de análise, da linha estruturalista, é a obra de F. R. Palmer, dedicada ao verbo inglês.

Trabalhos de menor extensão que foram aparecendo ultimamente testemunham um interesse crescente pelo assunto. Basta, para exemplo, que se registre num mesmo número da revista La Linguistique (4) a presença de nada menos que três artigos sobre o verbo (mas as perífrases ocupam a maior atenção, em dois deles, pelo menos), embora um deles não sugira, pelo título, uma vinculação da abordagem com o verbo.

Na bibliografia deste trabalho figuram obras alistadas como especializadas para o tema desta pesquisa. Todavia, a contribuição de cada uma não se pode rever só pelas vezes que foram invocadas, de um modo ou de outro, no curso da exposição. A

liás, é preciso convir que muitos trabalhos não enrolados na bibliografia puderam prestar preciosa contribuição, para efeito de visão geral dos fatos linguísticos. Um certo professor dissera, certa ocasião, que o acaso pode às vezes ser uma boa chave para o pesquisador. O importante era abrir os livros. Parece que se pode dar testemunho de que isso é verdade, pois, muitas vezes, onde o título de uma obra endereça para o substantivo, podem-se encontrar boas reflexões sobre o verbo.

Algumas vezes o autor deste trabalho hesitou se fazia ou não remissão a uma obra ou outra, sobre um ponto geral de doutrina. Quando venceu a negativa, é porque considerou desnecessário "autenticar" conhecimentos que fazem parte da bagagem comum, de quem já vem, há alguns anos, lavrando, apesar das canseiras, no campo da Filologia. O procedimento pode ser o mesmo de quem não sabe o nome do autor da canção boa que aprendeu pelo assobio de rua.

Falar de método ou de metodologia constrange um pouco, porque a palavra (ou a coisa) serve às vezes para aparatar demais o que pode ser mais simples, ou não passar de técnicas. O peso de um tipo de formação não ajuda a transitar de uma visão das coisas para outra, com a mesma facilidade -- diria mestre Machado -- com que se muda de casaco. A aplicação rigorosa de uma metodologia supõe um conhecimento honesto da doutrina que o informa. E o autor sabe bem que não é o seu caso. Método "ecletico" é o que tem visto correr por aí, para antes negar adesão cega a qualquer doutrina específica.

Será, pois, eclético o método, até pelo modo como o trabalho foi dividido em capítulos.

Consta ele de quatro capítulos além de uma "conclusão" e desta "introdução".

No primeiro capítulo ficam as considerações sobre os

constituintes do sintagma verbal e suas relações mútuas. O capítulo poderia ter morrido aí, e a sequência constituir-se noutra. Mas o autor achou mais racional subir o nível dos elementos verbais, enquanto selecionam (e / ou restringem) a sua possibilidade de combinação na frase e postulam uma ordem nela.

No segundo capítulo ficam os critérios que foram tomados para teste da auxiliaridade de um verbo. Poderia ser subdividido por subtítulos. Ocorre que às vezes se interligam os critérios e que uns tem importância menor que outros: a subdivisão traria uma disparidade, até quanto a extensão física do tratamento de cada um. Prevaleceu a unidade do conjunto.

A tradição gramatical, que considera a existência de "tempos compostos" formados com um auxiliar típico, sugeriu o seu tratamento no capítulo terceiro.

Restava ao quarto conter um exame das categorias do verbo nas perífrases. Se nos capítulos anteriores não se fez subdivisão, com menos razão isto haveria de ser feito aqui. Como considerar tais categorias valores absolutos? O aspecto formal, como critério, não seria também distintivo, em toda a linha.

Ora, a própria organização dos assuntos, assim capitulados, sugere que o autor quis levar em conta linhas de análise que se completassem, não importando que nos dois capítulos iniciais (mas sobretudo), esta fosse mais estruturalista (mas não cegamente), e que nos últimos fosse funcional (mas não "funcionalista").

Era propósito do autor levar em conta a função expressiva das perífrases. O tempo não permitiu esse tratamento. Fica apenas acenado, sobretudo na conclusão, onde essa função se articula com a "tese" proposta desta pesquisa, de que não há "auxiliaridade" absoluta.

A perífrase desta trabalho é antes um processo de expressão linguística, em que, basicamente, duas formas verbais, dada a frequência com que entram numa realização, estereotipam a sua associação. Não fica, talvez, longe do que disse Gustave Guillaume:

"C'est un fait de grammaire générale que le choix d'une forme procède solidairement, en toute proportion utile, de la convenance de la forme à l'emploi visé et de la discovenance des autres formes au même emploi " (5)

Quanto à ortografia adotada, foi a de 1943, com a alteração ortográfica que entrou em vigor desde 20 de janeiro de .. 1972 (Lei nº 5.765, de 16/12/71),

Posto o que fica dito, o autor não deseja tirar a niguém o direito à prioridade da crítica às falhas deste trabalho. Não vai ser difícil apontá-las. E o autor já deu conta da sua irremediável existência. Mas era tarde demais para alterações.

INTRODUÇÃO - Notas

(1) No Brasil conhecíamos os seguintes trabalhos sobre o verbo:

- a) M. Said Ali, O Infinitivo Pessoal em Dificuldades da Língua Portuguesa, Pref. por Serafim da Silva Neto, estabelecimento do texto, revisão, notas e índices de Maximiano de Carvalho e Silva, 5ª ed., Acadêmica, Rio, 1957.
- b) Theodoro Henrique Maurer Jr., O Infinito Flexionado em Português (estudo histórico-descritivo) Bibl. Univers., Série 5ª., (v. I), Ed. Nacional, em cob. U.S.P., S.Paulo, 1968.
- c) J. Mattoso Câmara Jr., Uma Forma Verbal Portuguesa, Acadêmica, Rio, 1956.
- d) Ataliba T. de Castilho, Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, Marília, 1968.

Quanto a trabalhos ainda não publicados, soube - mos da defesa de tese de livre-docência, de uma professora da U.N.M.G. sobre a auxiliaridade verbal no português. Vagamente recordamos da informação de que no Rio saiu também um artigo sobre a perífrase verbal, parece, de autoria de uma jovem estudiosa de assuntos linguísticos. Vagamente sabemos que alguns professores das Faculdades isoladas estão preparando teses de temas relacionados com o verbo.

(2) De autor português soubemos da existência de dois títu

los de autoria de Paiva Boléo, mas não chegamos a ter à mão os seus trabalhos.

- (3) (a) G. Gougenheim, Étude Sur les périphrases verbales de la langue française, thèse pour le doctorat ès-lettres, Les Belles Lettres, Paris, 1929.
- (b) Jose Roca Pons, Estudios sobre Perífrasis Verbales del Español, Cons. Sup. Inv. Cient., (Anexo nº LXVII da Rev. Fil. Esp.), Madrid, 1958.
- (c) F. R. Palmer, A Linguistic Study of the English Verb., Longman, 1970.
- (4) Os tres artigos referidos estão em LA LINGUISTIQUE, dir. André Martinet, (nº 2., 1968) PUF, Paris.
- (a) Henry G. Schogt, Les auxiliaires en français, pp. 6-19
- (b) André Castagna, Le verbe anglais vu à travers quelques ouvrages récents, pp. 125-133.
- (c) D.L. Goyaverts, Towards a theory of the expanded form in english pp. 11-124
- (5) Gustave Guillaume, Leçons de linguistique de... (1948-1949), p. 242.

C A P Í T U L O I

Os Constituintes da Perífrase Verbal

Falaremos aqui de "perífrase verbal" como sendo, basicamente, uma forma de expressão linguística em que entram dois elementos verbais na sua constituição.

Um e outro assumem formas gramaticais específicas e são encarregados de desempenhar uma função distintiva no conjunto.

Num contexto como este, de propósito definitório, podemos chamar ao primeiro de "auxiliar", ao segundo de "auxiliado" ou "verbo léxico". Em outros contextos o nome vai depender da perspectiva ou do nível da análise: por exemplo, se a análise se desenvolve ao nível sintático, podemos denominar o primeiro de "verbo regente", e o segundo de "verbo regido".

Um e outro mantêm entre si certas relações de dependência mais ou menos estreitas: são unidades correlacionadas. A partir do nível já realizado dessas unidades em "forma verbal", as relações que organizam na sua combinação vão atingir o nível sintático e o semântico.

Este processo de encadeamento de palavras entre si relacionadas, formando um tipo de unidade semântica, (embora em graus diversos de complexidade), é próprio da natureza da unidade linguística que Saussure denominou "sintagma"(1). Para nós a perífrase verbal é também um sintagma, isto é, "sintagma verbal".

Mas sabe-se que com "sintagma verbal" (SV), a Sintagmática e o Transformacionalismo fazem indicação do predicado da oração, independentemente de vir ele numa forma verbal simples ou perifrástica. Por isso, lá onde for necessário, em nossa descrição, obviar a compreensão, fugindo a possíveis ambiguidades, usaremos a expressão lata, isto é, "sintagma verbal perifrástico", ou ainda, - se for o caso de evitar repetição, em virtude do cognato "perífrase" - "sintagma verbal composto".

Dois traços gramaticais caracterizam a perífrase verbal em português:

- a) a função de "auxiliaridade" no primeiro elemento verbal;
- b) a natureza "nominal" no segundo.

Os traços acima apontados definem certas características das formas dos elementos, por meio de marcas específicas do sistema da conjugação. Na forma do primeiro elemento entram dois "constituintes", a saber, o seu radical léxico e os afixos ou morfemas de flexão.

O primeiro constituinte do auxiliar, isto é o radical, logo o veremos, tem seu sentido próprio bastante esvaziado. Os morfemas de flexão são as características desinenciais da conjugação normal do verbo. Servem para marcar nele certas propriedades comuns da natureza verbal, como a persona gramatical (e o número a que se associa), o tempo, o modo, o aspecto e a voz.

No segundo elemento figuram, igualmente, dois constitu

intes que são, também, o radical léxico e um morfema de uma forma nominal do verbo. É o radical léxico do auxiliado o constituinte que leva ao sintagma o sentido nocional fundamental. As formas nominais recebem morfemas diferentes segundo se diferenciem em infinito, gerúndio e particípio, e eles são, respectivamente - re, - ndo e - do.

Podemos analisar no exemplo que apresentamos abaixo não só os dois elementos do sintagma verbal, como também os seus constituintes:

temos estudado.

1) Compreende:

temos: elemento auxiliar ou função auxiliar.

estudado: elemento léxico, ou função léxica.

2) Segmenta-se em:

te -: radical do elemento auxiliar

-mos: morfema de flexão, marcador da pessoa gramatical (e o número), tempo, modo, aspecto e voz.

estuda -: radical do elemento auxiliado, encarregado de exprimir o valor nocional do sintagma.

-do: morfema do particípio, conversor do valor verbal do léxico em nominal.

Entre os elementos verbais pode, às vezes, interpor-se, em certos sintagmas, um elemento mediante, que é normalmente uma preposição. Em português as que comumente tem esse papel são a, de, para, por. Apresentam função não só distintiva como contrastativa.

Vou ver/ vou para ver
está a chegar/ está para chegar

Cada oração acima tem significação distinta, própria. Assim vou ver é distinta de vou para ver, tanta quanto está a chegar em relação a está para chegar; mas o sentido de ver em vou para ver, exprimindo finalidade, é diferente do que em está para chegar encerra chegar, onde se ressalta o de ação iminente.

Podemos verificar que a função dos constituintes do sintagma verbal já se define num nível inferior ao da palavra (tomada esta no seu sentido de significação externa), (2) para atingir níveis superiores da significação linguística. Isto quer dizer que, se substituíssemos, no exemplo dado acima, o elemento temos por outro de emprego também compatível com a forma em -do, poderia -mos ter uma alteração nesta última. Basta que são entre em lugar de temos e o resultado será são estudos ou são estudados, com a variação do género. Enquanto temos estudado realiza-se como uma oração, são estudados (-as) fica, ainda, a postular a indicação de outro termo, para que se converta numa realização do mesmo nível. Esse termo poderá ser, por exemplo, num caso assuntos, noutra matérias:

Assuntos são estudados
Matérias são estudadas.

A análise acima revela que a seleção dos elementos do sintagma pode impor, às vezes, procedimentos sintáticos divergentes. Do mesmo modo, não se pode dizer por igual processo o que se diz com:

Quero ir

e Quero que vás

já porque não é corrente quero que vá, já porque quero ires (ou tu ir) é construção estranha ao uso. Tanto prometer como permitir podem selecionar o infinito. Contudo, a referência que êle faz do sujeito é diversa, sem relação ao que é indicado pelo verbo regente numa e noutra combinação:

Prometo ir (= eu prometo que eu vou)

Permito ir (= eu permito que alguém vá).

Ocorre ainda que a construção variante, isto é, a de oração conjuntiva, não inclui com permitir realização para a primeira pessoa, permito que eu vá terá de ceder lugar ao uso pronominal. Daí virá permito-me ir.

Dos constituintes do auxiliado, -ndo não é possível de qualquer alteração morfológica, ao contrário do que ocorre com as formas em -do e em -re (esta última por uma particularidade especial do português, que distingue em certas construções, um sujeito próprio no infinito, diverso do que figura no verbo regente).

No quadro formativo do sintagma verbal devemos considerar a natureza léxica dos radicais verbais e a gramatical dos morfemas formantes. E antes de passarmos ao exame da função específica

ca de cada constituinte, convém acentuar que, de um ponto de vista puramente formal, não será preciso descer a níveis inferiores da constituição de cada elemento do sintagma, pois eles já pertencem ao sistema geral da conjugação. Só a partir daí é que, posteriormente, discutiremos a organização formal das combinações possíveis e a ordem das seqüências na frase.

Interessa-nos por ora a análise funcional de cada constituinte. Dividiremos esta unidade nos seguintes itens:

- a) a "gramaticalização" do léxico do verbo auxiliar
- b) a função gramatical dos morfemas do verbo auxiliar na expressão da pessoa gramatical (e o seu número), de tempo, modo, aspecto e voz.
- c) o conteúdo nocional do léxico do verbo auxiliado (verbos perfectivos e verbos imperfectivos)
- d) valor nominal das formas do verbo auxiliado

A) À gramaticalização do léxico verbal se deve o caráter de "auxiliaridade" de um verbo.

O exame de obras, tanto antigas como das mais recentes, revela uma falta de uniformidade de vistas no que diz respeito aos verbos auxiliares. (3).

O grande problema que o tema apresenta está ligado às fronteiras do emprego, que separam uns dos outros.

Tanto W.F. Twadell como F.R. Palmer distinguem dois grupos de auxiliares em inglês. E embora partam de critérios não muito afins, ambos chegam ao mesmo resultado. O primeiro deles, atendendo-se mais a critérios morfo-sintáticos distingue "primary auxiliaries" e "modal auxiliaries" (4). Em F.R. Palmer o critério tem por base a distinção que faz entre "phrases of the primary pattern" e "phrases of the secondary pattern" (5).

Reconhecemos que o modelo da língua inglesa para testar a auxiliaridade de um verbo não tem a mesma validade aplicado às línguas românicas. Lá a norma gramatical que impôs o uso do auxiliar desenvolveu nele traços gramaticais mais nítidos, não verificáveis nas línguas do grupo latino. Em todo caso, o confronto pode, em linhas gerais, ser instrutivo. O exemplo do auxiliar do permite-nos figurar o processo de gramaticalização de um verbo que atingiu um grau máximo de auxiliaridade, quer pelo seu emprego em frases de sentido afirmativo, negativo e enfático, quer pela sua função vicária, substituto do verbo da declaração inicial, a que se pospõe, em frases apendiciais.

Sabe-se que a função de auxiliaridade é decorrente do processo de gramaticalização de uma palavra qualquer. O processo implica no esvaziamento semântico da palavra. A noção de esvaziamento está já em Diez:

"habere se deponilla de signification individuelle et servit comme auxiliaire à désigner les rapports subjectifs (personnels)

de l'action exprimée par le verbe ou participe" (6).

Comentando postquam eam spoonstam habuit, diz êle:

"Ici le verbe auxiliaire apparaît déjà clairement dans son passage à la signification abstraite, mais il possède encore sa force active" (...) (7).

(os grifos não figuram na obra).

A definição põe em relevo a perspectiva diacrônica do fenômeno e não leva à conclusão de que a "signification abstraite" do verbo, que ainda mantém "sa force active", acabe por perder totalmente seu sentido léxico.

A primeira afirmativa adverte para a necessidade de considerar o auxiliar nas fases evolutivas de uma realização linguística; a segunda sugere cautela para que a análise do auxiliar não recaia numa prática mecânica, resultante de um apriorismo incutido pelo hábito de não se ver nele mais que um mero instrumento gramatical.

Tais atitudes parecem de boa prudência em face dos fatos ligados às perífrases verbais portuguesas, onde, em muitos casos, a melhor explicação tem de partir do modelo latino que as transmitiu, ou tem, ainda que distinguir valores diferentes em auxiliares tão afins, sob múltiplos aspectos, mas que o sentimento linguístico do falante não confunde ao fazer a sua escolha. A anulação completa do valor de um auxiliar faria de um grupo deles, semanticamente aparentados, como o dos modais, por exemplo, um

requintado aparato, estranho ao uso geral. Parece que em português o esvaziamento do auxiliar não chega à sua plenitude: boa parte de sua significação primitiva ainda persiste no seu lexe-ma. O sentimento linguístico do falante determina a sua essoolha de "modalidade" entre querer, poder e dever, nos vários semas que cada um deles comporta. O autor de uma frase (formalmente uma única frase) sabe o sentido que põe em 1.a) e 1.b):

1.a) aquele homem deve ser punido (por senso de justiça)

b) aquele homem deve ser punido (por conhecimento ou cálculo de quem presume tal possibilidade)

A mesma distinção de sentido que se admite para o verbo simples, certamente o acompanha, pelo menos em parte, quando assume função de auxiliar. É o que ocorre entre está e anda não só em 2.a) e 2.b), mas também em 2.c) e 2.d):

2.a) Paulo está triste

b) Paulo anda triste

c) Paulo está ficando triste

d) Paulo anda ficando triste

Ora, antes de verificar que 2.a) e 2.b) se opõem a 2.c) e 2.d), em virtude do conteúdo aspectual, marcado pelo gerúndio, no segundo grupo de frases, já se sente que a oposição de sentido, determinada pela diferença dos auxiliares, já vem do fato de que está exprime um tipo de estado diverso do que encerra anda.

Como dos quatro constituintes do sintagma verbal o que nos parece de maior importância é o relativo ao caráter gramatical do léxico do primeiro elemento, dedicaremos o capítulo seguinte ao exame de testes da auxiliaridade. Antes porém, de encerrar este ítem, devemos recordar que os autores, quando se referem ao esvaziamento semântico de um verbo, costumam opor o seu sentido literal a uma situação de emprego, inconciliável com esse sentido, mas compatível com a sua função de auxiliar (8). Fiquemos nós só com lembrar que ir, verbo de movimento, pode empregar-se como auxiliar de ficar (ele vai ficar em casa); querer (verbo de vontade), admite, em muitos casos, sujeito inanimado (esta parede quer cair, a lata não querer tampar); e ir pode combinar-se consigo mesmo (meu filho vai indo bem nos estudos); etc.

Nem sempre o caráter de auxiliaridade transparece de modo claro no emprego de um verbo. Às vezes a presença na frase de um elemento adverbial é que vai denunciar a persistência do valor concreto da natureza verbal. Clifford Aspland, no estudo que faz de aller + forma em - ant na poesia francesa do século XII, insiste na dificuldade de interpretação do valor desse verbo, no passo em que diz:

"It must be admitted, however, that, when no adverbial modifiers are present, it is extremely difficult to determine whether the pause between aller and the - ant form has completely disappeared, thus resulting in a true periphrasis, or whether two separate actions are to be understood" (9).

B) Já antecipamos que os morfemas de flexão do auxiliar

constituem-se em marcadores das categorias da pessoa (e número), tempo, modo, aspecto e voz do verbo.

Embora tal afirmação seja às vezes implicitamente contestada (10) quanto ao enquadramento de todos os valores citados, acreditamos que a marca morfológica do auxiliar tem a propriedade de cobrir, distintivamente, as noções neles contidas. Ocorre que a apreensão da indicação da pessoa gramatical (e a do número a que se associa), por meio da flexão, é mais nítida, em relação aos demais valores, em virtude de sua maior importância no sistema, por isso mesmo afeta a outra classe de palavras, como é o caso da sua oposição no quadro geral dos pronomes.

Com relação ao tempo, sobre o qual não pesam muitas divergências como categoria também marcada na flexão, o sistema da conjugação românica instituiu-o como valor paradigmático fundamental na oposição das formas, baseada esta nas alterações morfológicas mais profundas por que passam os elementos da estrutura do verbo. Há em português uma distinção entre "tempos primitivos" e "tempos derivados".

Diferentemente do que ocorre com a pessoa gramatical, cuja marca é dada por morfemas terminais (antigas desinências), na oposição temporal temos que levar em conta que a estes se associaram diferenciações internas da base verbal. Por esta razão podem-se identificar os tempos de formas em - a ou em aient no francês, desde que se associe a cada um deles aim - ou aimer - (aima/aimera), ou ainda av - ou aur - (avaient/auraient).

Como quer que seja, na medida em que a associação dos constituintes leva a uma realização distintiva da forma, temos

que admitir a eficácia da marca na expressão de um determinado valor gramatical.

Um mesmo processo de análise revela a existência de uma oposição modal e aspectual nas formas do verbo, apesar de não dispor a conjugação de um sistema de marcas específicas para cada categoria. São frequentemente citados os passos em que A. Meillet, (11), discorrendo sobre o sistema verbal latino, apresenta-o em duas séries de pares que são opunham pelo tema aspectual, no interior do qual se constituíram no indicativo um pre-sente, um pretérito e um futuro.

A ausência em português de uma organização sistemática para o verbo, capaz de representar, por oposições simétricas, os diversos valores que comporta numa realização de nível superior, como o sintagma ou frase, não significa deficiência insuperável em relação à possibilidade de expressão. Deste modo, o tempo se marca pela oposição canto/cantei, o aspecto pela oposição de cantava/cantei, enquanto que canto/posso cantar ou ainda Maria tem trinta anos/Maria terá uns trinta anos definem diferenças de modalidade.

Podem diferir os processos de representação dos valores do verbo. A presença de uma marca flexional a que não corresponda, no sistema, a que se lhe oponha pelo valor, não anula nela a sua função específica. É um caso em que a oposição se faz entre uma marca dada e uma marca zero. Daí, vejo constituir-se em forma ativa, cuja passiva postula um processo diverso de formação.

Eis porque a flexão, de um modo ou de outro, marca, se

gundo cremos, todos os valores do verbo acima apontados.

Em mais de um passo de uma sua obra em que examina o problema, Benvenista refere-se insistentemente ao papel da flexão do verbo. E claramente diz:

"C'est dire que temps, mode, personne, nombre ont une expression different dans l'actif et dans le moyen" (12)

Num passo mais adiante, referindo-se só à diátese, conclui:

"La diathèse s'associe aux marques de la personne et du nombre pour caractériser la désinence verbale". (13)

Ora, é clara a conclusão do citado autor para quem o caráter próprio do verbo indo-europeu é levar uma referência ao sujeito e não ao objeto.

No curso de nossa exposição, sobretudo em capítulo especial dedicado à discussão das categorias do verbo, teremos oportunidade de trazer outras referências aos assuntos correlacionados com este item.

C) O constituinte léxico do verbo auxiliado apresenta interesse especial para este capítulo na medida em que o sentido nele contido pode levar distinções de valores nas perífrases. Importa, sobretudo, ressaltar que sua influência mais acentuada, se faz no modo da ação verbal.

Duas classes de verbos podem ser distinguidas quanto a certos aspectos de sua significação relativamente ao desenvolvimento interno da ação que exprime:

- a) Verbos que exprimem uma ação chegada ao seu término.
- b) Verbos cuja ação supõe um prolongamento, ou que não possa ser completada de voz.

Podemos pensar na instantaneidade da ação de morrer, nascer, cair, disparar, chegar, sair, achar, etc., mas é difícil eliminar um decurso de tempo na ação de fazer, ir, procurar, arranjar, pensar, chover, etc...

Os primeiros têm sido rotulados de "perfectivos", e os do segundo grupo de "imperfectivos", designações generalizadas pela linguística comparada.

Hoje já vai "pegando", mesmo fora do espanhol, a nomenclatura de Andrés Bello, que batiza os do tipo morrer de "desinientes" e de "permanentes" os do outro grupo. (13)

Parece-nos útil expediente, pelo menos de valor prático, evitar as designações mais antigas de "perfectivos" e "imperfectivos", já comprometidas com os valores aspectuais originários da flexão dos "tempos perfeitos" e "tempos imperfeitos".

Contudo, para, designar o processo do modo a ação, resultante do sentido léxico do verbo, usaremos aqui os nomes de "verbos téllicos" e "verbos atélicos", designações que fomos encon

trar em um trabalho do Prof. Ataliba T. de Castilho. (14) (A preferência parece dispensar justificção).

Ainda aqui, não procederemos a nenhum tipo de análise que leva em conta essa diferenciação no verbo auxiliado. É no capítulo das categorias do verbo que procuraremos mostrar as implicações do emprego de um e outro grupo na perífrase verbal.

D) Neste ítem apresentamos uma síntese sobre o constituinte terminal do verbo auxiliado. Aqui os morfemas que entram na combinação com o léxico do auxiliado, individualizam três formas que apresentam um traço comum: o seu valor nominal. Os traços distintivos dos morfemas formantes caracterizam nelas o valor próprio de uma classe gramatical. Assim o infinito pode funcionar como um substantivo, o particípio como um adjetivo e o gerúndio como um advérbio. O emprego absoluto de cada uma dessas formas pode revelar, de pronto, a equivalência.

O gerúndio é forma invariável e funcionalmente denuncia sua origem no ablativo latino.

É variável o particípio; mas o infinito, como já lembramos, aceita em português flexão pessoal, embora não seja rígida a delimitação de emprego entre a forma invariável e a variável. Ocorre, por outro lado, que no sintagma verbal perífrástico, a unicidade do sujeito (no verbo regente e verbo regido) elimina, na maioria dos casos, a hipótese de um infinito flexionado. Por isso, vamos considerar as formas nominais como impessoais, já que não indicam também nem tempo nem modo, traços que as opõem às demais formas do verbo.

Assim consideradas, as formas nominais não comportam, por si mesmas, indicações precisas. Mesmo quando têm emprego absoluto com valor verbal, estão numa relação de dependência de termos subordinantes que esclarecem as indicações de pessoa, tempo e modo da ação que exprimem. Seu caráter é, pois, de indeterminação quanto a essas indicações, embora se costume associar certa noção temporal de passado ao particípio, de presente ao gerúndio e de futuro ao infinito. Mas, certamente, isso ocorre porque esses valores temporais advêm do sentido mais aspectual que impregna cada forma.

Com efeito, podemos considerar no infinito a existência de um sentido de ação potencial, onde toda a carga de ação, então preservada, pode desencadear o seu desenvolvimento. Mas o gerúndio atualiza a carga da ação verbal, ao passo que no particípio ela foi levada a termo. Guillaume (15) caracterizou as relações desses processos, contidos nas formas nominais, identificando-os com uma certa capacidade de "tensão" da ação verbal:

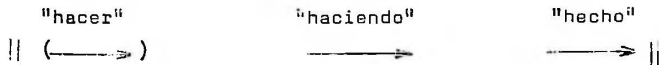
tensão máxima: infinito
 tensão média: gerúndio
 tensão zero: particípio

E, em contrapartida:

distensão zero: infinito
 distensão média: gerúndio
 distensão máxima: infinito.

O modelo gráfico que Pottier (16) apresenta para representar as relações do processo da ação nas formas nominais do

espanhol, ilustra os pontos de partida e de chegada entre os quais se intercala o vetor medial:



O parêntese no vetor de hacer representa a não instalação do infinito no processo.

Ora, esse caráter de dependência das formas nominais, oriundo da sua indeterminação na expressão da pessoa, tempo e modo, confere a elas um papel de signo "determinado" no sintagma verbal. Tornam-se, daí, formas da "incidência" do verbo auxiliar ("modificador"). O seu valor vai, então, depender da incidência. (17).

Uma forma de participípio, por exemplo, poderá formar um sintagma ativo ou passivo, caso combine com ter ou com ser:

ter lido: ele tem lido muito

ser lido: ele é lido no Brasil

O auxiliar define valores diferentes no sintagma no qual a incidência se faz no infinito, conforme seja aquela uma forma de ir ou querer:

ele vai entrar

ele quer entrar

Noutros casos as relações de dependência do infinito vão depender do processo sintático usado na sua combinação com outro verbo:

ele vem ver isto
 ele vem para ver isto.

De todas as formas nominais é o gerúndio a mais infensa a diferenciações de comportamento, quer pela sua invariabilidade absoluta, (apesar de poder, receber, como as demais, modificações adverbiais), quer porque, - diferentemente do que ocorre com o infinito - , apresenta maior rejeição à anteposição de preposições, quer, ainda, pela relativa fidelidade ao seu sentido durativo.

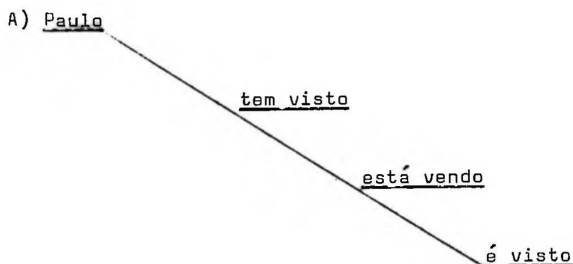
Não terminaremos este capítulo dedicado à análise dos constituintes do sintagma verbal, sem um exame que leve em consideração as sequências dos dois elementos verbais, enquanto modelos de estruturação sintática na frase.

Os autores de língua inglesa costumam classificar seus auxiliares - e as frases em que entram como componentes do sintagma verbal - segundo o modelo ("pattern") de sua estruturação sintática. O modelo leva em conta a "classe" do auxiliar e a forma gramatical do auxiliado (infinito, gerúndio, particípio). O modelo estrutural assim constituído postula uma ordem na frase. Esta ordem é, então compreendida como compartimentos sequencialmente organizados, e ocupados, cada qual, pelo paradigma sintagmático de acordo com o seu modelo (classe do auxiliar + forma gramatical do auxiliado). A partir dos paradigmas pode-se definir a constituição estrutural e o valor do sintagma. (18).

Em português, a partir da realização de frases isoladas, em que entra apenas um único sintagma verbal, é possível, não só classificar os seus modelos - e daí também as classes

dos verbos auxiliares - , como definir a distribuição sequencial de cada um.

Tomemos, por exemplo:



Isoladamente podemos apresentar as três realizações independentes:

3. a) Paulo tem visto os amigos
- b) Paulo está vendo os amigos
- c) Paulo é visto pelos amigos.

A frase 3. a) permite, nalguns casos, que se substitua o auxiliar ter por haver como em

3. d) Paulo tinha visto os amigos
3. e) Paulo havia visto os amigos

Dai pode-se dizer que ter "classifica" haver como auxiliar, apesar das restrições maiores para certas formas de haver e do seu

caráter arcaizante. Diz-se, então, que são formas variantes. A forma é pode também selecionar o particípio, como se vê da frase 3. c). Todavia não pode ser considerada da classe dos auxiliares ter e haver, pois o modelo sintagmático que realiza tem valor diverso do realizado pelos primeiros. Nenhum outro verbo, exceto esses dois, tem em português a propriedade de, combinando com o particípio passado, exprimir o valor de uma ação acabada ou continuada em repetição.

A frase 3. b) admite que se substitua está por outras formas como vai, vem, fica, continua, acaba, etc. Portanto, está "classifica" vários outros verbos no grupo dos auxiliares que se constroem com gerúndio para exprimir um processo de ação durativa no sintagma.

A forma é, que já vimos acima não ser da classe de ter (ou haver), por transmitirem sentidos diversos, não se recusa ser substituída, em muitos casos, (mas com restrições noutros), por está, e ainda, outras vezes, por fica e anda. Todos estes verbos ficam num grupo capaz de exprimir a passividade verbal.

A frase A), que tomamos como arquétipo, revela ainda a seleção da forma gramatical de cada grupo de auxiliares: o particípio entrou no grupo de ter e de ser, com valores diversos, ao passo que foi o gerúndio a forma selecionada por estar. Por outro lado, as substituições a que procedemos mostraram que estar tanto pode selecionar o gerúndio como o particípio: está vendo e está visto.

A linha oblíqua que parte do sujeito da frase A) e vai até o sintagma verbal de cada uma, quer representar a distribuição

sequencial de cada sintagma verbal, se eles co-ocorrerem na mesma frase, o que é possível:

B) Paulo tem estado sendo visto

É fácil observar que a sequência, mais complexa agora, não desfaz o modelo da seleção combinatória de cada auxiliar:

ter combina-se com o particípio (tem estado)

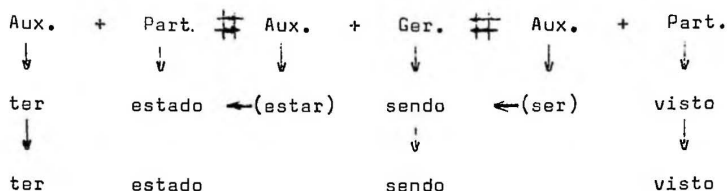
estar combina-se com o gerúndio (estado sendo)

ser combina-se com o particípio (sendo visto)

Igualmente, cada sequência preserva o valor que exprime no seu emprego isolado.

Ainda se pode notar a economia de meios do complexo sintagmático, pois que, exceto tem, (que figura no primeiro lugar da sequência), tanto estar como ser, que são auxiliares, funcionam também como auxiliados, assumindo, respectivamente, formas de particípio e gerúndio. É como uma larga cadeia de auxiliares que descarregam no auxiliado o complexo da sua funcionalidade gramatical. No meio da cadeia, estado seleciona sendo (gerúndio) na medida em que é seu verbo regente, mas é selecionado por tem, pelo papel de regido deste.

É possível restabelecer os limites demarcatórios de cada sintagma. Partamos de um modelo gráfico e teórico que corresponda às sequências da frase B):



O esquema ilustra as observações anteriormente feitas sobre a natureza e o relacionamento interno dos constituintes do sintagma verbal perifrástico: estado, por exemplo, está representado lexicamente por esta - com função auxiliar, e por - do, constituinte da forma finita. Por outro lado, o suporte da flexão que marca a pessoa (e o seu número) e o tempo é a forma tem, em concordância com o sujeito Paulo. Por sua vez, tem exprime um aspecto na ação que recai sobre estado, mas transfere para o caráter de auxiliaridade próprio de estar a função de exprimir a duração do gerúndio sendo, que, por sua vez, vai marcar em visto a diátese verbal.

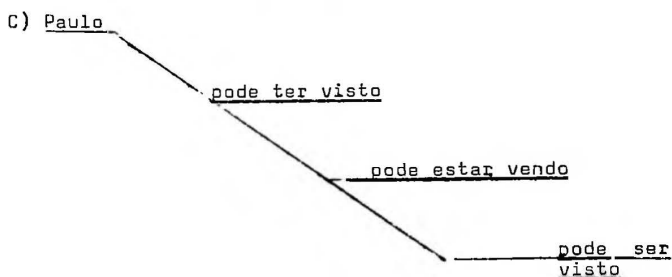
Qualquer auxiliar que possa substituir os que figuram no exemplo A) preservam também a mesma distribuição do seu modelo, bem como o valor que exprime. É que, sobretudo, prevalece a unidade semântica do sintagma, e esta é instalada na frase numa ordem própria. Podemos, pois, estabelecer a ordem:

- a) ter + particípio ocupa o primeiro lugar
- b) estar + gerúndio ocupa o segundo lugar
- c) ser + particípio figura sempre como a última sequência.

Não sabemos se há qualquer relação hierárquica entre a ordem e os valores dos paradigmas.

Entre os componentes de um mesmo sintagma, a inversão da ordem só é possível, como variante posicional. Mesmo quando isso ocorre, a ordem mental restabelece a gramatical, não representando o processo nenhum tipo de oposição de sentido, contrariamente ao que em geral sucede em outros tipos de sintagmas, quando se invertem os componentes.

Verbos há que ainda podem ampliar a cadeia sintagmática da frase B). Qualquer frase isolada que figura em A) admite a anteposição de um verbo como poder:



Isolando as frases, temos:

- 5.a) Paulo pode ter visto
- b) Paulo pode estar vendo
- c) Paulo pode ser visto

É o infinito a forma exigida por pode. Por substituição de pode "classificam-se" no seu grupo querer, saber, crer, pensar, parecer, apesar de algumas restrições explicáveis, nalguns casos, pela incompatibilidade temporal, de pessoa gramatical, do sujeito da frase, etc... Assim é que não é conciliável com o infinito perfeito o verbo querer com o sema mais corrente de seu uso, a

a ponto que em Paulo quer ter visto, vai no verbo sentido diverso de Paulo quer tocar violão, e onde lá se diz: a porta não quer fechar, dificilmente se dirá que a porta quer fechar, embora toda gente corra diante de um alarme de que a parede quer cair. Para fugir a dificuldades desta ordem, que estão mais afetos à semântica dos lexemas que entram na frase, é conveniente neutralizar as incompatibilidades, e ater-se à verificação da possibilidade ou não de existência de processos idênticos de construção. Então verifica-se a afinidade gramatical de poder e querer em Paulo quer ver e Paulo pode ver. Estes verbos exprimem um valor modal, externo ao processo que se desenvolve na frase, pois é ponto de vista do falante.

Mais difícil é ver se ir e vir desempenham igual papel.

Ambos exprimem, com o infinito, noção temporal: o primeiro de futuro próximo ou de ação iminente, o outro de passado recente. Mas a ir com infinito, em virtude da mesma futuridade, associam-se valores modais.

Os verbos que, por substituição a pode, entram no sintagma da nossa frase arquetipo C), porque entram indiferentemente, tanto em 5.a), 5.b) e 5.c) são suscetíveis de figurar também em qualquer lugar da cadeia de um sintagma mais complexo, embora seja mais comum a posição inicial. Como exprimem modalidade, não será normal que esta seja apresentada no interior do sintagma. Também tudo vai depender da sua maior ou menor complexidade. Nenhum embaraço há em

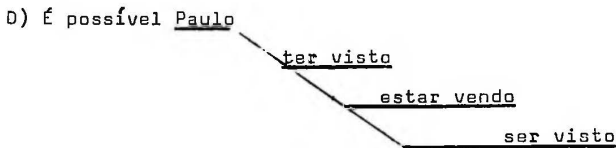
5.d) Paulo tem podido estar escrevendo

e) Paulo tem estado podendo escrever

Mais estranho seria se alguém quisesse dizer, embora, talvez, possível e gramatical:

5.f) O menino tem estado podendo ser visto.

Se nos dominasse uma preocupação maior de inventários, teríamos levado para a frase C) expressões como é possível, é provável, é certo, é justo, etc., etc.:



Tais formações, a que algumas gramáticas chamam de "frases unipessoais", e que regem orações subjetivas, retêm, também, valor modal. A sua pluralidade na língua permite introduzir matizes mais diferenciados de modalidade. Assim, como é certo valoriza-se a ênfase com que o falante apresenta a ação praticada pelo sujeito:

6.a) É certo Paulo estar vendo

Tais formações constituem "estereótipos" auxiliares, muitas delas heranças latinas, outras criadas pelo mesmo modelo. Como modais, acompanharam o comportamento sintático dos modais latinos, admitindo, posteriormente, também, a variante sintática de oração conjuncional.

Credo Deum esse

Certum est Deum esse

Credo quid Deus est

Certum est quid Deus est

Cabe ainda ver outros verbos como começar a iniciar a, principliar a, continuar a, acabar de, terminar de e outros de regime preposicional. O seu sentido léxico já instrui sobre o seu valor espectral: início, meio e fim do processo verbal. Todos enquadram-se no emprego com infinito e não admitem a construção conjuntiva iniciada por integrante. Demais, seu sujeito é sempre o mesmo que se reproduz no infinito regido. Assim, não seria possível, pelas duas razões apontadas, uma construção como

* Eu comecei a que vocês trabalhem.

o que fica mesmo é:

Eu comecei a trabalhar

Eles acabaram de estudar

Vocês continuaram a passear

Todavia, (certamente por razões de incompatibilidade temporal e/ou aspectual recíproca), a possibilidade de enquadramento de tais verbos com os do paradigma de ter + particípio e/ou de estar + gerúndio lhes é negada. De modo que são cabalmente agramaticais as frases:

Ele começou a ter visto (a estar vendo)

Ele continua a ter amado (a estar amando)

Na passiva, ao contrário, é normal a combinação:

Ele começou a ser visto

Ele acabou de ser visto.

Porque apresenta o mesmo sujeito do verbo regido, como também porque não admitem outra construção que não com o infinito, e, mais ainda, porque funcionam para expressão aspectual, julgamos que tem direitos de auxiliares e que suas combinações são legítimas perífrases.

Conhecidos geralmente como factitivos ou causativos, deixar, mandar, fazer, ver e ouvir, e outros mais de comportamento sintático idêntico, incluem-se como auxiliares? É resposta que para nós não tem maior interesse, e que só em capítulo adiante deve ser colocado. O tratamento deles envolve uma série de problemas que uma análise esquematizada, como esta, não consegue revelar. Podemos assinalar, por ora, uma ou outra característica deles:

- a) Normalmente apresentam sujeito diferente do que vai no verbo regido: Deixei Pedro sair. Quando isto não ocorre o verbo se pronominaliza: Deixe-me ir. Fez-se acompanhar dos amigos.
- b) Admitem construção com oração conjuntiva: Deixei que Pedro saísse.
- c) Têm a propriedade de encadear seqüências relativamente longas.

Autores (19) de língua inglesa incluem nos "catenati-
ves verbs" os que tem esta última propriedade.

Uma longa sequência de verbos encadeados pode ter a
participação destes, pois, a dualidade do sujeito permite melhor
a compatibilização semântica dos elementos da frase.

Sintaticamente comportam-se como os verbos de afirma-
ção (no latim, verba dicendi), de sentido ou percepção (no latim,
verba sentiendi) e de vontade (no latim, verba voluntatis). Assim
aditem construção com parêntese de variantes: ou com o infinito,
ou com oração conjuncional.

Sujeito comum no verbo regente e no regido, estabelece
a intimidade física dos dois verbos:

Afirmo ser honesto.

Disse acreditar estar certo

Espera dizer a verdade.

Apesar de ser corrente que uma e outra construção pos-
sível com esta classe de verbos marca uma oposição de registro,
temos observado que, em muitos casos, a preferência pela infini-
tiva, mesmo na fala de nível mais popular, representa maior eco-
nomia linguística.

Consideradas simplesmente como variantes, a possibili-
dade de escolha, numa sequência mais longa, é solução para o
critério estilístico, pois evita a repetição. A alteração das
variantes, é solução para evitar a armação tensa da sequência in-
finitiva ou a estrutura mais frouxa das conjuntivas, em combina-

ções como as seguintes:

Ele disse esperar poder mandar o filho
estudar fora

Ele disse que esperava que pudesse mandar
que o filho estudasse fora.

Consideramos como "estereótipos auxiliares" certas expressões que permitem a substituição do auxiliar típico, em toda a linha de seu emprego, com esta função e com um valor definido. Foi assim que introduzimos na nossa análise dos modais expressões como é possível, é provável, é bom, é justo, é importante, etc. porque elas substituem - nalguns casos só equivalem, por não contar a língua com o verbo típico - as correspondentes formas simples do auxiliar. O teste é o emprego:

pode ser verdade = é possível ser verdade

Também a variante:

pode que seja verdade = é possível que seja
verdade.

Mas é preciso, nestes casos, atestar-se a natureza impessoal do auxiliar: não nos parece que a mesma equivalência persista lá onde o infinito tiver sujeito próprio. Assim em é possível que eles cheguem (cuja correspondente com o auxiliar típico é eles podem chegar), a marca do sujeito próprio vem no infinito: é possível chegarem eles, construção que contém traços sintáticos diferentes da que se obtém com poder. A diferença é a invariabi

lidade do infinito com poder. Sob este aspecto, o caso de querer é líquido, com a oposição da sua função de auxiliar ou não, marcada pela presença ou não de sujeito comum com o infinito: quero ir, querem ir não conhecem variante na construção de regime conjuncional: quero que vão, querem que eu vá modificam a informação. A concorrência das duas construções, como variantes, dá o limite semântico das distorções entre a função auxiliar ou não auxiliar de um verbo.

Ora, supõem alguns que as expressões unipessoais, sob este aspecto, ficam livres para identificarem o seu sujeito. Por outro lado, se a variante conjuncional ocorre paralela, esta construção, apesar da sua equivalência semântica com a construção in finitiva, fica fora do sintagma, pois já ficou dito que o auxiliado tem que ser forma nominal. Pela identificação lógica do su jeito, estabelece-se a unidade semântica, não importando, para o português, que um comportamento da ordem sintática leve o in finito à flexão.

O risco de uma conclusão a favor de uma unidade sintagmática no emprego de expressões unipessoais com o infinito, parece estar na concepção de um tal "sujeito lógico", instalado num estribo e noutra de duas montarias. Outro risco seria o de esquecer a origem do sujeito do infinito, claramente individualizado, até do ponto de vista sintático, pelo caso acusativo. E as construções portuguesas desse tipo parece que não alteram em nada o antigo valor latino:

bonum est te venire — é bom vires
(= que venhas)

rectum est milites pro patria mori

Literalmente: é justo os soldados morrerem pela pátria (que os soldados morram).

Para nós o que importa é a verificação de que o processo de expressão põe em contato a frase impessoal, isto é um este réotipo, e a forma do infinito, e que a variante tem o mesmo valor desta construção:

É conveniente saíres = é conveniente que saias.

Por isso, também, uma expressão como deixar claro (e similares) constitui-se em estereótipo de valor correspondente a esclarecer e deve ser analisada do mesmo modo que o verbo de afirmação equivalente:

1) Com sujeitos diversos:

Esclareceu ser isso importante
Deixou claro ser isso importante

2) Com um mesmo sujeito:

Esclareceu estar desempregado
Deixou claro estar desempregado

3) Com emprego das variantes:

Esclareceu que isso era importante

Deixou claro que isso era importante

Esclareceu que está desempregado

Deixou claro que está desempregado

O exame das combinações que apresentamos teve o propósito de individualizar os paradigmas sintagmáticos, bem como as classes de verbos que se associam, de um modo ou de outro, a formas finitas de outro verbo.

Num quadro geral podem-se rever as características de comportamento de tais verbos, concomitantemente com a indicação da forma nominal exigida:

- a) ter (e haver) + particípio. Não admite construção variante.
- b) estar (andar, ficar, viver, permanecer, continuar, ir, vir,) + gerúndio.

Observe-se que começar, continuar e acabar e alguns outros parecidos, podem também governar gerúndio. Todavia não se integram na cadeia com o mesmo valor dos citados. Aliás, ir e vir também já não apresentam absoluta homogeneidade com os demais da classe b)

Veja-se:

Ele tem estado (andado, continuado)
fazendo

Ele tem vindo fazendo /

Mas há outro valor em

Ele tem começado fazendo.

Neste último exemplo sente-se a ruptura entre tem começado e fazendo. Parece que isto ocorrer por causa da não equivalência de valor entre as perífrases de gerúndio e as de infinito formadas com estes verbos. Nas de estar e ir à oposição de construção não corresponde a de sentido:

começou a cantar/começou cantando (=começou... e cantava)

está a cantar = está cantando

c) ser (estar, ficar, tornar-se) + particípio.

A função é exprimir a passividade na voz verbal.

Note-se ainda:

1) ser + particípio intransitivo não é mais de uso corrente no português.

Mas não exprimia passividade no uso arcaico, como também não têm esse valor as perífrases de construção correspondente nas línguas românicas que ainda mantêm a construção.

- 2) Estar + particípio às vezes exprime resultado
- 3) com outros verbos a passividade é bastante atenuada, enquanto que se associa a certas noções aspectuais:

a comida ficou estranada

- d) poder (dever, querer, saber, pensar, crer etc.) + infinito.

Observe-se:

- 1) poder e dever, construídos com complemento verbal, só podem reger o infinito. Não admitem a variante conjuncional.
- 2) querer admite variante, como auxiliar, isto é, quando seu sujeito é comum com o da oração regida, se esta for passiva:

quero ser castigado = quero que
eu seja
castigado.

A última construção, com sujeitos diversos, não aponta auxiliaridade no verbo:

quero que sejas castigado

- 3) Os demais, de um modo geral, apresentam comportamento semelhante ao querer, com uma diferença: com sujeitos diversos nas orações, admitem as duas construções. Vistos conjuntamente em exemplos, temos:

Função auxiliar:

quero castigar = (zero)

quero ser castigado = quero que
eu seja
castigado

Função não auxiliar:

quero que faças isso = (zero)

Função auxiliar:

creio saber a verdade = creio que sei a verdade.

creio ser bem visto por todos = creio que sou bem visto por todos

Função não auxiliar:

creio saberem a verdade = creio que sabem a verdade.

creio serem bem vistos por todos
= creio que são bem vistos por todos

- e) Verbos como começar, continuar e acabar (e similares como iniciar, princípios, prossequir, terminar) + preposição + infinito.

Conferimos uma certa autonomia de classe a estes verbos por duas razões:

- 1) formam um grupo semanticamente homogêneo, pois exprimem valores relativos à sequência do processo: ponto de partida (início), ponto médio (meio) e ponto de chegada (fim).

2) admitem sujeito comum com o do verbo regido:

Some-se a isso o fato de só se combinarem com o infinito.

f) verbos que pelo valor particular que exprimem, podem ser postos numa classe própria. São:

1) alguns verbos de movimento como ir e vir + infinito

2) ter de e haver de + infinito

3) estar para + infinito

4) estereótipos como estar presentes a, estar na iminência de, etc. + infinito.

O que têm em comum todos eles é que regem o infinito e exprimem uma noção temporal, predominantemente a de futu-
ridade, à qual se associa a de modali-
dade.

g) se, sob vários aspectos, não há inteira uniformidade de comportamento sintático entre alguns modais, vistos na classe d), apesar de certa unidade semântica

nos sintagmas que constituem, mais numerosas são as diferenciações que opõem os que gruparemos nesta classe. Carecem, pois, de uma certa limpidez os valores que informam. Nem é certo que sejam auxiliares. Mas isto não terá maior importância aqui, porque queremos fazer prevalecer, neste quadro classificativo, um critério que também leva em conta, na frase, a possibilidade combinatória de cada classe com os demais paradigmas das outras. Portanto, vamos fazer entrar aqui os que os ingleses vem chamando de "catenatives verbs", os quais, para eles, são todos, indistintamente, com exceção de do e dos que, nessa língua, correspondem aos nossos das classes a), b), c) e d) (estes últimos dados lá por uma lista de verbos que apresentam, entre si, maior unidade de sentido e de comportamento gramatical.

Alguns formam grupos que a tradição gramatical, com base em distinções semânticas, rotulou com nomes hoje consagrados internacionalmente.

Entram, pois, aqui, os seguintes:

- 1) os chamados factitivos ou causativos, tipo deixar (mandar, fazer,

ver, ouvir, permitir e alguns outros)

- 2) os denominados de "verba dicendi", tipo dizer (afirmar, confessar, declarar, sustentar, negar, cantar, anunciar, etc); os "verba sentien-di" (muitos dos quais podem ter um valor causativo ou modal); os "verba voluntatis" (muitos dos quais foram elencados nos modais).
- 3) alguns que não pertencem a grupos especiais como tentar, precisar, necessitar, custar, prometer, dispor-se, etc.

Resta dizer que em certos casos sua associação com o infinito apresenta um caráter de maior intimidade:

César afirmava ser honrado
Mandei reformar os móveis.

A discussão sobre relações sintáticas dos elementos verbais aparecerá em capítulo posterior.

Com base na análise de cada paradigma e de suas possibilidades combinatórias, poderíamos construir o modelo mais geral em português. É preciso, contudo, esclarecer que, comparado a um modelo de língua inglesa, a nossa construção teria, para ser econômica, que superar algumas dificuldades:

a) No inglês uma forma simples de passado recobre mais de uma faixa temporal, ao contrário do português que distingue, de um modo mais geral, o que chamamos de "pretérito perfeito" e "pretérito imperfeito". Além disso, semanticamente, as "modificações" (Cf. "modification") (20) das formas simples de passado em português não são exclusivamente temporais.

b) no inglês o futuro não tem expressão morfológica, o que equivale dizer que o inglês não conta com "formas" de futuro. Em português ele teria que entrar também por oposição aos demais tempos.

c) ocorre ainda que no inglês os auxiliares que produzem as "modificações" são apenas dois (have e be), ao passo que em português mais de um lexema pode assumir esse papel.

Em face disso, nossos paradigmas chegariam a um número relativamente alto. Todavia, para efeito de classificação, podemos não só instituir um "modelo" do auxiliar, como também considerar apenas uma modificação na sua forma, a qual pode ser chamada "temporal". Assim consideraremos para o auxiliar as seguintes modificações: "passado", "ter" "estar" e "ser". Tomaremos "ver" como verbo auxiliado. Teremos:

- A)
- (1) via
 - (2) tem visto
 - (3) está vendo
 - (4) é visto
- B)
- (1) tinha visto
 - (2) estava vendo
 - (3) era visto
 - (4) tem estado vendo
 - (5) tem sido visto
 - (6) está sendo visto
- C)
- (1) tinha estado vendo
 - (2) tinha sido visto
 - (3) estava sendo visto
 - (4) tem estado sendo visto
- D)
- (1) tinha estado sendo visto

O quadro mostra o seguinte:

a) Os paradigmas de A) apresentam uma única modificação, cada uma diversa de outra:

para (1) é o "passado"

para (2) é a "repetição" (do valor aspectual)

para (3) é a "duração" (do valor aspectual)

para (4) é a "passividade"

b) Nos paradigmas B), C) e D), há concorrência de mais de uma modificação.

Por exemplo:

em B) (3): "passado" + "passividade"

em C) (3): "passado" + "duração" + passividade
de"

em D) (1): "passado" + "repetição" + "duração" + "passividade".

Acrescentemos que verbos pertencentes a outras classes podem introduzir nesses paradigmas a sua modificação particular, embora não seja comum a realização de sequências muito longas. Às vezes a incompatibilidade do sentido léxico de um verbo não permite a combinação. Ao mais longo dos paradigmas, o realizado em D), podemos acrescentar um modal nos limites das três modificações:

D) tinha estado sendo visto

D₁) podia ter estado sendo visto

D₂) tinha podido estar sendo visto

D₃) tinha estado podendo ser visto

Para concluir este capítulo, recordemos que a possibilidade combinatória de verbos com os paradigmas acima serve de teste para reconhecer a sua função de auxiliar.

No capítulo seguinte passaremos em revista outros processos que apresentam, também, interesse para testar a auxiliari-
dade.

CAPITULO I - Notas

(1) Modernamente o conceito de sintagma não é uniforme. Há divergências quanto a extensão de seu sentido, bem como quanto as suas características (ver v. Fernando Lázaro Carreter. Dicionário de Términos Filológicos).

(2) Ver J. Mattoso Câmara Jr. Dicionário Filologia e Gramática, v. "palavras"

(3) M. Grevisse distingue "les verbes auxiliaires par excellence", avoir e être, dos appelés parfois semi-auxiliaires". Aos primeiros atribui uma função morfológica. Seu caráter é sempre temporal. Confere aos do segundo grupo o papel de exprimir "diverses nuances de temps, ou de mode, ou d'aspect". (M. Grevisse, Le Bon Usage, p.p. 582 e 583, § 654, 655)

Henry G. Schogt critica a C. de Boer a incoerência de procedimento, ao tratar dos verbos modais, na sua Syntaxe du français moderne, onde o autor pergunta a si mesmo "ce qu'il faut faire des auxiliaires de mode". O próprio sintaticista responde: "ce ne sont pas des auxiliaires, se sont des verbes autonomes", para, posteriormente, a p. 187, § 359 da mesma obra, rotular, pouvoir, savoir, vouloir de sortes d'auxiliaires modaux. (Henry G. Schogt, Les auxiliaires en français, em La Linguistique, nº 2, 1968, p. p. 6-7).

(4) Tomamos conhecimento desta obra pela leitura de um texto copiado em xerox, onde, além do nome do autor, constam ainda os dados: Brown University Press, 1965. Nossa informação baseia-se no paragrafo 2.1.

(5) Embora o autor não exclua o tratamento morfológico das formas verbais, que figura nos capítulos 2 (dos auxiliares) e 3 (dos verbos léxicos), prevalece, em toda a linha, a orientação baseada no modelo das realizações paradigmáticas. (V.F.R. Palmer A Linguistic Study of the English Verb, pp. 36, 55 e 56).

(6) A transcrição de F. Diez é na verdade uma re-transcrição de uma ficha que nos foi fornecida pelo Prof. Isaac Nicolau Salum. As indicações que figuram ao final dela são as que se seguem: Diez, G L R, tome 2, p. 407.

(7) Vale aqui o que foi dito acima, com a seguinte indicação dada pelo citado Prof.: ibid, p. 408 (grifos meus).

Em L.Hjelmslev encontramos uma definição de verbo que sugere a sua classificação como "auxiliar" ou "verbo autônomo": "Est verbe un mot qui, partout où il conserve sa signification, indique un "procès", et qui dans les contextes où cette signification n'est pas conservée, sert d'outil grammatical pour la prédication". Transcrevemos de um capítulo xerocopiado sem página de frontispício. Fica o evidente: trad. franc., mais: Le verbe et la phrase nominale, em Essais linguistiques, p. 167.

(8) Um dos desenvolvimentos de aller como auxiliar lembra Clifford Aspland, foi com verbos que denotam ausência cessação de movimento. (Ver Clifford Aspland, Aller + The - ant Form in 12th Century Old French Verse: A grammatical and Stylistic Analysis, em Studia Neophilologica, vol. XLIII, 1971, p. 14).

Enfatizando a oposição entre a função auxiliar de um verbo e o seu sentido autônomo, Henry G. Schogt confronta as duas frases:

Je viens de manger e je viens du restaurant (Cf. id, ibid., p. 5)

(9) Não com o gerúndio, mas com o infinito caíram-me aos olhos, logo após a leitura do trecho transcrito, dois empregos de Machado de Assis em que entre ir e o infinito aparece adjunto adverbial. São eles

Ia ao armazém, visitar o Palha (...)

(Machado de Assis, Q. Borba, p. 221)

() ele negou dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogomano; (...)

(Machado de Assis, A Igreja do Diabo, em H.S. Data, p.22

(10) Para o texto transcrito ver Clifford Aspland, ibid., p. 5

(10a) É fato sabido que as que expõem as teorias sintagmáticas e transformacionais usam notações como "TPS" para referência ao afixo verbal temporal: (Cf. Ruwet, Introduction à la grammaire générative, p. 112)

E John Lyons diz: () "et d'autre part au fait que l'analyse semantique de ces langues (o autor não diz explicitamente quais são elas, mas pelo contexto sabe-se que são outras que não o inglês) necessite plus de distinctions qu'il n'en est ouvertement manifesté par les oppositions morphologiques et syntaxiques que nous appelons temps, mode et aspect (grifo nosso). A vaz não foi lembrada.

(Ver John Lyons, Linguistique générale, § 7.5.8., p.242)

(11) Cf. A. Meillet, faits grammaticaux, em Esquisse d'une

histoire de la langue latine, p. 28 e Sur les caractères du verbe, em Linguistique historique et linguistique générale, p. 185

(12) Émile Benveniste, Actif et moyen dans le verbe, em Problemes de Linguistique générale, p. 169.

(13) Id., ibid. p. 174

(13a) Cf. Andrés Bello e Rufino J. Cuervo - Gramática de la Lengua Castellana, § 625, pp. 210-211.

(14) Nesse trabalho Prof. Ataliba T. Castilho declara ter tomado as designações de "téllico" e "atélico" a Howard B. Garey - Verbal Aspect in French, 106.

Cf. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, nota 102, p. 56

(15) Apud Henry G. Schogt, "Temps et Verbe" de Gustave Guillaume trente-cinq ans après sa parution, em La Linguistique, nº1, 1965, p. 66

(16) Cf. Bernard Pottier Sobre El Concepto de Verbo Auxiliar, em Linguística Moderna y Filología Hispánica, p. 199.

(17) Cf. id, ibid., pp. 194-195

(18) F.R. Palmer e W.F. Twaddell apresentam os modelos paradigmáticos de língua inglesa, com algumas pequenas diferenças. O número deles é de 16 no primeiro autor e de 15 no segundo, porque aquele considera a oposição de presente e passado nas formas simples e os inclui no modelo, ao passo que o segundo, considerando

só a "modificação" de passado na forma simples, não inclui o presente.

(Cf. id., ibid., p. 56, e id. ibid., p. 2)

(19) Cf. ainda F.R. Palmer, ibid., pp. 150-179

(20) "Modification" é o nome que W.F. Twaddell dá a cada elemento que exprime o sentido particular contido nas formas simples de um verbo. Portanto as modificações estão filiadas às categorias do verbo. Assim amava contém a modificação "passado" ligada à categoria do "tempo"; está amando encerra a de "duração" que pertence ao aspecto; tinha sido amado contém "passado" + "repetição" + "passividade"

(Cf. ibid., p. 2)

CAPÍTULO II

Crítérios para Testar a Auxiliaridade Verbal

Embora a nossa tese seja a da existência de "graus" da "auxiliaridade", não nos dispensamos do exame de certos critérios gerais que podem prestar alguma ajuda, senão para definir a auxiliaridade como uma função de valor absoluto, pelo menos para revelar "diferenças" de comportamento geral entre duas formas verbais, formalmente caracterizadas, e que estabelecem relações recíprocas.

A nossa exposição anterior já deve ter denunciado o relativo interesse na definição do caráter de auxiliaridade absoluta. A preocupação dominante está na análise de realizações que, pelos menos formalmente, denunciam certa identidade de traços gramaticais e linguísticos.

É provável que a nossa descrição vá pecando pela retomada de modelos e exemplos já tratados anteriormente. Mas advertimos que o ângulo e o contexto descritivos são diversos, e para darem visão nova. E a observação vem de propósito para dois títulos dos critérios que vamos discutir. Quanto aos outros, vai pesar menos o mesmo defeito.

Vejamos:

- a) a gramaticalização ou enfraquecimento do sentido léxico do verbo.

Exemplo acabado de gramaticalização ocorreu com o verbo inglês do. W. F. Twaddell chama-o de "a grammatically

dummy" (1). Sua versatilidade funcional decorre, com certeza , — e em proporção inversa — do esvaziamento semântico do léxico. (2).

Um exame nas línguas românicas revela, desde logo, que nenhum verbo chegou a desenvolver, mesmo numa ou noutra língua isoladamente, um papel gramatical tão amplo como o do citado verbo inglês. Lá mesmo, onde, já no período vulgar do latim, se desenvolvem certas tendências gerais que criam ou generalizam um processo linguístico qualquer, nem sempre foi homogênea a solução, para apontar uma só e única forma para a sua expressão.

A perda do futuro verbal latino, por exemplo, foi responsável pelo generalizado uso de certos verbos com o infinito, formação sucedânea do tempo verbal já condenado ao desaparecimento. Destes, o mais comum foi habeo, que acabou por soldar suas formas (pospostas) de presente e imperfeito do indicativo ao infinito de outro verbo.

No caso deste verbo podemos acompanhar, sem dados claros, os passos românicos de sua caminhada, rumo à auxiliarização. Em Cícero e nos autores pós-clássicos exprimia a perífrase um sentido de possibilidade", e, posteriormente o de "dever" (3). As formas românicas atuais, port. cantarei, esp. cantaré, fr. chanterai, it. canterò, fazem parte do quadro geral da conjugação verbal nessas línguas, e aí, estão, para exprimir temporalidade, indicando o tempo futuro.

Temos aí um caso em que o sentimento linguístico do falante de língua portuguesa não "reconhece" mais, nas suas formas do futuro verbal, nenhum traço — fonético ou semântico — do antigo auxiliar. Assimilados pelo verbo principal, os resíduos fonéticos do antigo habeo são sentidos como morfemas da forma resultante, cuja função é marcar as pessoas gramaticais e o tempo verbal. Tais morfemas são, em português, os que de modo

mais regular paradigmaticizam a conjugação do tempo de um verbo: independentemente da conjugação a que pertence, e mesmo para os chamados irregulares, todos os verbos portugueses formam o futuro (do presente ou do passado) com o infinito mais desinências específicas (resíduo fonético das formas de habeo). (os casos de fazer, trazer e dizer, com perda fonética interna não constituem exceções).

Mas a língua, que não consagrou o uso de complemento pronominal átomo em posição enclítica às formas do antigo auxiliar (posposto ao infinito), ainda mantém cindidos os dois elementos verbais, quando ocorre tal emprego. Aí a forma átoma do pronome complemento interpõe-se aos elementos formadores, resta belecendo, de certo modo, a individualidade de cada um: avisá-lo-ei.

Apesar do alto grau de gramaticalização que habeo desenvolveu na formação do futuro e condicional, persiste ainda o seu emprego, em várias línguas de origem latina, com o sentido próprio primitivo, paralelo ao de auxiliar. Sobretudo, é auxiliar dos chamados "tempos compostos".

Em português, onde não vingou o sentido concreto do verbo, foi teneo que ficou com a dupla função, isto é, a de auxiliar e a léxica.

Como auxiliar, hoje menos usual, haver com participípio é variante de ter + participípio. Contudo, uma outra função de auxiliar repontou de haver seguido de de mais infinito (= haver de + infinito), paralela a ter de + infinito, embora, nessa construção, como o veremos, não formem um par de variantes.

Eis aí como um mesmo verbo — no caso só habeo — passou por um processo duplo de "gramaticalização", assumindo, por isso, duas funções diferentes: a de formar o futuro e a de formar uma espécie de modalidade. (Não estamos considerando aqui a

perífrase que forma com o particípio passado). Numa e noutra função esse auxiliar se opõe a si mesmo tanto sob o aspecto fonético (redução a elementos mínimos), morfológico ("formas" convertidas em morfemas") e sintático (arranjos diferentes, por exemplo, com complemento pronominal átono: vencê-lo-ei / hei de vencê-lo).

Verifica-se que o seu grau de auxiliaridade foi mais forte na primeira que na segunda função.

Ora, para muitos outros verbos auxiliares da língua portuguesa, não seria difícil acompanhar as etapas que os levaram a "valeur semantique affaiblie" de que nos fala Maurice Grvisse (3). Mas interessa-nos observar a eficácia do critério. Quantos outros verbos associados a formas nominais, e que estão a meio caminho do processo! Demais em muitos auxiliares vigoram às vezes vários "semas", e nem sempre é fácil apontar, com precisão, o sentido que atualizam. E qual seria o "sentido proprio" de cada palavra, senão o que se revê do seu emprêgo? E que emprêgo não confere um sentido à palavra? É fácil verificar que em quero correr o enfraquecimento semântico é menor que em eu me ponho a correr. Se, todavia, substituirmos correr por pensar torna-se mais difícil encontrar o sentido literal de eu me ponho.

Não se pode negar a unidade estrutural e funcional de certas combinações de que vem lançando mão escritores mais modernos e o próprio uso popular. São perífrases porque não se pode entender isolado o sentido de cada verbo. E a contribuição do verbo auxiliar, neste caso, para a expressividade do sintagma, advém da presença de uma parcial literalidade de sentido retida no auxiliar.

Vejamos, sem propósito de análise minuciosa, alguns exemplos, com três ou quatro verbos apenas:

Em Machado de Assis é frequente entrar + infinito para exprimir início de processo:

Rubião, ficando só com as duas mulheres, entrou a andar de um lado para outro, a bafando os passos, para não incomodar ni guém.

(M. Assis, Q. Borba, p. 193).

Para não parecer que se lhe metia à cara, entrou a rarear as vistas ()

(idem, O Lapsos, em H.S.D., p. 39)

E entraram a conversar sobre o escândalo das mulatas se prepararem tão bem como as senhoras.

(Al. Azevedo, O Mulato, p. 95)

Frequente em Aluísio Azevedo é o uso de abrir, verbo de sentido físico, concreto e bem determinado, seguido do infinito de verbos que exprimem ato humano (choar, soluçar, rir). A metáfora exprime a rapidez com que se inicia e desenvolve o processo:

E José abriu a chorar como um perdido.

(Al. Azevedo, O Mulato, p. 79).

() mas a histérica passou-lhe os braços em volta do pescoço e desatou a chorar com o rosto escondido no seu colo

(idem, Casa de Pensão, p. 132)

Janjão olhou o pai com medo e abriu a chorar.

(idem, *ibid.*, p. 70).

Outros verbos de sentido físico dão ênfase ao processo da ação:

Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito.

(M. Assis, Igreja do Diabo, em H.S.D. p. 21)

() depois deitou a correr para a varanda

(Al. Azevedo, O Mulato, p. 232).

Exprime a frequência com que se repete a ação, com um matiz depreciativo, a perífrase formada com dar de, dar para + infinito:

Comecei a verificar que eu também sou velho pela velhice que dei para ver nos outros.

(W. A. Dourado, Nove Hist., p. 127).

Ela coitada! tinha muito medo sempre que o via nesse gôsto, porque o demônio do homem dava então para brigar, mexia com quem passava ()

(Al. Azevedo, Casa de Pensão, p. 68).

Bem do gosto popular, pegar perdeu a concretude, e em

muitos empregos, conota despeção, como em pegou a dar com a lín-
qua nos dentes, Fulano pegou a escrever versos, o dente pegou
a doer. O valor habitual ou frequentativo é o mais comum neste
verbo. Torna-se mais abstrato e depurado de conotações expressi-
vas no relato histórico:

Pegou a aparecer caça, a aparecer caça,
que o homem já não sabia em qual atiras-
se.

(B. de Magalhães, O Folclore no Brasil,
p. 249).

Concluimos que a expressividade e a ênfase, e todos os
valores subjetivos de uma perífrase, não seriam possíveis, sem
um suporte no léxico do auxiliar. Experimentemos outro teste.

b) a possibilidade combinatória com a forma nomi-
nal exigida.

Já vimos, no estudo dos constituintes do sintagma ver-
bal perifrástico, que o auxiliar tem de combinar com uma das
formas nominais do auxiliado. Da combinação deve resultar a pe-
rífrase: sequência de duas formas verbais, cada uma definida
gramaticalmente, capazes de estabelecer certas relações recípro-
cas. A combinação produz uma certa unidade de conteúdo semânti-
co capaz de exprimir determinados valores. É um critério verbal.

Deste modo, estabelecidos os paradigmas sintagmáticos,
a possibilidade de substituir um dos verbos de cada modelo por
outro de igual incidência, define a auxiliaridade deste último
e o classifica pelo modelo do primeiro.

Assim pode da frase 1. a) testa deve da frase 1. b) ,

porque ambos se substituem mutuamente quanto à exigência de combinação com o infinito para exprimir um valor de modalidade:

1. a) Ele "pode" estar sendo perseguido

1. b) Ele "deve" estar sendo perseguido

Se a frase for:

2. a) Ele é procurado pela polícia

Vê-se que a substituição, se não produzir uma frase agramatical, por outro lado não reproduziu o sentido de 2. a), pois que esta exprime passividade e 2. b) processo da ação verbal.

Mais difícil é saber se 2. c) reproduz os mesmos valores contidos em 2. a), embora se possa logo afirmar que não reproduz os de 2. b):

2. c) Ele está procurado pela polícia.

Pode-se ver que à noção passiva da frase associa-se a de "está" instalado no processo.

Mas em todas as frases as seqüências dos verbos satisfazem as condições formais e funcionais que permitiram a combinação. São auxiliares, apesar de conterem valores distintos, em graus diversos.

Por outro lado está, que aparece na frase 2. c), pode aparecer também na frase 2. d):

2. d) Ele está procurando os amigos.

Mas, pelas razões apontadas acima, seu valor aqui difere do que contém em 2. c), pois o processo da ação verbal aqui é durativo, diverso do que informa o processo da outra frase.

Por substituição de está, outros verbos credenciam-se a desempenhar papel idêntico na mesma combinação, apenas com pequenos matizes de diferenciação de sentido. Daí que anda, vive, fica, etc. classificam-se como auxiliares da classe de está.

Se, desta vez, o que se tiver em 2. e) fôr:

2. e) Ele está na cidade procurando uma casa.

será mais duvidoso o caráter de auxiliaridade de está, já que, como verbo de "repouso", admite autonomia semântica, e esse sentido estático agrega-se à expansão adverbial na cidade, na medida que se isola de procurando. A pontuação, em casos semelhantes, pode contribuir para eliminar ambiguidades mais deformadoras do sentido, como em:

2. f) Ele anda depressa, cantando

2. g) Ele anda, depressa cantando.

Às vezes é necessário confiar mais na ordem, porque é só por palpite que se pode indicar onde bate a expansão em:

2. h) Ele anda, depressa, cantando.

A nossa crítica à eficácia deste critério para testar a auxiliaridade de um verbo funda-se em observações que já deixamos registrados em outro capítulo e dizem respeito, sobretudo, às restrições semânticas que um determinado verbo pode determi

nar na sua combinação com outro. Já vimos como verbo da mesma classe, como os modais, apresentam peculiaridades de um para outro às vezes, que incompatibilidades podem aparecer quando se passa de uma pessoa para outra, de um tempo ou modo para outro, etc., etc.

Passemos ao critério da letra abaixo:

c) a transformação passiva.

Constitui-se em outro critério que pode até certo ponto testar o grau de intimidade entre os elementos do sintagma. Como temos visto até aqui, as dependências mútuas dos constituintes asseguram a unidade semântica do sintagma. Não se podem alterar as características gramaticais de um constituinte sem que isso não venha a alterar o conjunto. Reciprocamente a presença de certos traços exigidos para a constituição do sintagma assegura a sua intangibilidade, quando sujeito a uma série de novos arranjos na frase.

A conversão à passiva, por exemplo, é um arranjo sintático que permite verificar se se preservam os traços das necessárias modificações que este arranjo impõe quando de uma frase ativa se quer obter a passiva correspondente. Devemos partir de um sintagma verbal simples, na oração ativa, para a primeira conversão. Na segunda fase submete-se o predicado simples da ativa ao regime do verbo que se deseja testar como auxiliar: se a sua presença se confirmar após a conversão, fica provado o seu caráter de auxiliaridade. Vamos aos exemplos:

A) 3. a) □ sábio despreza as vaidades

3. a) As vaidades são desprezadas pelo sábio.

- B) 3. b) O sábio tem desprezado as vaidades.
3. b') As vaidades tem sido desprezadas pelo sábio.
- C) 3. c) O sábio está desprezando as vaidades.
3. c') As vaidades estão sendo desprezadas pelo sábio.
- D) 3. d) O sábio vai desprezar as vaidades
3. d') As vaidades vão ser desprezadas pelo sábio.
- E) 3. e) O sábio vai desprezando as vaidades
3. e') As vaidades vão sendo desprezadas pelo sábio.
- F) 3. f) O sábio parece desprezar as vaidades
3. f') As vaidades parecem ser desprezadas pelo sábio.
- G) 3. g) O sábio pode desprezar as vaidades
3. g') As vaidades podem ser desprezadas pelo sábio.
- H) 3. h) O sábio manda desprezar as vaidades
3. h') As vaidades mandam ser desprezadas pelo sábio.
- I) 3. i) O sábio afirma desprezar as vaidades
3. i') As vaidades afirmam ser desprezadas pelo sábio.

Com exceção das parênteses H) e I) todas as demais frases, notadas com o expoente na letra, aprovam a auxiliaridade do verbo que se associa com a forma nominal reclamada pelo seu regime. Não imputaremos de agramaticalidade nem 3. h') nem 3.i'). Diremos antes que pertencem a classes diferenciadas de estrutura gramatical, pois têm comportamento sintático diverso. Opõem entre si, como em relação às demais do exemplário.

Uma mesma restrição aponta para 3. h') e 3.i'): a incompatibilidade de vaidades, palavra de natureza inanimada, exercer a ação de afirmam, "verbo de afirmação", o qual, por isso normalmente predica ação de ser "animado" e "humano". (A observação feita vale para a linguagem geral, comum, e não pensou em emprego metafórico). O desarranjo de sentido de 3. h') procede ainda da ausência de sujeito para ser desprezadas pelo sábio. E aqui nem se poderia pensar numa indeterminação do sujeito, possibilidade realizável desde que ele facilmente pudesse ser subentendido ou logicamente suposto como ocorre na construção ativa (cf. a correspondente ativa 3. h)). O próprio subentendimento de sujeito, na construção ativa, só é possível porque ele aponta para uma ideia genérica de seres que normalmente são os agentes pressupostos na prática de uma dada ação. Na frase de 3. h) bem poderia ser "o homem", "a criatura humana", "os mortais" etc. Assim é evidente que se pode dizer muito bem: mandei reformar a casa, e ninguém suporá, senão "operários", "pedreiros" etc. os encarregados da tarefa, do mesmo modo que o agente que se cala em minha casa foi reformada leva a subentender que essa mesma classe profissional operou a ação do meu conforto ou da minha vaidade.

A transformação passiva não interfere na ordem das seqüências mais complexas, porque figura sempre na posição final delas. Exige a transitividade no sintagma verbal, bem como sua

compatibilidade semântica com o sujeito e objeto direto, a partir da frase ativa. Fica, assim, vetada a passiva lá onde a ativa não se realiza.

O auxiliar típico conversor é ser. Quaisquer que sejam as "modificações" instaladas no sintagma ativo, o mecanismo da transformação não interfere para modificá-las. Desse modo, preserva-se a intangibilidade do caráter auxiliar no verbo que entrou no sintagma ativo para exprimir aspecto, tempo e modo.

Com a transformação, duas alterações vão ocorrer no sintagma:

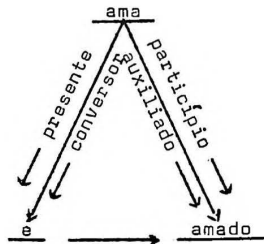
- a) a introdução do auxiliar conversor (ser), o qual vai ficar na mesma forma temporal do sintagma ativo, se este for forma simples, ou vai assumir a forma nominal exigida pelo auxiliar regente, se o predicado for perifrástico.
- b) a conversão do verbo ativo em forma de participio.

Assim teremos o esquema e os exemplos para as duas situações:

1) sintagma ativo: forma simples

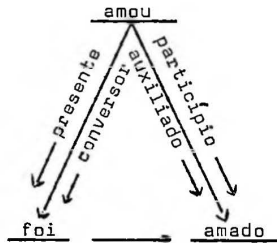
sintagma passivo: conversor (ser) na mesma forma temporal do sintagma ativo.

Exemplo:

sintagma ativo:sintagma passivo:

sem modificação
temporal em
relação à
forma ativa

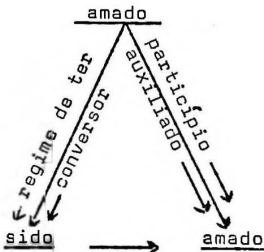
forma de partic.

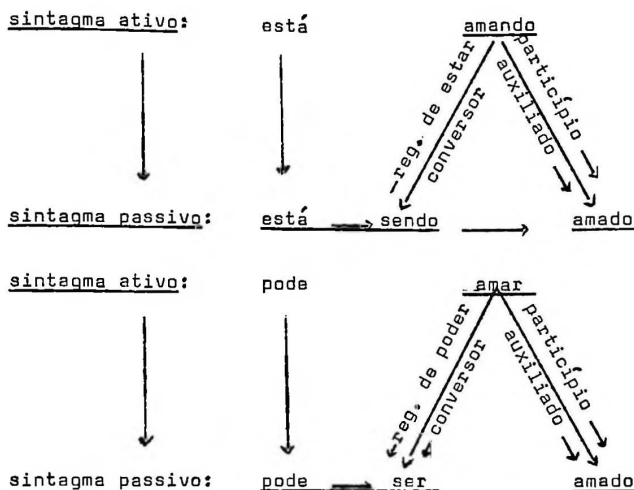
sintagma ativo:sintagma passivo:

2) sintagma ativo: sintagma perifrástico

sintagma passivo: conversor (ser) na forma nominal exigida pelo auxiliar regente.

Exemplo:

sintagma ativo: temsintagma passivo: tem →



A vista das transformações a que procedemos neste ítem, acreditamos que este é um dos critérios de maior eficácia para testar a auxiliaridade verbal. Parece mesmo que a transformação passiva é um processo que apresenta uma rara sensibilidade ao "status" da frase.

a) a negativa

Tão íntima é a relação que a negativa estabelece com o verbo, que, no inglês, por exemplo, segundo já vimos, forma com os auxiliares uma só unidade fonética (isn't, can't, don't, etc.)

Poderíamos dizer que forma também uma única unidade semântica, pois "negar" é também transmitir um conteúdo de predicação. Em muitos casos o recurso à forma negativa constitui-se num processo auxiliar das necessidades léxicas.

No modelo transformacional a negação é considerada um "constituente" e não uma "expansão" (5)

No francês será um constituinte descontínuo, e as re-

gras de seu emprego leva em conta os dois elementos (je ne dis pas e ne pas dire).

Ora, em português a ordem canônica coloca, ou manda colocar, a negativa (não) normalmente antes do sintagma verbal.

Vou / não vou

ir / não ir

visto / não visto

O funcionário não compareceu hoje

Se o sintagma é perifrástico, ainda não se altera a ordem: a negativa vem antes do auxiliar:

Não tenho dormido bem.

Não estávamos querendo ofender ninguém

Só o pronome pessoal átomo se aproxima mais do verbo, e isto certamente quando em próclise a êste, mas não altera a ordem da negativa:

Eu não me vou agora

O funcionário não me deu o cartão de protocolo

Certo é que não lhe têm agradado os latidos do animal.

Parece que, por tudo isso, observar o valor da negativa nas frases, em que figura mais de uma forma verbal, é importante para se verificar até onde chega a força de seu sentido, isto é, que declaração se apresenta negada. Vejamos pelos exemplos e a posterior análise deles:

4. a) O menino não tem estudado
- b) O menino não está estudando
- c) O menino não pode estudar
- d) O menino não vai estudar
- e) O menino não vem estudar
- f) O menino não começou a estudar
- g) O menino não há de estudar
- h) A lição não foi estudada pelo menino.

Se alterássemos a posição de "não" interpondo-o às formas verbais das frases, verificaríamos:

1) Em 4. a) não seria possível a sua colocação, nem como variante. Assim nem é válido discutir oposição de sentido lá onde ela não é acompanhada de diferença de expressão. A negativa modifica o conjunto.

2) Em 4. b) parece-nos que é possível figurar a negativa entre estar e gerúndio nalguns casos; ele está não carecendo de ajuda, estamos não interessados nisso.

Nestes casos, parece-nos, a função da negativa diante do gerúndio ou particípio é a de gerar a palavra de sentido oposto (cf. ter / não ter = carecer). Assim, não interessado vale por disinteressado. Nestes casos, parece-me que a função da

negativa é semelhante a de um afixo qualquer, ou mais propriamente a de um prefixo, equivalente aos que, na língua, servem para exprimir a mesma função. Seja lá como for, essa colocação não é corrente, até pelo que já se disse. Como teste, fica claro que a negativa só tem uma posição canônica para negar todo o sintagma.

Diferente é o caso da frase 4. c), onde a alteração da ordem da negativa acarreta diferença de sentido. Mas aí é que entra a questão: se se pode fazer negativo, indiferentemente, tanto pode quanto estudar, então não se trata de considerar, no enunciado, a presença de duas orações e não de uma única? Veja mos:

4. c) O menino não pode estudar.

4. c*) O menino pode não estudar.

Entendemos que a negativa funciona aqui como no caso anterior: vale pela idéia negativa de uma palavra. O conjunto não estudar equivale a uma idéia verbal única, de valor contrário a estudar, isto é, descansar, folgar.

Na verdade já lembramos uma interpretação de que a negativa é um constituente e não uma expansão. A noção de poder tem de ser completada com uma forma de infinito, seja este adorar, desadorar ou não adorar. Esse modo de ver, não considera diferença de senão entre pode e não pode, porque não parece pertinente fazê-lo. Mas a diferença existe e acarreta distinções nos conjuntos (cf.: eu não posso ver = sou cego / eu posso não ver, eventualmente).

Mas acontece, ainda, que na forma afirmativa de poder já encontramos diferenças de sentido.

Em última análise, a posição da negativa, nas frases com modais, não desmembra os verbos; domina uma só predicação referida a um único sujeito. Impõe, todavia, diferença de semas que o verbo já conhece na sua apresentação normal, pura e simples. Para todas as demais orações apresentadas no exemplário dado prevalece, em nossa opinião o mesmo tipo de análise da função da negativa.

Agora consideremos as frases:

5. a) Afirmo estar bem

b) Afirmo terem talento

c) Deixou o amigo sair

Em não afirmo estar e afirmo não estar podem-se figurar duas afirmações distintas embora referidas ao mesmo sujeito: não afirmo (= nego) / afirmo e estar / não estar.

Assim posta, a coisa aqui pode parecer idêntica ao caso anterior de posso não fazer e não posso fazer. Numa coisa os dois casos se identificam: o sujeito é único, cá e lá, para as duas formas de verbo. Uma diferença todavia, existe entre a afirmação de posso e afirmo quando passam a incidir no infinito regido: a afirmação de posso é ato de julgamento, uma hipótese, externo ao que se declara no verbo regido, quanto ao sujeito deste, fato que revela o caráter de modalidade do verbo regente; a declaração de afirmo não implica em julgamento, mas é ato de natureza concreta, e que figura realmente como prática exteriorizável do sujeito da oração.

Deste modo, afirmo estar bem é suscetível da cisão das duas afirmações: eu afirmo e eu estou bem. A negativa, de acor

do com a sua colocação em afirmo estar bem, pode modificar isoladamente:

Eu não afirmo estar bem = eu não afirmo e estou bem

Eu afirmo não estar bem = eu afirmo e eu não estou bem

"Afirmar" e "estar bem" são ações realizáveis isoladamente por sujeitos diferentes. Podem, pois, ser declaradas negativamente. Não resta dúvida que em níveis superiores, supra-sintagmáticos, isto é, da frase ou do período, o sentido transmitido por afirmo não estar bem ou não afirmo estar bem, neutraliza bastante o valor das declarações isoladas. Mas, não se constituem em variantes, ao passo que em não posso enxergar (sou cego) e posso não enxergar (com sentido eventual) a oposição é ao nível dos semas.

Em 5. c), isto é, em deixou o amigo sair, teríamos as duas possibilidades de colocação da negativa:

Não deixou o amigo sair

Deixou o amigo não sair

Aqui a situação dos empregos é mais clara e revela, desde logo, a existência de sujeitos diferentes num verbo e noutro. Fica, portanto, claro que a negação, numa das formas verbais, vai dizer respeito à prática de ação por parte do sujeito de um dos verbos, não implicando na declaração negativa do outro.

Às vezes o sujeito pode identificar-se de um ponto de vista lógico. Isto obriga um arranjo sintático, em que a forma

pronominal oblíqua referente ao sujeito, seja expressa junto ao primeiro verbo:

Ele deixou-se ficar

Na negativa:

Ele não se deixou ficar

Esta faculdade que tem o verbo regente de incidir num infinito, apontando para um mesmo sujeito que o seu próprio, não altera em nada o caráter de autonomia de cada verbo quanto a predicar ação afirmativa ou negativa para o sujeito.

Resta saber ainda, neste caso, indo a negação para antes do infinito, se resulta um novo tipo de estrutura semântica. Em primeiro lugar verificamos que esse uso não é corrente; em segundo lugar, se ocorrer, parece que a função da negativa será semelhante ao do exemplo b), isto é, terá o valor de um prefixo negativo com a função de exprimir no verbo um sentido contrário. Tentemos um exemplo:

Naquele feriado ele deixou-se não sair de casa

As considerações aqui expendidas são válidas, em boa parte, para 5. b), isto é, afirmo terem talento.

Como variante puramente estilística, pode ocorrer o emprego de não repetido no último posto da frase (6). Então cria ênfase.

e) a possibilidade de emprego do imperativo

A possibilidade deste emprego tem sido aplicado como um dos critérios de verificação da auxiliaridade de um verbo. Só que funciona pela negativa.

Na discussão do assunto F.R. Palmer chega a dizer que no inglês as frases imperativas são de número muito limitado com have. E acrescenta:

"Semantically there seems no reason to exclude *Have taken, *Have been taking, etc. but in fact these forms do not exist" (7).

Entendemos que em português também não há razão para excluir o emprego do imperativo com verbos reconhecidamente auxiliares. Examinemos com ser e estar. Seria perfeitamente possível dizer-se: esteja estudando o dia inteiro. Na voz passiva é corrente como em sejam amados por Deus.

Como teste, a dificuldade que o emprego do imperativo apresenta decorre da sua falta de maior nitidez semântica, certamente em virtude de afinidades com outros valores do verbo, e até pela indistinção das formas, tomadas ao indicativo e subjuntivo (no presente). No francês, sabe-se, são formas do subjuntivo as que se empregam para a expressão do valor imperativo nos verbos auxiliares (8).

Uma restrição bem conhecida e junto aos modais: *pode, *querei, *devam

Parece-nos que a sua restrição está ligada não só a aspectos de compatibilidade semântica, como também à própria limitação funcional de suas formas, concorridas por outros processos usuais nas línguas em geral, as quais podem exprimir sentidos associados à "ordem", atenuantes ou enfáticos.

A forma negativa da "ordem" ou "mando" é perfeitamente

normal com estar, ser e com um e outro modal. De um modo geral, é possível com os que se constroem com gerúndio e infinito, ao passo que apresenta impossibilidade de emprego com os que exigem o participípio:

Não esteja aí dizendo asneiras

Não seja advertido nem mais uma vez

Não queira saber quanto esta mágoa pesa.

São estereótipos imperativos esteja preso, esteja pre parado, esteja avisado, esteja pronto, (também com ficar). Mas aí, apesar da limpidez da forma e do valor, dados pelo primeiro elemento, fica a dúvida a respeito do segundo: participípio ou adjetivo?

O que parece tornar ter + participípio impróprio para o uso no imperativo — até na forma negativa — é o seu valor aspectual: uma parcela de "perfectividade", portanto de ação já gasta, não pode ser convocada a reinstalar-se no processo no momento em que se formula a ordem. Uma frase, pois, como

Menino não tenha saído de casa até a minha volta

terá que, sendo admissível, ser analisada como dependente de um verbo que exprime "vontade" "desejo" (querer, desejar, esperar, etc.).

Aí o acabamento expresso no participípio está dado como possibilidade de ação futura (sentido que, temporalmente, se opõe a até minha volta, por parte do sujeito, mas cujo início ainda não foi desencadeado.

Porque é avesso a associar-se a noções de tempo, modo e aspecto, que vêm nas perífrases, o imperativo serve, às vezes, como critério de verificação da auxiliaridade. Mas não terá valor

absoluto.

e) a concordância

A unidade semântica do sintagma verbal é que assegura a sua intangibilidade. E ela é o pressuposto, com base no qual tem sido possível a aplicação dos testes de verificação do caráter de auxiliaridade de um determinado verbo. Assim, sempre que se processam certas alterações nos arranjos da frase (substituição, expansão, acréscimos, transformações, mudanças morfológicas, etc.), fica provado aquele caráter se o mesmo de solidariedade nas relações gramaticais das formas dos verbos persistirem, transmitindo os mesmos valores já instalados no sintagma "ideal" tomado por "modelo". Este "modelo" sintagmático é ponto de partida e já está criado na língua. Em capítulo anterior chamamo-lo também de "paradigma sintagmático". As alterações gramaticais não podem criar modificações que vão além do modelo, embora em muitos casos sabemos, as mudanças temporais ou da pessoa gramatical no verbo regente podem impor "modificações" nos valores do verbo. Mas aqui, também, tais resultados já estão previstos e fazem parte do "modelo". Assim é possível passar de eu estou fazendo para ele está fazendo, ou ainda para está fazendo frio, sem que as alterações da pessoa gramatical impliquem em novas alterações dos valores que o modelo impessoal e imtemporal estar fazendo pode transmitir.

No capítulo em que tratamos dos constituintes do sintagma perifrástico, bem como neste mesmo, no ítem em que analisamos as possibilidades combinatórias das formas verbais, foi possível verificar a existência de regras que são consideradas na realização das estruturas sintagmáticas. Por exemplo: invariabilidade de particípio quando antecedido de ter (se o valor

do sintagma não exprime ação acabada), variabilidade em gênero e número com ser, etc...

No que diz respeito ao auxiliar, também se viu que é ele o elemento que traz os morfemas de flexão. Do ponto de vista sintático é o que fica em concordância com o sujeito.

Aqui o teste consiste em verificar se o vigor da concordância não é rompido quando se substitui o auxiliar por outro verbo. A concordância do auxiliar assegura a concordância de todo o sintagma porque a sua flexão se transfere para a forma nominal.

O caráter de impessoalidade de um emprego fica marcado pelo uso da 3a. pessoa do singular no auxiliar. Observa-se a série, do verbo simples às perífrases: chove, tem chovido, está chovendo, vai chover, etc. Mas não vai sentido em: manda chover, afirma chover, embora tais combinações sejam possíveis em contexto mais amplo: E Deus manda chover na terra de Canaã, Ele a firma chover antes das cinco.

A impessoalidade de haver fica marcada no auxiliar, tanto quanto a pessoalidade de existir:

há dúvidas

está havendo dúvidas

existem dúvidas

estão existindo dúvidas

A indicação de que são cinco horas continua com essa mesma concordância quando se calcula que possivelmente devem ser cinco horas ou podem ser cinco horas. Em outros casos há alguma imprecisão no horário e uma dupla possibilidade na concordância.

parece serem cinco horas

ou parecem ser cinco horas

Os verbos unipessoais do tipo parece, como convém, im porta, consta, ocorre, precisa, acontece, deixam ao infinito a concordância com o seu sujeito. Não tendo um sujeito que se instale nele próprio, tais verbos transfere para o infinito a indicação do agente da ação que ele próprio exprime.

convém trabalhar (sem indicação de sujeito ou indicação de terminação dêle)
convém trabalhares, convém trabalharmos

Digna de nota é a duplicidade sintática de parecer. Admite emprego pessoal e impessoal.

Em sua obra "O Infinito Flexionado em Português", o Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr. explica os dois empregos assim:

- " 1ª — o verbo parecer tem a forma pessoal e o infinito, servindo-lhe de predicativo, fica invariável.
- 2ª — o verbo parecer fica na 3ª. pessoa do singular, servindo de predicado a uma verdadeira oração infinitiva. Neste caso o infinito é pessoal, tendo sujeito próprio, exatamente como quando o verbo parecer se constituiu com uma oração integrante" (10)

Assim podemos ter exemplos das duas construções:

6. a) Os vizinhos parecem apreciar música
 6. b) Os vizinhos parece apreciarem música

A análise de uma e outra frase mostra o seguinte:

- 1) De 6. a) predicado: parecem
 sujeito: os vizinhos
 predicativo do sujeito: apreciar música

- De 6. b) predicado: parece
 sujeito: os vizinhos apreciarem música

Como os demais da mesma classe parece admite a variante introduzida pela integrante que:

6. b') Os vizinhos parece que apreciam música.

Por cruzamento da construção pessoal de parecer com a pessoal do infinito desenvolveu-se um novo tipo de construção marcada pela pessoalidade nas duas formas do verbo:

6. c) Os vizinhos parecem apreciarem música

E no rastro deste tipo novo, vem a variante:

6. c') Os vizinhos parecem que apreciam música

O emprego flexionado das duas formas verbais já encontra registro em escritores quinhentistas.

Said Ali (11) lembra que esta concordância era mais em contradição na linguagem quinhentista que nos escritores modernos. Aduz vários exemplos dos quais transcrevemos da Década I, de João de Barros, o seguinte:

Vinham em tres batalhas armados a seu modo... assi ordenados em fieiras, e modo de cantar, que pareciam virem na ordem das procissões da invocação.

A variante com oração conjuncional também ocorre. Em Camões va mos encontrá-la:

Os cabelos da barba e os que "decem"
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes de água, e bem parecem
Que nunca brando "pentem" conheceram (12)
(Lus. VI, 17).

Na já citada obra, o Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr. lembra a identidade de comportamento sintático de parecer com a passiva de certos verbos, como ver, ouvir, saber, dizer e outros de sentido parecido com os quais ocorre também a dupla construção com o infinito (13).

Assim o português aceita as duas sintaxes:

6. d) Ouvia-se cantarem os galos

6. e) Ouviam-se cantar os galos

A análise será a mesma apresentada antes para parecer pessoal e impessoal:

6. d) predicado: ouvia-se
sujeito: os galos cantarem

6. e) predicado: ouviam-se
 sujeito: os galos
 predicativo do sujeito: cantar

A primeira corresponde aproximadamente a os galos eram ouvidos (no seu cantar), enquanto que a última reproduz mais precisamente o sentido de era ouvido o cantar dos galos.

A flexão do infinito é fato exclusivamente português ou da área galego-portuguesa. As demais línguas românicas só te rão com o verbo correspondente a parecer infinito invariável. Todavia, — e é o que importa aqui —, de um modo geral, o equivalente de parecer nas demais línguas românicas, comporta os dois empregos, o pessoal e o impessoal (Cf. fr. elle semblait un portrait de Véronèse, il me semble le voir, la vie semble fuir) (14).

Esse comportamento sintático continua nas línguas românicas a mesma duplicidade sintática de videri:

- a) Tu mihi videris recte fecisse
Ille mi par esse deo videtur (15)

- b) Mihi videtur te recte fecisse

Os demais verbos acima citados, que na passiva também admitem um uso pessoal e outro impessoal continuam, como videri, a duplicidade sintática do latim, onde era possível dizer tanto dicitur hostes venire como também hostes dicuntur venire.

Mais provável é que o emprego impessoal de videri tenha ganho nas línguas românicas maior desenvolvimento, pois, no latim, parece, a pessoalidade era mais frequente (16).

Como se sabe, o galego-português, ao contrário das de

mais línguas românicas, desenvolveu um sentido pessoal na forma do infinito. O emprego das formas flexionadas, naturalmente, denunciará o seu valor pessoal. Este só se marcará pela flexão quando tiver sujeito, diverso do verbo regente. Caso contrário, ficará invariável:

Devemos amar o próximo

— Ousas repetir a ofensa?

Eles parecem sentir cansaço

Desejamos trabalhar por essa causa

Podemos evitar esta imprudência

A sintaxe portuguesa do infinito com sujeito próprio opõe-se à latina e à das demais línguas românicas. Como se sabe, em situação correspondente, o emprego normal latino, era a expressão do sujeito junto ao seu infinito: credo caesarem (me, te, eum) esse probum.

E isso ocorria até mesmo quando o sujeito era comum nas duas orações: Cicero non infitiebatur in exercitatione dicendi se mediocriter esse versatum.

A comparação com o modelo latino parece-nos bastante instrutiva, e acreditamos que daí podemos tirar as seguintes conclusões sobre a sintaxe de parecer em português:

- a) o português herdou em pare(re) + scere, donde parecer, a dupla regência.

- b) com emprego pessoal parecer classifica-se entre os modais poder, querer, dever, crer, etc. Tor-na-se ativo, do mesmo modo que tantos outros verbos originários dos depoentes latinos.
- c) com emprego impessoal classifica-se entre os do tipo convém, consta, acontece, ocorre, impor-ta, etc.
- d) do cruzamento das duas sintaxes anteriores sur-tiu uma terceira que se define pela dupla pes-soalidade, a de parecer e a do infinito regido.

Temos pois:

- 1) Eles parecem estar cansados
Nós parecemos ter pouca sorte
- 2) Parece estarem eles cansados
Parece termos pouca sorte
- 3) Eles parecem estarem cansados
Parecemos termos pouca sorte

Tais construções admitem a variante conjuncional.

Outro caso curioso em português de flexão do infinito é o que ocorre, quando êle vem após os chamados verbos "facti-vos" ou "causativos", do tipo mandar, deixar, fazer, ver, ouvir e outros parecidos.

Deixei os meninos sair

Se o sujeito do infinito vier representado por pronome

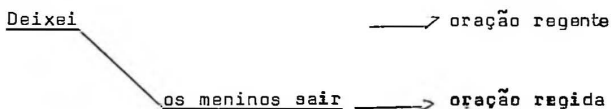
pessoal, este virá na forma oblíqua, e é indiferente que o infinito flexione ou não:

Deixei-os sair (ou saírem).

A ausência de qualquer indicação de sujeito faz supor, pelo contexto, que se trata de um caso de sua indeterminação:

Mandei reformar a casa.

A análise nos revela a existência de duas orações nos exemplos. Fazendo-as por diagrama.



A regida tem função de objeto direto da primeira. Na oração regida temos:

sujeito: os meninos.

predicado: sair

A mesma análise se fará para

Deixei-os sair

às vezes o sujeito do infinito vem representado por um substantivo inanimado, incapaz de exercer, numa frase simples, a ação verbal:

Mandei vir uns livros.

Na realidade só racionalmente concebemos a impossibilidade de seres inanimados não poderem praticar certas ações . incompatíveis com a sua natureza estática. Todos os dias dizemos em casa: — os livros já vieram de São Paulo, — a sua encomenda já chegou. E nem temos necessidade de explicar isso pela função factiva do predicado.

Outras vezes o infinto se apresenta na passiva:

Deixou o amigo ser castigado pelos agressores.

Também pode o sujeito ser comum aos dois verbos. Ai, então, ele se apresenta com o seu valor reflexivo:

Paulo deixou-se ficar.

É sintase também latina. Até certo ponto a construção vem responder a que, em latim, se fazia também com os verbos de outras classes:

Volo me esse clementem (= volo esse clemens)Ciceri dicebat se in exercitatione dicendi mediocriter fuisse versatum.

São empregos que correspondem ao chamado "reflexivo indireto " que Hale and Buck explicam como sendo possível "only where the subordinate clause expresses the thought of de Subject of the main clause" (17).

Ora, em todos esses empregos temos o mesmo fato indis-

cutível de que a natureza predicativa do verbo regente incide na forma de um infinito, cujo sujeito é normalmente diverso do que figura naquele, podendo também identificar-se com ele. em português a possibilidade de flexão do infinito é só para o primeiro caso, embora, às vezes aí também, seja possível a escolha.

O que nestas construções chama atenção é o fato de vir em forma pronominal oblíqua o sujeito do infinito. Mariano Bassols de Climent, desde logo, denuncia a incongruência, ao tratar do assunto:

"El uso del acusativo em función de sujeto del infinitivo está em oposición con el significado propio, de este caso destinado a sufrir la acción verbal, non a ejercerla" (18)

Na exposição que se segue o autor mostra que a construção determinou o estreito relacionamento do acusativo com o infinito. Mais tarde, desligando-se o acusativo do verbo regente acabou por converter-se em sujeito do infinito (19). As marcas formais do antigo acusativo só se denunciam nas línguas românicas quando este se apresenta pronominalmente. Em caso contrário, só a sintaxe é que é latina.

Em face disso, desaparece toda a complexidade das múltiplas possibilidades de realizações que acima apresentamos. Persiste um fato: todas elas tem o mesmo suporte: originam-se na sintaxe latina de acusativo com o infinito, não importando que os sujeitos sejam diferentes ou idênticos, ou que o infinito seja ativo ou passivo, etc.

Deste modo, pode-se verificar que, sintaticamente os factitivos apresentam comportamento idêntico ao dos verbos de "afirmação" e "vontade". Não estranha, pois, que a construção de êle deixou-se ficar seja latina e a mesma de Caesar dixit se Venisse. Que semanticamente possam os causativos definir valores diversos, é coisa que posteriormente veremos. Mais uma observação: a reflexividade nos factitivos não faz parte da natureza intrínseca da significação verbal é puramente acidental como a que pode ocorrer no emprego de tantos verbos ativos.

Como reflexão final a respeito da concordância, como teste de verificação de auxiliaridade, resta dizer que a unidade semântica formada por estes verbos associados ao infinito, ultrapassa o nível de predicação dada para um único sujeito. Isso não impede que, em muitos casos, dependendo do verbo regente em causa, o falante vá tendo um sentimento da solidariedade das formas. Daí poder ele "mentalizar" numa só unidade de sentido o que já se lhe apresenta num "clichet" linguístico de formas combinadas, que vem a ser um paradigma realizado: mandar fazer, mandar comprar, mandar pedir, mandar matar, mandar vir, mandar pagar, mandar trazer, fazer voltar, ouvir dizer, ouvir falar, ver chegar; deixar entrar, deixar fazer, etc. Em todos estes casos a indeterminação no infinito rompe o bloqueio semântico que se interpõe às predicacões das formas verbais. As relações vicinais destas, sem interposição de outro elemento, contribuem para isso. Em português é tão frequente o emprego dessa combinação, mesmo lá onde o sujeito real prefere esconder-se na indeterminação ou na elipse. Ocorre nos recados:

- O diretor manda avisar a vocês que...
- O pai mandou buscar o dinheiro.
- O patrão mandou procurar a encomenda.

f) O mecanismo de perguntas e respostas.

As línguas, de um modo geral, possuem sistemas próprios de perguntas e respostas. O mais geral e econômico, é sem dúvida o da utilização de advérbios próprios, que têm a função de "afirmar" ou "negar". O sistema de respostas afirmativas e negativas em português é o que normalmente utiliza os advérbios típicos desta função "sim" e "não". Mas convém notar que em português o seu emprego só tem sentido claro nas respostas a perguntas de sentido afirmativo:

— Você vai à festa?

— Sim (= vou)

ou

— Não (= não vou)

Se a pergunta vem na forma negativa, a resposta por meio de tais advérbios corre o risco de apresentar ambiguidade:

— Você não vai a festa?

— Sim (isto é vou, mas também pode "confirmar" à própria pergunta e significar não vou)

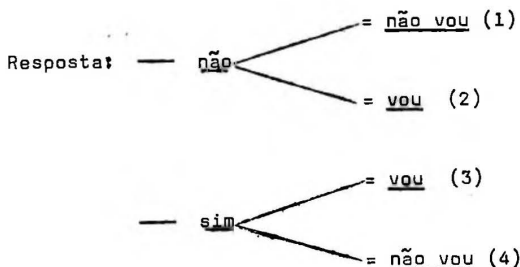
ou

— Não (isto é, não vou, mas também pode "negar" à própria pergunta e significar vou).

A falta de uma diferenciação formal no processo da pergunta negativa não confere à resposta um sentido inequívoco ,

quando esta é dada só com o advérbio simplesmente. Daí a pergunta de forma negativa comportar um duplo e contraditório sentido na resposta. De certo modo, ou a resposta vem "contextuada" com a pergunta (responde, portanto, à pergunta linguisticamente formulada) ou, noutro caso, descontextuando-se, ela passa a desempenhar a disposição do interrogado. A resposta não leva em conta a pergunta e passa a ser a manifestação do interrogado no momento em que a dá. Assim seria pouco claro o sentido de um "não" a uma pergunta como: — você não vai sair? A resposta "não" teria de vir acompanhada de palavras do contexto: — não vou; sim, não vou; ou, caso se respondesse pela afirmativa: não vou ou não, vou sim. Em esquema teríamos:

— Você vai sair?



As respostas (2) e (4) estão em contexto com a pergunta ao passo que (1) e (3) não a levam em conta.

O teste da resposta permite, desde logo, estabelecer um tipo de oposição entre a resposta a uma pergunta cujo predicado é um verbo simples e a resposta a uma pergunta cujo predicado é perifrástico. No primeiro caso temos sempre ou advérbio típico (sim ou não) ou o próprio verbo, enquanto que no segundo caso pode ocorrer, também, a primeira alternativa ou ainda o

verbo auxiliar:

— Você vai a festa?

Resposta: — sim ou vou

— não ou não vou

Observe-se que não vou é todo o sintagma da resposta, ao passo que em sim, vou o sintagma se apresenta reiterado:

— Você tem ido a festas?

Resposta: — sim (ou tenho)

— não (ou não tenho)

Como para a nossa análise o uso dos advérbios não tem maior interesse, a partir de agora procederemos à resposta com o próprio verbo usado na pergunta:

às vezes é possível, em português, distinguir com mais precisão o sentido léxico que um verbo auxiliar ainda retém, pela comparação com outros de sentido aproximado, bem como distinguir, num mesmo verbo, diferenças de sentido. Vejamos os dois exemplos:

7. a) — Você quer abrir-me a porta?

b) — Você quer ir à Europa?

Em 7. a) o auxiliar da pergunta não tem a função de consultar a

vontade do interlocutor. A consulta é, paradoxalmente, mais uma ordem, polidamente feita. Quem assim pergunta, está aguardando uma alternativa por parte do interlocutor. Neste caso a resposta pode ser dada com o verbo léxico: — abro. A pergunta exclui a possibilidade de substituir quer por deseja.

Em 7. b), ao contrário, a interrogação pode apresentar características diferentes:

1) proposta de alternativas:

— Você quer ir à Europa (ou à Bahía, ou ficar aqui mesmo)?

2) resposta com o próprio auxiliar, no caso de confirmar o teor da pergunta:

— Quero.

3) substituição por desejar:

— Você deseja ir à Europa?

Neste teste quisemos ver até onde o mecanismo de perguntas e respostas permite revelar a interdependência que entre si estabelecem certas funções da frase. F.R. Palmer, frequentemente citado por nós neste trabalho, aponta como ambígua a oração: I like boxing. Para desambiguizá-la, propõe que se formulem duas perguntas diferentes:

— What do you like doing?

— What do you like?

Reconhece ele a obviedade de que "boxing" na segunda pergunta é tratado como nome paralelo a "football", "ice-cream", enquanto não é tão claro o mesmo sentido na primeira. (2).

Uma resposta, na sua forma de sim ou não endereça-se o brigatoriamente ao elemento principal de um enunciado, qualquer que seja o nível deste, ou, em outras palavras, ao próprio verbo da oração subordinante. A interrogação que figura em um período atinge a oração principal subordinante. Na resposta, o advérbio sim ou não reporte-se também a ela, desconsiderando o conteúdo das demais orações. Assim se interrogarmos:

— Você tem acompanhado as reportagens que um jornalista vem fazendo sobre a Amazônia?

a resposta sim (ou tenho) ou não atinge predominantemente a primeira oração. Ora, mas perífrases há idêntica hierarquia entre auxiliar e auxiliado.

g) outros critérios.

A importância de um critério para testar a auxiliaridade de um verbo (ou o seu grau de auxiliaridade, repetimos, vai depender de sua confirmação por outros. O importante é que a aplicação deles possa contribuir para dar uma visão clara do sintagma verbal, de modo que se revelem as relações mútuas dos componentes, sua estrutura e função.

Antes de encerrar este capítulo ainda queremos lembrar que outros recursos poderão também ajudar na mesma tarefa. Certos elementos adverbiais, por exemplo, podem incidir em todo o sintagma ou apenas em um de seus elementos, isoladamente. Da ordem de sua colocação vai depender, às vezes, o tipo de incidên-

cia. Certamente, quando se trata um caso de perífrase, a ordem não tem qualquer interferência no resultado. É possível entender-se o mesmo sentido em frequentemente meus amigos tem vindo visitar-me e meus amigos tem vindo visitar-me frequentemente.

A noção temporal, certamente, depois da negativa, é a que estabelece vínculos mais íntimos com o sintagma verbal. Por isso, costuma aparecer na resposta, às vezes até desacompanhada do verbo:

— Você já foi à Bahia?

Resposta — Já (ainda não, nunca)

Apesar de se reconhecer a intimidade de relação dos modais com o infinito, às vezes um mesmo advérbio é capaz de insinuar matizes no sentido, conforme a colocação que tem em relação aos dois verbos:

— Você agora pode voltar

— Você pode voltar agora

Na primeira frase sente-se que a noção temporal do advérbio, em parte neutralizada, fica um pouco modalizada. O sentido da frase é como se exprimisse: Você já tem condições para voltar. Na última frase perdura a noção temporal, associada ao verbo de movimento.

J. R. Firth, (21) citado por R.F. Palmer, (22) aplica um critério de identificação do verbo auxiliar, por meio de um processo que ele chama de código ("code"). Os auxiliares desempenham esta função. O processo faz subentender, numa sequência

mais ou menos longa de um diálogo, um verbo léxico, o qual aparece apenas na primeira frase. A partir dela, êle vai sendo conduzido elipticamente pelos auxiliares das frases subsequentes. Desconhecida a frase inicial, as subsequentes (em que o verbo léxico não aparece) tornam-se ininteligíveis. A frase inicial constitui-se, assim, em "chave" do diálogo. A auxiliaridade converte-se aí num instrumento eficaz de comunicação, necessário para evitar repetições fastidiosas.

Não resta dúvida que o processo poderia, igualmente, ser aplicado em português. Lá onde a possibilidade de combinar com uma das formas nominais do verbo fosse vetada, ou, por outro lado, se o sentido se tornasse ininteligível, caberia a suspeita de que o verbo usado não tem, na língua, a função de auxiliar ou qualquer grau de auxiliaridade.

CAPÍTULO II - Notas

(1) Cf. W. F. Twaddell, The English Verb Auxiliaries, p. 11

(2) Em inglês, onde certas características morfológicas e sintáticas, definem de maneira clara os auxiliares, a validade dos critérios de testes deste caráter, não suscita maiores contestações.

Aí os modais Will e shall, can, may e must e ought se opõem aos demais pela ausência do morfema -S na 3ª pessoa do singular no presente. Sintaticamente, todos os auxiliares em inglês repelem o auxiliar do nas frases interrogativas, negativas ou interrogativas negativas.

Em consequência, o contato da negativa not com os auxiliares gera formas especiais, verdadeiras unidades fonéticas, onde a negativa apresenta o valor de um verdadeiro morfema. A opposição entre um auxiliar e um verbo comum se denuncia formalmente

I can't come / * I liken't travel.

(3) Tanto E. Bourciez, como C. Tagliavini atestam um uso de habere + infinito, já em Cícero com verbos de afirmação, tipo habeo dicere. É do 1º a atestação: "De re publica nihil habeo ad te scribere" (Ep. ad. Att 2, 22, 6). Aí exprime possibilidade. Mais tarde no período românico assume sentido de "dever" (Cfr. E dward Bourciez, Eléments de Linguistique Romane pp. 117 - 118 e C. Tagliavini, Le Origine delle Linque Neolatine, § 51, p. 213).

(4) M. Grevisse - Le Bon Usage - § 654 p. 582.

(5) Confronte Nicolas Ruwet, introduction à la grammaire qé

nérative, pp. 339 e 342.

(6) Mário de Andrade no seu gosto de estilizar certos modismos da linguagem popular afeiçoa-se a tal emprego, até mesmo nas páginas de crítica. Eis alguns exemplos:

Pois não vi não! Os Contos de Belazarte p. 31

Não dormi não! (ibid p. 42).

Não se trata de nenhuma imitação da natureza, não.

O Empalhador de Passarinho p. 132.

Mas não guardei a sensação de que a vitória fosse dele não (ibid., p. 153).

(7) F. R. Palmer, A Linguistic Study of English Verb. p. 58.

(8) G. Guillaume, fala de um certo obstáculo que encontram tais verbos para o emprego do imperativo indicativo. Concebe uma certa "pré-existência" em tais verbos em relação aos outros. Leçons de linguistique. Noutro passo de sua obra o autor exclui o imperativo do quadro modal, considerando-o um "mode de parole" (Cf. os passos, em Leçons de linguistique, respectivamente, p. 238, p. 81.

(9) Certamente, os hábitos de polidez criam expressões de valor atenuante da "ordem". F. Brunot lembra alguns destes processos em francês, mas observa que "ce ne sont pas, à vrai dire, ces formules qui atténuent, c'est le ton" (La pensée et la langue, p. 564).

(10) As regras transcritas do emprego do infinito com parecer fazem parte de uma nota em que o autor, além de apresentar exemplos e fazer algumas remissões a outros passos de sua obra, assi

nala a função predicativa do citado verbo (Theodoro Henrique Maurer Jr., O Infinito Flexionado em Português, p. 109, nota 76.

(11) Cf. M. Said Ali, Gramática Histórica da Língua Portuguesa, p. 346.

(12) Apenas a indicação do passo foi dada por Augusto Epiphânio da Silva Dias, (Syntaxe Histórica Portuguesa, p. 220, Obs.)

A transcrição dos versos de Camões foi baseada em edição de Os Lusíadas organizada por Emanuel Paulo Ramos.

Na transcrição pusemos aspas em decem e pentem para corresponder ao itálico da edição. Os grifos assinalam as formas verbais da perífrase.

(13) Cf. *idem*, op. cit. p p. 180 - 183.

(14) O primeiro exemplo aí citado foi recolhido em R. L. Wagner e J. Pinchon, Grammaire du Français, p. 305. Quanto aos demais são devido a F. Diez, G.L.R., tome III, p. 206.

(15) Catulle, Poésies, 51, 1.

(16) Cf. O. Riemann, Syntaxe Latine, § 178, nota (2), p. 299.

(17) Hale and Buck, A Latin Grammar, § 262, 2 p. 145.

(18) Mariano Bassolo de Climent, Sintaxis Latina, II, § 204, p. 209.

(19) Cf. *id.* ibid. p p. 209 - 210.

(20) Cf. id. ibid. p. 154.

(21) J. R. Firth apresenta uma breve descrição de certas características do auxiliar inglês. Insiste na unidade fonética das formas auxiliares com a negativa, devida a uma associação muito estreita (It is not possible to regard Won't as built upon the phonetic basis of Will and not) (loc. cit.).

Outra característica dos auxiliares é a de seu emprego "of operators as code verbs"

Cf. J. R. Firth, Selected Papers of, p p. 104 - 105

(22) Id. ibid. p. 24.

CAPÍTULO III

Perífrases verbais e tempos compostos

Será legítimo acatar em português uma diferenciação entre "tempos compostos" e "perífrases verbais"?

Georges Gougenheim, na introdução de seu estudo sobre perífrases verbais, de início afasta qualquer propósito de estudar as "locutions" de avoir + particípio, être + particípio e avoir + infinito, afirmando que "ces formes constituent au point de vue morphologique un tout incorporé en quelque sorte dans la conjugaison". (1)

Embora não nos pareça muito clara a razão do "point de vue morphologique", tal procedimento pode justificar-se para as línguas românicas em geral, lá onde certas combinações especiais com alguns auxiliares entraram no quadro da conjugação verbal com a função de assegurar ou restabelecer o equilíbrio primitivo do sistema, comprometido pela perda ou neutralização de algumas de suas formas.

Considera-se aí a perspectiva diacrônica da superposição de sistemas que vão assegurando a sua eficácia pela criação de formas novas destinadas a preencher as lacunas daquelas já condenadas ao desaparecimento.

Mostrar as etapas desse processo de refacção do sistema é a preocupação dominante de L. M. Skreliina, num pequeno estudo sobre a formação do sistema verbal no francês antigo. (2).

Só que para este autor, diferindo-se do ponto de vista de G. Gougenheim, as construções que passam para o sistema são aqueles em que entra o particípio:

De toutes ces constructions seules les constructions avec le participe passé entrent dans le système, toutes les autres restent au niveau des faits de parole. (3)

Este modo de interpretar as criações românicas posteriores como sucedâneas de formas perdidas, apresenta o defeito, segundo crítica corrente em nossos dias, de atribuir valores idênticos a elas. Mas tem sido uma idéia dominante nos autores que costumam atribuir certa prioridade aos valores semânticos do sistema. A Meillet, em mais de um passo de algumas de suas obras, tem insistido nesse ensinamento. Explicando a perda do valor de "perfectum" das formas latinas dedi, dixi etc., afirma o autor:

Ces formes tendaient ainsi à perdre leur valeur de perfectum, et elles l'ont enfin si bien perdue que dans toutes les langues romanes, elles n'ont fourni que des préterits, et non plus des parfaits. Pour rendre le parfait on a recouru à des procédés nouveaux. (o grifo é nosso) (4)

Desse modo, tem-se admitido que as formações perifrásticas antigas, vieram preencher a "casa vazia" adquirindo uma função gramatical comum, já atuante no sistema.

Nas várias línguas românicas modernas, a expressão do antigo perfectum latino é dada por uma locução formada de auxiliar (o mais geral é habere) + participio.

Mas, certamente a tradição gramatical que acostumou a ver nessa formação um sucedâneo da antiga forma simples do per-

feito, prefere atribuir-lhe uma "função gramatical comum" a considerá-la uma perífrase com "valor semântico próprio". Essa descrição corresponde à fase já moderna das línguas românicas em que a perífrase formada de habere + particípio vai desenvolvendo o seu emprego com o valor temporal, à medida que a forma simples do perfeito vai perdendo essa função.

O certo é que ainda figura em obras modernas de descrição gramatical a oposição acima indicada entre perífrases que tem "função gramatical comum" e perífrases com "valor semântico próprio". (5) M.L. Skrelina, que há pouco citamos, toma esta oposição como traço de realizações diferentes, de língua e de fala (6):

Descrevendo o sistema verbal catalão, Antônio M. Badia Margarit informa que o denominado perfeito perifrástico dessa língua ("perfecto perifrástico"), aí formado com o auxiliar anar + particípio passado, equivale "sin ninguna matizaci6n significativa diferencial", ao perfeito simples (cantí). (7)

Um exame nas demais línguas românicas revela a mesma tendência para considerar tais formações como necessárias ao preenchimento do sistema da conjugação verbal.

O catalão, como as demais línguas românicas, emprega também "haver" + particípio passado, de início usado com valor perfectivo, para a expressão de anterioridade. (8)

No espanhol, onde também subsiste a forma simples, de herança latina, ao lado da composta, de formação românica, ambas, primeiramente marcam entre si uma oposição de registro: "es una forma (o pretérito simple) puramente literaria y el compuesto sirve para indicar toda acci6n ocurrida em el pasado. (9) Paralelamente a essa oposição corre outra assinalada já por Andrés Bello e Rufino J. Cuervo, e que diz respeito a "la anterioridad

del atributo al acto de la palabra" na forma simples de pretérito, e a uma duratividade na composta, batizada pelo autor com o nome de "antepresente". (10)

De um modo geral nas línguas românicas a oposição entre a forma simples de pretérito e a perífrase de habere + participio define traços aspectuais na última. Apesar disso, os nomes com que, de um modo geral, as várias gramáticas de línguas românicas denominam essas formações ("tempos compostos", ou o nome particular que conferem a cada um deles) sugerem o predomínio de um sentido temporal com o seu valor fundamental.

De todos os tempos compostos, o que nas línguas românicas assumiu um emprego mais generalizado foi sem dúvida o formado por habeo no presente + participio. Se bem que varie de uma língua para outra a extensão de seu emprego, e até mesmo o auxiliar utilizado, tais discordâncias não anulam uma certa concordância de seu papel no sistema. Certamente essa concordância geral decorre em parte da sua origem. Essa origem e esse papel estão bem destacados por um autor cuja marcada orientação hjelmsleviana, porque é bastante conhecido, o torna insuspeito de fé historicizante na interpretação dos fatos linguísticos. Trata-se de Emilio Alarcos Llorch, mais uma vez aqui citado neste capítulo, e que no confronto que apresenta entre as duas séries do perfeito espanhol, simples e composto, observa:

no hay que olvidar el origen del perfecto compuesto, su valor primitivo de significación perfectiva o resultativa (como veremos más adelante), que a veces, como resto fosilizado, perdura en el subconsciente lingüístico. (11)

Estas nossas referências gerais sobre os chamados "tempos compostos" nas línguas românicas têm sua razão de ser porque iniciamos este capítulo com uma dúvida sobre se seria legítimo a catar, para o português uma diferenciação entre tempos compostos e perífrases verbais.

Que saibamos, a nossa tradição gramatical não acorçoou uma pertinência dos chamados tempos compostos, senão fora dos quadros da conjugação. Demais, aqui, a nossa tradição gramatical ficou, em parte, carente do modelo das demais línguas românicas, parece-nos, por duas razões especiais:

- a) a primeira é que o português difere das demais línguas do seu grupo, quanto ao auxiliar usado: aqui foi tenere que serviu de auxiliar; (12)
- b) a segunda razão — e que coloca o português em uma posição mais ou menos singular em face das demais línguas da mesma origem — é que os seus tempos simples persistiram com maior vitalidade. Nem será preciso lembrar aqui o fato de que a forma simples do perfeito português é de uso corrente em qualquer registro de uso, e conserva o seu valor românico primitivo, de tempo passado.

Seria possível aduzir outros pormenores que, no conjunto, destacam uma certa originalidade no sistema verbal português em confronto com as demais línguas românicas. Basta, porém, que se recorde o desenvolvimento de formas pessoais no infinito, a preservação das simples do mais que perfeito do indicativo (ape

ser de seu cunho erudito), uma maior rejeição, sobretudo modernamente de ser com o auxiliar de verbos intransitivos nas perífrases perfectivas compostas de valor ativo.

Concluimos, pois, que o português não apresenta pares de série para um mesmo tempo. Nem há, a rigor, uma oposição entre as duas séries, das formas simples e compostas. Não fazendo parte da conjugação ordinária, ter + particípio forma uma conjugação à parte, de valor predominantemente perfectivo. O recurso a elas serve para salientar esse valor, quando se deseja opô-lo ao sentido predominantemente aorístico das formas simples. Todavia, os valores da oposição não se extremam muito.

Podemos acompanhar em português o desenvolvimento desta construção paralelamente à correspondente nas demais línguas românicas.

Dois empregos são feitos de ter + particípio: a) ter + particípio invariável e b) ter + particípio variável. A primeira é criação românica, ao passo que a segunda corresponde exatamente à construção latina, quer pelos traços sintáticos, quer pelo valor romântico. Nas demais línguas românicas o correspondente de tenere é habere.

Como se sabe, o perfeito latino podia ter dois valores: ou o de perfeito propriamente dito, ou o de aoristo, segundo ex primisse, no primeiro caso, ação acabada e, portanto, um resultado presente de um passado imediato ou ainda um resultado durável de um ato antigo, e, noutra caso ação pura e simples, posta num dado momento transcurso. Segundo A. Ernout e F. Thomas (13), para destacar uma noção de estado adquirido o latim dispunha de uma perífrase de habeo + particípio passado no acusativo, primeiramente formada só com um número restrito de verbos. Mas, paralelamente a habere, já aparecia tenere em construção semelhante,

certamente com o mesmo valor. Os dois exemplos abaixo mencionados por Vendryes, (14) já ocorrem em Lucrecio:

Quae bene cognita si teneas, natura videtur libera continuo, dominis privata superbis, ipsa sua per se sponte omnia dis agesse expers

(Lucrecio, De Rer. Nat. II, 1090- 2)

Denique nota vagi silvestria templa tenebat mympharum, quibus e scibent umori, fluenta lúbrica proluvie larga lavere umida saxa, umisa saxa super viridi stillantia musco, et partim plano scatere atque e rumpere campo

(Lucrecio, De Rer. Nat. V, 948 - 952)

E. Bourciez menciona a generalização do emprego de habere + participio nos textos da época merovíngia, lembrando que não persistia mais nenhuma idéia de posse numa frase como "promissum enim habemus nihil sine ejus consilio agere". (15)

A sorte desta combinação seria a de substituir mais tarde (A. Ernout e F. Thomas colocam no baixo latim) o próprio perfeito. Os autores, aqui citados, traduzem o conhecido exemplo episcopum invitatum habes por tu as invite l'évêque. Daí surgiria, acrescentam, o passado composto francês: habeo scriptum = j'ai écrit. (16)

Ora, o português que conservou a herança latina das formas do perfeito, naturalmente convertendo-as mais tarde a simples formas temporais, inversamente ao que ocorreu com o francês,

pôde também conservar o valor aspectual originário nas perífrases de ter + participípio. Na Ibéria o primitivo auxiliar habere foi cedendo à concorrência de tenere, cujo emprego também se ia generalizando para marcar idéia de "posse".

E. Bourciez observa seu progresso paralelo como auxiliar de verbos transitivos, podendo-se dizer, a partir do século XVI "tengo escrita la carta" ou "he escrito la carta". (17)

Mas enquanto habere se impõe no espanhol a partir de seu emprego absoluto, (he escrito) o português desenvolveu uma propagação analógica com tenere, que acabou generalizando-se tanto com verbos transitivos como com intransitivos (tenho escrito cartas e tenho chegado).

A partir da indicação de "posse", não diferenciados em todos os empregos deste sentido, acabaram por constituírem-se em variantes também na sua função gramatical de formar perífrases.

Mais esvaziado de seu sentido literal de "posse", ter passou a exercer uma incidência direta sobre o participípio invariável convertendo-se em auxiliar deste, opondo-se à construção originária de tenere + participípio variável.

Reconhece-se uma associação, mais íntima de ter + participípio invariável. É este tipo de construção que modernamente tem emprego corrente na língua. Sintaticamente a mesma solidariedade se revê pela unicidade lógica do sujeito: em tenho feito apostas, o sujeito eu atinge todo sintagma; em tenho apostas feitas, pode-se conceber um certo grau de passividade instalada no participípio e referida ao paciente lógico apostas.

Resumindo este exame sobre o papel deste auxiliar em português, pode-se considerar o seguinte:

- a) em primeiro lugar, o português se opõe às demais

línguas na escolha de tenere como auxiliar geral do participio, tanto invariável quanto variável, independentemente da natureza predicativa do auxiliado:

tenho feito apostas

tenho apostas feitas

tenho ido e vindo

b) em segundo lugar o português opõe-se, de um lado, ao espanhol e, de outro, ao francês e italiano.

1) Opõe-se ao espanhol por que aí tenere vai o por-se a habere, em função da natureza predicativa do auxiliado:

tengo escrito um libro ou he escrito um libro

Mas: he comido; he venido

Observe-se, todavia que o espanhol fica também com tenere nos casos em que o participio concorda com o seu objeto direto:

tengo um libro escrito

tengo libros escritos

2) extrema-se mais a oposição do português com

o francês e o italiano porque, nestas línguas, é de habere, que vem o auxiliar normal dessas construções em todas as situações acima descritas. Demais, aqui, nos casos em que é transitivo o auxiliado importa à sintaxe a posição do objeto direto.

j'ai écrit

ho scritto

j'ai écrit des livres (une lettre)

ho scritto una lettera (lettere)

mas: j'ai une lettre écrite

ho una lettera scritta

- 3) é variante a construção com haver + participio invariável, mas seu uso moderno é pouco corrente e restringe-se a alguns tempos apenas:

"Contou-lhe haver ficado tão penalizada, que resolveu logo organizar uma comissão de senhoras, para pedir esmolas"

(M. Assis, Q. Borba, p. 192)

"Quando voltou, já os amôres de Maricota e Alexandrino haviam assumido proporções consideráveis"

(Aluísio Azevedo, Casa de Pensão, 54)

CAPÍTULO III - Notas

(1) Georges Gougenheim, Étude sur les périphrases verbales de la langue française, Introduction, I.

(2) O artigo não é especialmente dedicado ao estudo do verbo, mas nas nove páginas finais o autor procura demonstrar que o surgimento das formas perifrásticas com habere + participio restabelece as antigas oposições do sistema verbal. (Cf. L. M. Skreliņa, De l'économie de certains changements grammaticaux en ancien français, em La Linguistique, 1968, nº 1, p p. 69 - 78.

(3) Id., ibid., p. 76.

(4) A. Meillet, Sur les caractères du verbe, em Linguistique Historique et Linguistique Général, p. 188.

(5) No índice de sua Gramática Catalana, Antonio M. Badia Margarit, separa, já no índice, o tratamento das perífrases verbais em a) "con función gramatical común e b) con valor semántico próprio". (Ver Índice General del Tomo I e pp. 385, 392).

(6) Id., ibid., loc. cit.

(7) Id., ibid., p. 385

(8) Cf., loc. cit.

(9) Emilio Alarcos Llorach, Estudios de Gramática Funcional del Español, p. 13.

(10) Andrés Bello Rufino J. Cuervo, Gramática de la Lengua Castellana, pp. 210 - 211.

(11) Id., ibid., p. 19.

(12) A nossa preocupação, voltada exclusivamente para a descrição das perífrases da Língua Portuguesa, tem-nos afastado (às vezes até por economia descritiva) de fazer qualquer referência ao procedimento do dialeto galego, que, como se sabe, tem as nos raízes históricas do português, e por isso apesar de pertencer ao domínio político espanhol, ainda conserva traços linguísticos antigos, que em nada diferem dos que se apresentam na língua co-irmã, falada para o sul do Minho.

A afinidade entre português e galego ainda se revê, no que diz respeito ao uso e valor de formas verbais. Um autor de uma gramática dessa língua observa sobre as formas simples e com postas o seguinte:

"El gallego acusa una marcada preferencia por los tiempos simples, de suerte que por lo general expresa con ellos, sin dis tinción de matices, las dos ideas que el castellano expresa con sus tiempos com puestos, siempre que ello no engendre con fusion. Sólo para evitar ésta, se sirve de los tiempos compuestos, los cuales se forman con el auxiliar ter "tener" equiva len ao "haber" castellano. Pero como hay formas simples gallegas que equivalen pl namente a las compuestas castellanas, en

tales casos no es normal usar las compuestas gallegas, que se pueden considerar inexistentes". (Ricardo Carballo Calero, Gramática Elemental del Gallego Común, p. 153).

A citação é longa, mas parece importante, não porque assinala pontos de identidade de comportamento, senão porque oferece num quadro sucinto uma descrição dos valores das formas simples e compostas, ressaltando a sua oposição, e pondo-as em confronto com o emprego das correspondentes em espanhol.

O propósito de extremar a oposição entre as formas simples e compostas em português — e isso é mais verdadeiro para as demais línguas românicas — parece que tem levado as descrições sobre o verbo a considerar exclusivos certos valores que às vezes se realizam numa ou noutra forma. Um caso típico é o do perfeito português que em muitos empregos pode apresentar valor perfectivo. Modificado pelo advérbio já é frequente ouvirmos a resposta do filho à mãe, por exemplo, de que já estudei, já tomei o banho, já dei o recado à vizinha, etc., denunciando o resultado que deixou a ação praticada.

O sentido de dois valores no perfeito simples românico aparece nas conclusões de André Burger, como o fato de herança latina.

O passo em que o autor citado descreve a situação no latim é o seguinte:

"Il est probable que le système latin n'a jamais été parfaitement cohérent; le perfectum, en effet, s'est constitué à l'aide

des formes héritées partie du parfait et partie de l'aoriste indo-européen, et, tout en prenant une valeur nouvelle, il garde des traces de sa double origine". (André Burger, Sur le passage du système des temps et des aspects de l'indicatif, du latin au roman commun, em Cahiers Ferdinand de Saussure, nº 8, 149, p. 22).

A persistência do duplo valor da forma do perfeito latino nas línguas românicas vem expressa no seguinte passo:

"Il résulte de là qu'en criant un nouveau présent achevé, le roman com un n'a pas fait perdre, mais qu'au contraire les oppositions d'aspect ont pris plus de netteté, les trois valeurs, que le latin distinguait déjà au passé de l'indicatif étant, pourvues maintenant chacune d'une expression formelle particulière". (Id., ibid., p. 29).

Nas considerações iniciais o autor parte, com Maillet da perda do valor aspectual das formas do pretérito (dixi, feci). Estas assumiram valor de tempos históricos (temps "historiques"); este valor "historico" é que foi recolhido pelas línguas românicas, onde se converte num terceiro aspecto ("un troisième aspect") que vai opor-se aos dois outros. (Cf, id., ibid., p. 21)

(13) Cf. A. Ernout et F. Thomas, Syntaxe Latine, § 243, p. 223.

(14) Os dois exemplos são mencionados por J. Vendryes apenas com a indicação dos passos em "Sur l'emploi de l'auxiliaire "avoir" pour marquer le passé". em Choix d'études linguistiques et celtiques.

(15) A informação e o exemplo vem no mesmo passo. Este último traz a seguinte indicação: Greg. Tur. H. F. 9, 16 (Cf. Eléments de Linguistique Romane, § 246, p. 269).

(16) Id., ibid., loc. cit.

(17) Id., ibid., § 387, p. 465. Ver também F. Diez, GLR , pp. 261 - 271.

CAPÍTULO IV

As Categorias do Aspecto, Tempo, Modo e Voz nas Perífrases Verbais.

Geralmente denunciadas pelos autores, as maiores dificuldades que se apresentam no estudo dos valores expressos pelo verbo serão aqui recordadas de início:

- a) a falta de um sistema formal de marcas que corresponde ao sistema dos valores:

"le système de formes ne correspond pas au système de valeurs". (1).

A associação íntima dos valores pode ocorrer entre:

- 1) aspecto e tempo. É o ponto que mais se resalta, em perspectiva diacrônica, de passagem do sistema verbal latino para o românico.
- 2) aspecto e modalidade. Fica, às vezes, na dependência do auxiliar usado. Por exemplo, costumar, como auxiliar, pode transmitir os dois valores: João costuma sair de noite.
- 3) tempo e modalidade. As formas do futuro do presente no seu emprego comum, sobretudo na 1ª pessoa:
eu irei lá na próxima semana.
- 4) aspecto e voz. Ex.: esta casa está condenada pela Saúde Pública.

- b) a diversidade de meios que produzem, em sentido geral, noções relativas ao processo da ação. Costuma-se distinguir modo da ação e aspecto propriamente dito. Os processos de produção de tais valores são dados:
- 1) pelo lexema verbal.
 - 2) por meio de prefixos e, sobretudo, de sufixos incorporados ao radical verbal.
 - 3) por meio de advérbios modificadores da ação verbal.
 - 4) por meios estilísticos (repetição).
 - 5) por meio da flexão temporal.
 - 6) por meio de perífrases verbais.
- c) a pluralidade terminológica investida na descrição do processo da ação, com o propósito de individualizar matizes de sentido aspectual.
- d) as interferências que descrições de línguas estranhas exercem na análise de processos linguísticos e gramaticais que não apresentam exata correspondência.

Não é propósito nosso enredar nas malhas da análise puramente teórica ou rigidamente formal de tais valores. Sob esse aspecto, a existência de uma bibliografia especializada pode, pelo menos ir dando conta dos problemas mais pertinentes, senão mesmo dos que especificamente permitem a criação de uma teoria geral sobre o "aspecto", ou sobre o "tempo", o "modo" ou a "voz" no verbo (2).

Por isso, a nossa análise vai levar em conta os aspectos

tos mais gerais e mais correntes de cada categoria. Isso não quer dizer que uma análise particular de uma perífrase não possa aspirar à maior completude.

As distinções que vamos levar em conta são referentes aos seguintes dados:

- a) Falaremos de aspecto como um valor produzido pela flexão verbal, e por meio de auxiliares nas perífrases. Não traz interesse particular para esta análise o "modo da ação", cujos processos de formação são outros, e já apontados acima. Todavia, na medida que tais processos contribuem para esclarecer a visão do aspecto, serão invocados.
- b) Já apontamos no Capítulo II deste trabalho que as designações de "tálico" e "atético" são as que mereceram a nossa preferência para a caracterização do "modo da ação" determinado pelo constituinte léxico de um verbo. Isso porque os nomes "perfectum" e "infecum" (tanto quanto os adjetivos correspondentes "perfectivo" e "imperfectivo") reservamos para as diferenciações de flexão temporal, no rastro de antiga tradição.
- c) Quanto às caracterizações dos valores aspectuais, ficaremos com os que encerram o seu sentido básico e que correspondem às realizações gerais que o auxiliar impõe ao sintagma. Os matizes ou as "modificações" aspectuais podem ter menor importância. Entretanto, a cabal definição dos sentidos as-

pectuais é que pode, às vezes, diferenciar duas realizações que têm uma base de valor comum. Parece-nos que os valores fundamentais das perifrases consistem na "duração", "repetição", "acabamento", e "cursividade" do processo.

A falta de simetria e de processos uniformes de reavivização das oposições evidencia que cada sintagma verbal pode assumir, às vezes, mais de uma propriedade funcional, e as oposições podem ser feitas em pares assimétricos:

escreve / escreveu

escreve / tem escrito

escreve / está escrevendo

escrevia / escreveu

A série das oposições pode ampliar-se com a introdução de auxiliares que exprimem outra função:

pode escrever / pode estar escrevendo /
pode ter escrito

é escrita / está escrita

As oposições dadas pelos exemplos podem significar que o sistema verbal pode prescindir de significantes formalmente peculiares para a expressão de categorias particulares, ou que algumas delas são mais mentalizadas e se realizam melhor ao nível superior da sintaxe.

O peso de uma tradição dos estudos gramaticais deve ter valorizado uma visão modo - temporal nas formas verbais simples, pois no quadro da conjugação os títulos que se impuseram

na nomenclatura das formas apontam preferencialmente para essas categorias. Persiste a denominação de "perfeito" e "imperfeito", mas neutralizada pela base "pretérito". Nas designações de "presente" e "futuro" não se associa qualquer outra que se refira ao valor aspectual. A maior concretude da noção temporal no verbo deve ser responsável pelo predomínio da consciencia desta sobre a do aspecto. Soma-se a isso o fato de que o aspecto, que se obtém pela flexão (e não pelo sentido léxico), como perspectiva subjetiva no modo da ação, ocupa uma zona semântica muito próxima à da modalidade, entendida esta como a maneira pela qual o falante concebe e apresenta a ação verbal.

A noção de modo como a de aspecto é externa ao comportamento do sujeito da frase, pois representa a visão do falante, visão que este apresenta em relação a uma predicação que envolve o sujeito. Na frase de valor aspectual — produzido pela flexão ou por meio de perífrase — o verbo, então, recobre uma dupla função: vai do falante para o sujeito da frase, ou, em outros termos, dá a visão da ação por parte do falante e a prática dela por parte do sujeito. Fica, assim, por conta do aspecto uma como que função narrativa da ação. Sob esse aspecto, o exemplo abaixo ilustra claramente como o escrito que tem a mais viva consciência do valor desse recurso, pode tirar partido dele, numa sequência do relato:

— Há ocorrências bem singulares.

Está vendo aquela dama que vai entrando na Igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.

— De prêto?

— Justamente; lá vai entrando; entrou.

(M. Assis, Singular ocorrência, em H.S. Data, p. 71).

O caráter narrativo se apóia na dinâmica de sequências da ação da personagem. O narrador posta-se temporalmente no presente, a partir de quando vai acompanhando a sucessão dos fatos ao redor. O último instantâneo é rápido: "lá vai entrando; entrou". O autor contrasta a duração expirante de vai entrando com a perfectividade télica de entrou.

A atitude mais geral dos autores modernos de diferenciar o "aspecto" do "modo da ação" (2), valores que, como já vimos, incluem processos diferentes de realização, parece-nos altamente fecunda no sentido de abertura de perspectivas da análise linguística. A divisão de campo oferece bases para a verificação de como um processo pode interferir no outro e quais os valores resultantes dessa interferência.

No seu trabalho Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, o Prof. Ataliba T. Castilho considera as possibilidades de confusão e de conflito do aspecto e modo da ação "nos casos em que a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo" (3).

Realmente, a partir de uma classificação semântica do verbo, — em que pese o valor relativo de uma tal classificação —, da sua oposição flexional, e ainda da oposição entre as formas simples e as perifrásticas, é possível proceder-se a um teste que permite decidir, no resultado, quais os valores predominantes e quais os que se neutralizam, num sintagma em que se consideram todos esses recursos relativos ao processo da ação.

Consideremos, pois, os verbos "télicos" e os "atélícos"; as formas de flexão "perfectivas" e as "imperfectivas"; e os valores aspectuais de "duração", os de "acabamento" e os de "iteração".

Tomemos para a nossa série de exemplos, primeiramente

um verbo atélico, como acompanhar e o submetamos a um emprego com um auxiliar como ter, (mas observemos que a flexão do auxiliar vai depender da sua possibilidade de realização perifrástica):

1. a) Ele tem acompanhado a apuração dos votos.

b) Ele tinha acompanhado a apuração dos votos.

Em 1. a) a atelicidade do auxiliado é mantida, e uma certa neutralidade aspectual do presente, (4) em que se encontra o auxiliar, comunica ao sintagma duas noções co-ocorrentes: a) a de que a ação já foi iniciada e b) a de que ela está em andamento, isto é, não chegou ao acabamento. Dependendo da natureza significativa do auxiliar a perífrase chega a insinuar sentido de repetição: ele tem discutido esse assunto comigo, isto é, em várias oportunidades.

O que parece diferenciar o sentido deste tipo de perífrase do que se encerra no tipo de está + gerúndio (ele está a acompanhando...) parece ser que o primeiro insiste na anterioridade do processo, ao passo que o último tipo põe em relevo a duração sequente, cursiva.

Em empregos mais cultos (não sabemos se por influência de outra língua românica) ocorre, às vezes, o sentido de acabamento completo da ação: — não revele a ninguém o que temos conversado. Mas aqui no exemplo a perfectividade da ação parece emanar do contexto, ou melhor, da direção que toma a incidência da ação no objeto do sintagma "o que", isto é, tudo aquilo que foi o conteúdo da conversa, na sua extensão delimitada.

O acabamento cabal do processo é dado pela outra construção de ter + participio, que se opõe a esta:

Tenho escrito muitas cartas/ Tenho muitas cartas escritas.

Nesta última frase o acabamento total do processo caracteriza u ma "modificação" "resultativa".

Consideremos, agora, a presença de um verbo télico com ter no presente + participípio.

A primeira observação a fazer é que ter + participípio passado de verbo télico apresenta uma restrição de emprego quando o sintagma tem como sujeito um só e único indivíduo. Seria estranho que se dissesse:

Meu avô tem morrido

O operário tem caído do décimo andar

A única e indivisível pessoa de "meu avô" não pode morrer mais que uma vez, como só por curiosíssima coincidência o operário poderia cair muitas vezes do décimo andar. Tais ações podem repetir-se porque estão ligadas à liberdade (ou à força do acaso) de o sujeito praticá-la, mas a sua visualização é sempre unitária. Se eliminássemos a hipótese dessa coincidência, seria natural dizer-se:

O operário (ou Fulano) tem caído várias vezes dos andaimes (ou até várias vezes do primeiro andar).

Ora, a restrição aqui assinalada, de tem + participípio com sujeito que faça referência a um único indivíduo e/ou com um auxiliado que não admita mais que uma única incidência fenomênica no curso do processo (morrer, cair), ressalta o seu valor reiterativo quando o emprego é possível. E é possível quan

do se pluraliza a referência do sujeito:

Seus filhos tem morrido à mingua

Muita gente tem morrido nas contendas

Alguns operários tem caído das construções

Eu tenho caído nos buracos do terreno.

Poder-se-ia pensar que a intransitividade de morrer, cair, definem o seu caráter avesso ao emprego acima descrito. Mas se tomarmos um outro télico que, ao contrário destes, seja transitivo, como achar (oposto ao atélico procurar), num exemplo como ele tem achado o isqueiro, pode-se verificar que persiste aqui a restrição, embora seja normal que se diga que ele tem procurado o isqueiro.

A justificativa de procedimentos contraditórios parece estar, portanto, na natureza semântica do lexema verbal: é possível desdobrar em partes subsequentes, como um contínuo intervalado, a totalidade da ação de buscar (que por isso pode, indefinidamente, prolongar-se ou segmentar-se), ao passo que em achar o processo se resume em curta duração, unitária, reduzida a um ato "tranchant"... Por isso os télicos intransitivos como chegar, sair, entrar, etc., nas perífrases tem chegado, tem saído, etc., exprimem a reprodução de inúmeras chegadas ou saídas.

Em resumo, tem + participípio com

a) verbo atélico : sentido cursivo

Tenho estudado (trabalhado)

b) verbo télico : sentido iterativo

Muita gente tem morrido (saído)

Em b. 2), isto é, em Ele tinha acompanhado a apuração dos votos o sintagma não chega a exprimir, de modo claro, um valor espectral. Parece prevalecer aqui um sentido temporal de passado, próprio do relato (5).

Realmente, apesar de tão assinalada versatilidade do imperfeito, (6) que torna difícil a caracterização de seus múltiplos valores, suas formas, quando combinadas com o particípio reduzem muito a faixa de seu emprego.

Tomemos, para efeito de análise, um desses empregos do imperfeito como, por exemplo, o que exprime uma ação já iniciada mas não completada (que é o seu valor mais geral), interrompida naquele momento do passado, na influência com outra ação já acabada:

Eu estudava, quando você entrou

Com o auxiliar estar mais gerúndio (ou a variante estar a + infinito) é possível o emprego:

Eu estava estudando, quando você entrou

O que não é possível é eu tinha estudado, quando você entrou, pois aqui há uma clara indicação temporal de passado (que se completa muito bem com o advérbio já: eu já tinha estudado, quando...) em que a ação transcorreu. Na forma negativa, também se evidencia o sentido temporal que reclama o advérbio ainda: eu não tinha ainda estudado, quando você entrou. A perífrase formada de ter no imperfeito + particípio fica indiferente à natureza do processo: o auxiliar, marcando decididamente o sentido temporal, não assimila o teor do processo instalado no léxico auxiliado. Daí não ocorrer aqui a restrição que já assi-

nalamos para ter no presente + particípio, quando este auxiliar vem combinado com verbo télico.

Diz-se demais para narrar, com referência a um único indivíduo figurando como sujeito da frase:

Ele tinha morrido (quando chequei)

Ele tinha caído (quando chequei)

O auxiliar no imperfeito, neutraliza a oposição entre o sentido télico e atélico do verbo auxiliado. Tornam-se variantes da mesma função narrativa:

Ele tinha morrido, quando chequei

Ele tinha estudado quando chequei

É fácil verificar que um advérbio de sentido durativo como ainda (por enquanto, e equivalentes) não se emprega normalmente com as formas simples de verbos télicos, pois a oposição de sentido produz a repulsão das formas.

Por outro lado a negativa neutraliza o caráter télico de um verbo, mas é preciso ver que essa "neutralização" tem o valor de uma "indeterminação" aspectual (cf. morrer (= ato télico, fenomênico) / não morrer (sentido atélico, episódico, de escapar de morrer).

Dizer, pois, que Fulano morre ainda é tão exdrúxulo, quanto o sentido de Fulano não morre (ainda) passa a ser igualmente atélico como o de viver. A afirmação do fato contido na predicação importa numa verificação que o poeta faz: "Mas você não morre" (C.D. Andrade, José, em José, p. 196); ou cálculo do

médico, após o diagnóstico, afirmando que o paciente não morre, igual a não morrerá ou não vai morrer. Toda oposição entre afirmativa e negativa, num verbo qualquer, parece corresponder a uma oposição de valor na consideração do processo: quando se afirma, destaca-se a modalidade interna do processo (o sujeito da oração é atingido pela ação em morre, ou a pratica em escreve); quando se nega, é a modalidade externa ao processo que prevalece).

O que ainda pode ser dito sobre as perífrases de ter + participípio é quanto a sua maior resistência ao emprego do auxiliar nas formas do perfeito. Ficamos, todavia, em dúvida se a restrição é absoluta. Pelo menos são correntes frases como ele teve acompanhado a apuração dos votos. Quando muito, neste caso, há o recurso à perífrase que exprime o acabamento da ação como a do tipo de tenho cartas escritas. Veja-se o exemplo:

No acidente ele teve as pernas fraturadas.

A situação geral dos valores dados por ter + participípio, mantém-se inalterado, mesmo quando o sentido léxico do auxiliado vem impregnado de outros sentidos oriundos de processos de prefixação ou derivação:

- 1) Sentido cursivo (com matizes iterativos):

Ele tem pespegado nomes exóticos às flores do jardim.

- 2) sentido temporal:

A criança tinha choramingado de frio.

Com o auxiliar no futuro distingue-se claramente um va

lor potencial na construção:

Eu terei chegado lá de noitinha

Ele terá calculado o efeito da resposta.

Em Ele teria chegado lá de noitinha prevalece um sentido de hipótese irreal (completa-se com — se tivesse saído mais cedo).

Só no indicativo, mas sobretudo no presente, é que ter + particípio pode indicar aspecto; isso não ocorre quando ter vem no subjuntivo, infinito ou gerúndio.

Ao contrário de ter + particípio, a perífrase formada de estar + gerúndio apresenta uma notável homogeneidade de sentido. De um modo geral, esta uniformidade de seu valor aspectual não fica ameaçada de "modificações" oriundas da natureza significativa do auxiliado, nem das alterações da flexão temporal. A perífrase pode ser realizada em toda a linha da flexão temporal:

Ela está chorando (chegando)

Ela estava chorando (chegando)

Ela esteve chorando (chegando)

Ela estivera chorando (chegando)

Ela estaria chorando (chegando)

O valor da perífrase é francamente de "duração". Mesmo o sentido de potencialidade ou hipotético introduzido pelos tempos do futuro não neutraliza o sentido durativo da combinação.

Em lugar do emprego de certas expansões temporais, a duração pode ser modificada ou delimitada por outro recurso: o emprego de outros auxiliares como vir, ir, ficar, andar, continuar, viver. Por isso, podemos admitir que estar frequentemente tem em viver ou andar uma espécie de variante semântica:

Ele está frequentemente embriagado = Ele

vive (ou anda) embriagado

Mas ir e vir exprimem, como auxiliares de gerúndio, valores simétricos na delimitação do processo durativo: com o primeiro a referência durativa ressalta a procedência ou ponto de partida; com o segundo visualisa-se o ponto de chegada:

—————> Ele vem fazendo

—————> Ele vai fazendo

O perfeito no auxiliar estar confere, às vezes, à perfeita frase um sentido muito expressivo de iminência da ação. É um emprego que ocorre com os verbos de sentido télico. Assim, tais verbos ficam preservados de uma restrição que, certamente, vetaria que alguém dissesse: Fulano esteve morrendo (caindo, achando) com o mesmo valor de Fulano está morrendo (caindo). A restrição ocorreria, pois não se pode conceber que, ao mesmo tempo, se compatibilize a perfectividade instalada no auxiliar (no perfeito) com o valor durativo instalado no gerúndio de um verbo télico. O valor expressivo, que assinalamos, retém sentido equivalente ao de estar prestes a, estar na iminência de, estar para, estar quase a, expressões que se completam com o infinito,

e que encontram correspondentes aproximados nas línguas românicas (cf. francês: être pour, être sur le point de, être près de, etc. e ainda no inglês: be to, be about to, be going to, etc.). Exemplos dêsse valor temos em:

Quem diz que este menino esteve morrendo de sarampo!

Eu estive caindo num abismo, mas o milagre aconteceu.

Se o auxiliar estiver no imperfeito, a perífrase pode informar os dois valores, isto é, o durativo e o de ação iminente. O contexto é que decide, embora não fique bem claro o último sentido:

Ele estava morrendo serenamente.

Ele estava morrendo, quando consegui salvá-lo.

O mesmo contexto, embora não neutralize a duração, chega, às vezes, a insinuar a iteração:

Ele esteve saindo para arranjar uma casa de aluquel.

Mas: Ele esteve saindo daquela cidade, mas resolveu ficar por mais tempo.

O valor durativo de estar + gerúndio remonta ao perf

do românico primitivo, quando sto, e também, eo e venio marcam com o gerúndio, primeiramente um valor temporal, para em segu da adquirirem um valor durativo, segundo informa Bourciez. Este autor cita um exemplo de Fortanato: Stat spargendo medelas (7).

A antiga perífrase de stare + gerúndio generalizou o seu emprego nas línguas românicas, menos no francês, onde, cer tamente, a vitalidade de est + particípio presente neutralizava a sua propagação.

Esta última construção, rara na época clássica, desenvolve-se muito no período imperial, provavelmente graças à influência do modelo grego, difundindo sobretudo através das traduções dos textos bíblicos patrísticos. A imposição dessa influência na Vulgata e nos escritores cristãos é geralmente reconhecida. Todavia, F. Mossé (8) supõe que ela não fez senão acorçoar uma tendência já marcada na língua. Se, por um lado o auxiliar esse é que se impõe desde cedo nos textos franceses nessa combinação, por outro, é o particípio presente que vem concorrer com o gerúndio, forma que era a mais usual quando a composição se fazia com outros auxiliares (stare, venire, ire).

No seu trabalho sobre as perífrases francesas, G. Gougenheim (9) liga être ao particípio presente e aller ao gerúndio.

A antiguidade da primeira expressão como um estereótipo particular serviu de critério. Nem para justificar casos de comportamento incoerente na concordância da forma do auxiliado de être, admite o citado autor a hipótese de uma influência de aller + gerúndio.

A falta de uma distinção formal entre as formas do auxiliado em francês, conforme a época do texto em que aparecem, não permite que se decida inequivocamente sobre a sua verdadei-

ra identidade. O critério funcional tem sido invocado para a diferenciação, mas é provável que a própria confusão na forma tenha levado, muitas vezes, ao emprego de uma por outra, talvez até forma do francês por influência dessa língua. Entretanto pode-se ver que apesar da maior antiguidade e frequência do uso do particípio presente no latim eclesiástico e medieval, seu aspecto formal e de sentido nas línguas modernas que ainda o conservam, como o francês e o italiano, traem o caráter mais erudidito de sua origem. Ao contrário o gerúndio, que sobreviveu na língua popular com valor modal e instrumental no ablativo, foi ganhando "uma extensão mais lata a custa do particípio presente". (11).

Essa evolução testemunha uma necessidade de darem as línguas românicas maior relevo à ação durativa do processo verbal, função que o particípio presente, no seu emprego conjunto com um termo qualquer da oração, não chegava a exprimir com a mesma força. Mesmo lá onde a ação verbal não ficava na dependência maior do verbo regente, a tendência foi para o uso do gerúndio em lugar do particípio presente.

Paralelamente, o infinito, que em muitos empregos ia substituindo antigas formas verbais ou construções latinas, como o próprio gerúndio, as formas de supino, algumas orações subordinadas, sobretudo as finais com *ut* + subjuntivo, desenvolvia mais a sua faixa de emprego. A identidade do sujeito na oração regente e na subordinada contribuía para que o infinito se soldasse mais intimamente ao verbo regente, a construção que decididamente ficava, era a do infinito:

Volo me esse clementem — Volo esse clemens.

Mas as construções perifrásticas com o infinito não

comportam valores uniformes e apresentam uma maior complexidade sintática e semântica que as formadas com gerúndio. Há entre as primeiras as que se prestam a exprimir aspecto, tempo e modo. O sentido aspectual deve corresponder a formações mais recentes, pois, em geral, manifesta-se nas construções em que o infinito vem precedido por preposição. O emprego deste parece denunciar certa hesitação que o uso vai, dia a dia, eliminando. É fácil verificar tal fato pelo confronto com o uso nos textos mais antigos da língua, (12) nos autores de gosto arcaizante, bem como nos chamados dicionários de regime verbal. Destas, a mais antiga e geral foi a preposição ad - empregada no latim para exprimir movimento de aproximação, e é já instalada antes da forma do gerúndio e supino em - um, os quais deram lugar ao infinito românico.

Frederico Diez (13) registra ainda o emprego de pro, per, in e cum.

Em português com a preposição a formam-se perífrases que exprimem a duração, e, em muitos casos a construção é uma variante mais recente da perífrase de gerúndio. Temo-lo em estar a, ficar a, viver a, andar a (auxiliares que também se completam com o gerúndio, com o mesmo sentido); em um grupo especial de verbos, os quais costumam exprimir etapas sucessivas do processo, tais como começar a, iniciar a, principliar a, continuar a, prosseguir a; em chegar a, voltar a, depor-se a, tender a, etc. Na expressão de fim de processo a preposição de é mais usual: terminar de, acabar de. Esta preposição parece ter-se generalizado muito durante a fase mais antiga das línguas românicas, nessa função. O português, por exemplo, ainda conservou como variante — hoje de uso mais marcado — o regime preposicional de de + infinito em muitos verbos: desejar de (cf. Camões: deseja de comprar-vos pera genro, I, 16), promoter de, dever de

entender de, esperar de, etc. (14). Muitas dessas construções ficaram insuladas ao uso popular.

A diferença de construção ou de regime pode corresponder a uma diferenciação no sentido: começar a dizer (começar de é mais frequente na fase mais antiga), começar por dizer, começar dizendo.

Aqui pode ser que o gerúndio que aparece após os verbos do grupo tipo começar, continuar e acabar represente traços de um uso indo-europeu, pois que o grego e, entre as línguas modernas, o inglês principalmente, apresentam construções do mesmo tipo. (15).

Enquanto ter + participípio e estar + gerúndio adquiriram um valor aspectual no português, e representam uma classe de auxiliares que desenvolveram paralelamente a mesma função (para ter só há haver), o infinito associado a outros verbos serviu para marcar sobretudo a temporalidade e noutros casos a modalidade, ou ambos os valores associados.

Já vimos num dos capítulos deste trabalho o processo de auxiliarização de habere na formação das formas românicas, em geral, dos tempos do futuro. Foi lembrado que habeo não foi o único verbo latino que se prestou para esse papel, pois volo (que ficou no romeno) venio (mais empregado no norte da Itália e sobretudo nas Grisões) cumpriram papel semelhante.

Mas, no português a sorte de ter e haver com o infinito seria também a de exprimir um valor associado de temporalidade nas perífrases do tipo de ter de + infinito e haver de + infinito.

O tempo futuro e o sentido de obrigação ou necessidade são os valores destas construções. Menos enfáticas são as de ir e vir + infinito. A primeira exprime futuridade ao que se associa um sentido de desejo, intenção, ou propósito, na segunda a

inda se destaca o sentido de finalidade.

Os mais típicos auxiliares da modalidade são poder, de ver e querer, aos quais se podem acrescentar saber, crer, pensar, costumar, etc.

Estes três grupos de auxiliares que se constroem com o infinito merecem algumas observações.

Quanto a haver de ou ter de, recorde-se que já se encontram empregados no período latino; generalizando-se a partir da época imperial:

Tales dies nobis habet dare?

(S. Agust., Enarr. in Ps. 90, II, 12 (v. 16)
BAC, 255, 6. XXI, p. 389)

Quando audit verba aspera, unde sibi habet facere solatium, ut non curet verba aspera, nec recedat a via, et intret per ianuam?

(S. Agust., Enarr. in Ps. 90, II, 4 (v. 3)
BAC, 255, 6. XXI, p. 389)

Sed si non correxerint, plus habent erubescere et dolere, cum ab illorum consortio seperati fuerint in futuro.

(S. Ces., Sermo CCII, 1 (CC, CIV, p. 814)
(16)

Em capítulo anterior já nos referimos ao uso de habere + infinito em Cícero.

Mas é ter em português que vai ter maior importância, quer pelo seu emprego com valor específico com o sentido de "posse", quer pelo seu emprego como auxiliar. Nesta função o au

xiliar desenvolveu três construções, isto é, com o participípio , com infinito precedido da preposição de e com o infinito precedido pela palavra que:

ter + participípio

ter de + infinito

ter que + infinito

Mas não entrou na formação do futuro e teve quase sempre de paralelo a companhia de habere. Alterna-se com habere em relação as demais línguas românicas, e o tema como substituto ou variante em uma parte de seu emprego em português. Desse modo paralela à construção de ter de + infinito temos haver de + infinito, mas a parêntese apresenta diferença de valor modal. Ainda cabe observar que uma outra diferença existe nessas perífrases, quando se passa da primeira pessoa para a segunda ou a terceira. Destaca-se a ênfase na primeira pessoa. Sobretudo hei de cria um estereótipo que põe em relevo um impulso de vontade:

Hei de vencer!

Hei de vingar aquela ofensa.

Ainda é em termos de ênfase que, parece-nos, ter de se opõe a haver de: nesta última predomina um sentido de necessidade moral, enquanto ter de informa mais uma obrigação, às vezes, até puramente incidental:

Pedro há de trabalhar.

Pedro tem de trabalhar.

A segunda frase pode ser contextualizada com a preocupação

da mãe de Pedro para que ele não se atrase no serviço; na primeira, alguém pode até estar fazendo votos para que Pedro arranje um emprego.

Na terceira pessoa do singular do presente do indicativo haver de parece insinuar, às vezes, um sentido de voto ou de sejo:

Ele há de arranjar um bom emprego.

Você há de ser feliz ainda!

" — Não quero estremecimentos; precisa casar e há de casar".

(M. Assis, Q. Borba, 250).

Um sentimento de unidade fonética e semântica parece ter existido com relação a há de, o que se revê pelos seguintes fatos:

- a) a existência de uma grafia da expressão, mais ou menos antiga e certamente arbitrária, em que os dois elementos vem ligados por um traço de união (há-de).
- b) a presença da expressão — e do modo acima grafada — no final de frase. Desse uso temos o exemplo de um final de verso de popularíssimo soneto de Luiz Guimarães Junior, em que há-de vem em rima com saudade.
- c) um certo uso, (acantonado em certa faixa da lin

guagem popular e, parece-nos, dia a dia mais ra ro) em que se confere à expressão um valor interjecional. Bastante estilizados são os exemplos abaixo, mas revelam esse valor:

"Ou também, quem sabe — sem ofensas — não ter^f sido, por um exemplo, até mesmo o senhor quem se anunciou assim, quando passou por lá, por prazido divertimento engraçado? Há-de, não me dê crime, sei que não foi".

(G. Rosa, G. Sertão, 10).

"É na bôca do trabuco: é no té - retê - re têm ... E, sòzinho não estou, há-de-o.

(G. Rosa, G. Sertão, 25).

Quanto a ter de e ter que + infinito correm como variantes na designação de obrigação ou necessidade. Parece-nos, todavia, que ao sentido de ter que associa-se uma idéia de ação iminente. Portanto, é por uma diferenciação na temporalidade que pode haver alguma oposição entre as duas construções:

Eu tenho de sair daqui (importa a necessidade do ato)

Eu tenho que sair daqui (insinua maior imediatéz na execução do ato)

Entre eu tenho de ler este livro e eu tenho que ler este livro, a primeira frase indica a obrigação (às vezes um dese

jo ou impulso forte de vontade), mas na segunda a mesma obrigação vem marcada por um matiz temporal.

Quanto aos auxiliares ir e vir, já recordamos o seu uso antigo no latim tanto com o gerúndio como com o infinito. Na Vulgata o seu uso frequente com o participío presente reflete o literalismo da tradução.

Esta influência pode ter determinado, no romance, a generalização de seu emprego com o participío presente e não com o gerúndio, se não foi por uma influência mais direta do modelo de esse + participío. (17).

Estes verbos de movimento apresentam uma evolução gradual no sentido de sua gramaticalização. Nos exemplos mais antigigos do francês pode-se observar que aller, ainda mantém o seu valor concreto em muitos empregos. Certamente a presença de seu valor concreto limitava o seu emprego. Mas, quando a restrição não se impunha mais, é porque o verbo já havia adquirido sua nova função de exprimir o tempo futuro (18). Mais exatamente designa a iminência da ação verbal. Daí a denominação que se costuma dar-lhe de futuro próximo.

Em português, entretanto, a sua função de exprimir o tempo futuro, vai-se neutralizando à medida que se passa das formas do presente do indicativo para outras flexões temporais, a ponto que as formas apenas semanticamente correspondentes de seu pretérito já não transmitem mais esse valor. O exemplo abaixo mostra a oposição das formas, do sentido e do tipo de construção:

" — Lá vou soltá-lo.

Não foi; deixou-se ficar, algum tempo,

a olhar para os móveis.

(M. Assis, Q. Borba, p. 9)

Uma outra neutralização também ocorre quando se passa da primeira pessoa para a segunda e terceira. É que só a primeira pessoa é capaz de externar a disposição de um propósito ou intenção que ele próprio vai por em prática.

Quanto aos auxiliares modais típicos, poder, dever e querer recorde-se que continuam, nas línguas românicas, a construção e o valor que tinham já no próprio latim. As formas atuais românicas de poder e dever prendem-se às latinas com regularização românica de posse para potere. Querer ficou como su cedâneo de velle (ou do românico volere) na Ibéria. Parcialmente e em fases mais antigas, aparece ainda em outros espaços românicos.

A passagem de sentido físico quaerere (buscar, procurar) para o de um auxiliar de "vontade" representa um caso curioso de evolução semântica. Os exemplos abaixo já revelam que esta evolução já se operava logo após Augusto:

e monte aliquo in alium transilire quaerens
(Plínio, 8, 53, 79 § 214)

qui mutare sedes quaerebant (Tac., 6. 2)

Nemo hominum quaerat exaltare nomen suum
(S. Agost., Enarr. in Ps., 148, 14,
BAC, 264, p. 893).

Com este sentido quaerere substituiu velle, também no seu emprego simples.

Um rápido exame destes verbos revela uma certa uniformidade de comportamento. Em primeiro lugar destaca-se neles uma certa afinidade semântica. É relativamente possível substituir o emprego de um por outro, sem maiores prejuízos para o sentido. Em português sobretudo poder e dever apresentam uma maior afinidade de sentido. Apresentam ainda uma pluralidade de semas.

Mesmo fora das línguas românicas, como é o caso do in glês, sabe-se, os modais constituem um grupo de comportamento sintático e de sentido muito uniforme.

Em um capítulo anterior já tivemos oportunidade de mostrar algumas oposições sintático - semânticas que diferenciam, por exemplo, querer, por um lado, e poder e dever, por outro. Outras oposições dessa ordem já foram lembradas entre estes verbos e mais alguns como costumar, ousar, pensar, parecer, etc.

A íntima união com o infinito faz que estes, e não os próprios modais, determinem a escolha do sujeito. E isto é mais exato para poder e dever e um pouco menos para querer:

Os rios podem mudar de rumo.

Persiste o comportamento sintático de uma frase de verbo simples, quando esta passa a ter seu verbo regido pelo modal.

Os meninos podem (devem, querem) cantar

Pode (deve) haver sintomas disso.

Mas, observe-se aqui a restrição para querer. Esta persiste ainda com existir:

Podem (devem) existir vestígios disso.

Com a passiva impessoal o uso de poder continua franco, menos corrente para dever, e com restrição para querer. Neste caso parece que só não ocorre a restrição absoluta de dever, com a passiva impessoal, porque este auxiliar, nesta construção, entra com outro sema compatível com o agente, mas não com o paciente:

Podem-se ver daqui os telhados do casario

Neste exemplo, parece-nos, o procedimento normal da língua é usar o singular se se quer empregar dever em lugar de poder.

O sentido potencial de dever permite a realização de u ma frase como:

Este terreno deve medir mil metros

É claro que medir, intransitivo neste emprego, não aceita a possibilidade de uma construção passiva.

O sentido de obrigação admite que se diga:

O agrimensor deve medir este terreno.

A compatibilidade do sentido de obrigação do auxiliar com o sujeito animado e humano permite a passiva:

Este terreno deve ser medido pelo agrimensor.

Apesar da pluralidade de semas que comporta, o auxiliar poder não leva qualquer alteração à estrutura de sua reali-

zação: é sempre poder + infinito (2). O mesmo ocorre com dever.

Com os impessoais de sentido atmosférico a compatibilidade existe para os três auxiliares:

Pode (deve, quer) chover (ventar)

Diversos sentidos se depreendem dos exemplos:

João pode comprar uma casa de um milhão
(é capaz de, tem capacidade para)

João pode sair mais cedo hoje
(tem autorização para)

João pode aparecer mais cedo hoje
(é possível que, é provável que)

Exprime ainda um matiz deste último sentido, mas onde a noção de possibilidade é decorrente de uma verossimilhança, e não de eventualidade:

Este terreno pode medir mil metros.

Neste último emprego pode admite a substituição por deve.

A estrutura realizada no sintagma não se altera, mas a possibilidade de substituição é restrita a um ou outro sentido do auxiliar. Por exemplo, enquanto pode chover admite a substituição por é possível que chova, a oração João pode sair mais cedo hoje, rejeita, pelo sentido, que se diga: é possível que João saia mais cedo hoje.

Parece-nos que um uso impessoal de pode em oração conjuncional, deva ser interpretado como se seguisse a pode o infinito ser. Assim pode que ele venha deve ser realmente pode ser que ela venha.

Dadas as condições normais da transformação passiva, o resto fica na dependência da compatibilidade entre poder (ou seu sema) e o sujeito:

Pedro pode comprar muitas casas.

Muitas casas podem ser compradas por Pedro.

Mas, lá onde se elimina a referência a um sujeito animado e humano na oração, parece que predomina o sentido de possibilidade eventual e não de capacidade:

Podem-se ver os resultados

Parece ser situação idêntica a de deve medir quando se considera ou o sujeito agrimensor ou o sujeito terreno.

Seria inconcebível a referência a um sujeito lógico em poder com o sentido de ter capacidade, numa oração podem-se comprar muitas casas (ou muitas casas podem ser compradas, pois o sentido de tais construções não dão equivalência passiva com o de João pode comprar muitas casas (= João tem capacidade para comprar muitas casas). Nas construções passivas não se pode passar do sentido de é possível:

Podem-se ver os resultados equivale a é possível ver os resultados.

Neutralizando-se em poder os sentidos de ter capacidade de ou ter permissão a passiva admitida só pode referir-se a um jeito inanimado:

Estas ruas podem ser calçadas

ou Podem-se calçar estas ruas

Meyer Lübke menciona no francês moderno uma ligação estreita entre dever e poder, os quais se diferenciam no emprego, em função do infinito. Assim em lugar de il doit être venu, il peut l' avoir oublié, diz-se: il a dû venir, il a pu l' oublier. Observa o conhecido romanista a existência de um ponto de vista lógico na construção mais antiga, predominando na mais moderna uma perspectiva do falante ao conceber o estado que resulta da ação. A primeira formula é mais exata; mas a segunda é mais natural (21).

Certamente, o caráter subjetivo da modalidade não impõe fronteiras rigorosas no uso dos auxiliares e do exato sentido que exprimem.

Este comporta matizes que nem sempre é fácil precisar. É fato normalmente conhecido do estudante de inglês a alternância de alguns de seus modais, quando se passa, por exemplo, da primeira para a segunda e terceira pessoas, caso de shall e will, no seu emprego mais geral de auxiliares na formação do tempo futuro.

Ainda neste capítulo passamos por grandes dificuldades na tentativa de precisar os valores exatos de ter de e haver com o infinito.

Não menores serão as que se apresentam nas considera-

ções da voz verbal.

Do ponto de vista diacrônico que o português foi herdeiro de um duplo processo de representar o papel do sujeito em relação à ação verbal.

E. Benveniste ressalta o caráter da referencialidade do sujeito na frase indo-européia:

"Ce qui caractérise en propre le verbe in
do-européen est qu' il ne porte référence
qu' au sujet, non á l' object" (22)

E a complementação desta teoria o autor vai buscar na natureza do verbo indo-europeu. Nas marcas da pessoa e do número da desinência verbal está o sinal dessa referência. A mesma marca vale também para exprimir a diátese. De um ponto de vista puramente linguístico não existe razão para se considerar mais válida uma distinção entre "ativa" e "média" ou entre "ativa" e "passiva". Uma e/ou outras diáteses são representações do modo de desenvolvimento da ação em relação ao sujeito criadas pelas necessidades do sistema linguístico. (23)

Os adeptos das teorias transformacionalistas parece que não reconhecem uma oposição entre ativa e passiva: quando se passa da estrutura de superfície para a que informa o sentido real de um enunciado, ambas se equivalem. Também pela sua distribuição e outros aspectos formais, a passiva equivale a uma modificação adverbial. Não há na geração da passiva nenhum investimento real da língua: sua transformação é uma operação facultativa e não obrigatória. (24)

Se não falha a interpretação que estamos dando a uma leitura atenta mas um tanto geral ainda de tais ensinamentos, o

problema da voz verbal é visto de modo diverso de um lado e de outro: é de ordem linguística para E. Benveniste, mas puramente gramatical para os transformacionistas:

"La transformation passive a donc pour fonction essentielle de renverser l'ordre des syntagmes nominaux, tout en leur rôle sur le plan du contenu. La transformation passive modifie la fonction grammaticale de SN_1 , mais non son rôle d'agtant" (25)

As formas e as características da transformação passiva apresentadas por Jean Dubois, na sua obra sobre a estrutura do verbo francês, mostram que essa categoria prescinde de um sistema formal de marcas: em muitos casos a passividade, ou mais propriamente, a voz fica na dependência, em última análise, do conteúdo semântico do verbo (cf. "Si [P_1] = Le soleil jaunît les papiers, alors [P_1] = les papiers jaunissent au soleil)(26)

Todavia, a presença no grego e no latim de um sistema simetricamente organizado para a oposição diatética, (apesar da diferença particulares dessas línguas no que toca à voz verbal), parece que não deixa dúvida sobre a especialidade formal do processo dessa realização.

E a herança latina foi no sentido de preservar esta oposição de forma de expressão e valor, sobretudo a partir do momento em que os depoentes sobreviventes passaram a assumir forma ativa. Na forma instalava-se uma oposição baseada em tipos diferentes de processos de formação: mantinha-se o processo morfológico para a

voz ativa, em que um auxiliar assumia a função de exprimir com o participio passado o valor passivo. Estendia-se assim, a já conhecida construção passiva dos tempos do perfectum latino para todas as formas do sistema verbal românico.

Coube ao verbo ser o papel de auxiliar mais geral desta construção.

Em português ele se encontra ainda em fases mais antigas, até junto a verbos de atividade sem complemento (27). Era empregado ainda com verbos de movimento: ser vindo, entrado, saído, chegado, partido. (Cf. Os cavaleiros eram partidos caminho de Zamora. A. Feliciano de Castilho. Antologia Nacional p. 191)

Foi ter que acabou assumindo o papel de auxiliar nestas construções, enquanto a ser cabia exprimir, junto ao participio passado dos verbos transitivos, a passividade.

As línguas românicas, já o vimos, fazem um grande investimento de tenere, habere e esse (essete, sedere) na formação de perífrases diversas. Esses auxiliares se alternam frequentemente de língua para língua, de época para época e de emprego para emprego. Desse modo esse continuou auxiliar de participio intransitivo na maioria das línguas românicas. Mas o Prof. Meodoro Henrique Maurer Jr. coloca esta criação em época mais tardia e não reconhece nela o mesmo tipo da passiva românica. Seu modelo seria mesmo o de habeo, até porque opõem-se as duas construções pelo valor temporal (Cf. je suis arrivé, mas j' ai été blâmé) (28)

Em português o auxiliar típico da passiva é ser. Dificil é saber se outras construções idênticas mas com outro auxiliar podem ser consideradas passivas. Em um passo de um capítulo anterior deste trabalho assinalamos que estar (e até mais alguns poucos auxiliares) + participio pode, às vezes, exprimir passividade, embora o que mais se destaca numa criação como a a-

presentada como exemplo (esta casa está condenada pela Saúde Pública) seja o valor resultativo da perífrase. Em outros empregos o valor absoluto do particípio só pode conferir à perífrase a aspectualidade no processo. Demais, não apontam para o mesmo tempo a construção de ser e de estar (cf.: a casa foi condenada pela Saúde Pública e a casa está condenada pela Saúde Pública). A situação aqui é mais ou menos a mesma da acima indicada pelo Prof. Theodoro Henrique Mauser Jr. em relação às construções francesas de être e avoir + particípio passado. Mas a construção de estar + particípio admite o agente da passiva, conforme se vê do exemplo acima. É no perfeito que fica o verbo simples de uma oração para dar correspondência temporal com o presente de estar + particípio:

Ele fez o concerto.

O concerto está feito.

Naturalmente, quando estar rege um particípio intransitivo, exclui-se qualquer possibilidade de passividade na oração. Não é combinação usual e em muitos casos parece que a forma regida tem, realmente, valor adjetivo: está morto, está caído, está nascido.

Casos há em que o particípio intransitivo parece pertencer à classe dos verbos que admitem uma função "factitiva" ou "causativa", facilmente revista no emprego da forma simples. Daí que no emprego com estar parece aproximar-se mais do valor passivo, como nos casos normais deste emprego, com agente expresso:

Ele está corrido da policia.

A polícia correu o ladrão.

O cão corre a caça.

Tratando-se de um verbo transitivo, como fazer, é mais difícil de se apurar a sua causatividade. Mas pode-se notar a diferença:

Pedro fez um aceno =(Pedro acenou)

Pedro fez um arranha-céu (=Pedro fez que outros fizessem o arranha-céu)

Ora, em uma construção como eles fizeram-se acompanhar dos amigos o sentido causativo de fizeram impede que a ação de acompanhar seja praticada pelo sujeito de fizeram. No exemplo, é amigos que pratica a ação de acompanhar, para que a frase produza o seu exato sentido: eles fizeram que os amigos o acompanhassem.

Em o cão corre a caça ou a mãe dorme o filho nos braços é do próprio lexico verbal que advém do verbo, transfere-se do sujeito para o objeto a real prática da ação verbal. Parece que este emprego nada tem que ver com duplo sentido dos verbos que um gramático chamou de bifrontes como alugar (o locador e o locatário, ambos, "alugam" a mesma propriedade), arrendar, ou de outros como casar (o pai casa a filha, o padre casa os nubentes, Maria casa-se com Pedro).

A função causativa pode ser desempenhada por meio de auxiliares, cuja regência é de infinito. Sua função é, pois, a de transferir a "causatividade" para o auxiliado de infinito,

Deixei meu filho passear. Entende-se perfeitamente, a razão por que a associação deixar passear, vaga e genérica, é apenas uma fórmula geral, que é ponto de partida para as diversas realizações mais precisas na indicação de um agente para o infinito : deixei meus filhos passearem.

Os causativos mais gerais em português são deixar, mandar, fazer, ver e ouvir.

Alguns empregos dessa construção revelam algumas particularidades. Tomemos os exemplos:

7. a) João fez Maria sair.
7. b) João fez Maria arrepender-se.
7. c) João fez Maria acompanhar a amiga.
7. d) João fez Maria acompanhar-se da amiga.
7. e) João fez-se acompanhar dos amigos.
7. f) João deixou-se ficar.
7. g) João mandou trazer o café.

Em 7. a) e 7. b) temos mais ou menos, a mesma situação apenas com a diferença de sair ser ativo e arrepender-se reflexivo (cf. : Maria sai e Maria arrepende-se)

Em 7. c) o infinito acompanhar é transitivo direto e está seguido do seu complemento amiga.

Em 7. d) a natureza transitiva de acompanhar permite que, sem a subordinação de fez, alguém possa dizer: Maria acompanha-se da amiga. Ora, se acompanhar, até pelo sentido, não tem emprego pronominal; se da amiga representa o agente real da ação; se, finalmente, a partícula se não indetermina o sujeito

(Maria vem expresso), certamente trata-se de um valor passiva

Alias, pelo sentido geral que encerram, todas as frases podiam, em latim, ser construídas com o infinito, indo o su jeito para o acusativo. Especificamente só não era possível esta construção com o verbo facere, o qual, com este sentido, exi gia, normalmente, a conjunção nt + subjuntivo. Todavia, o senti do do verbo na frase do nosso exemplo é o que casa com o dos ver bos latinos de "ordem", como iubere. Era possível, com êles, a sintase dos infinito na passiva (cf. pontem ... rescindi iubet)

A situação de 7. e) é idêntica a de 7. d), com a diferença de que o auxiliar vem na forma reflexiva. Teríamos em latim a chamada construção do "reflexivo indireto", já por nós re ferida em capítulo anterior. O regente causativo tem o papel de encarregar o sujeito do infinito de ser o responsável pela ação deste. Aqui "João" responsabiliza "João", isto é, a si mesmo (João fez-se). Mas é uma responsabilidade passiva, como no exemplo anterior.

A frase de 7. f) contém a reflexividade da anterior, mas não traz outro problema, pois o verbo é intransitivo.

Em 7. g) o infinito transitivo não determina o sujeito.

Casos há em que o emprego de mandar mais infinito tran sitivo envolve problemas de colocação pronominal. Isto porque pode ocorrer a indeterminação ou não do sujeito do infinito, si tuações que podem combinar-se com a expressão ou subentendimen to de seu objeto. Os exemplos esquematizados que apresentamos a baixo ilustram estes casos. Mas vamos considerar a colocação só em presença dos dois verbos.

- a) mandar fazer : caso de indeterminação do sujeito e de subentendimento do objeto.
- b) mandar fazê-lo : caso de indeterminação do sujeito e de expressão do objeto.
- c) mandar-lhe fazer : caso de peessoalização do sujeito e subentendimento do objeto.
- d) mandar-lhe fazê-lo : caso de peessoalização do sujeito e subentendimento do objeto.

Observe-se que, talvez por necessidade de clareza, e a forma lhe a que mais geralmente se usa em ênclise a mandar. É fácil compreender a confusão de sentido que resultaria, se, entre as formas dos verbos, figurasse apenas a forma pronominal de acusativo (o). Sabe-se que, mesmo nos casos mais gerais de construções que podem gerar ambiguidade de sentido, costuma -se lançar mão de um recurso mais ou menos correspondente a esse, a fim de restabelecer-se a clareza. É provável que a forma o do pronome pessoal possa ser empregada nesse tipo de construção, mas num contexto mais amplo, que ofereça outras possibilidades de colocação de seus termos, sem risco de gerar ambiguidade no sentido. O mesmo risco parece que no latim se eliminava com o uso da passiva no infinito.

No encerramento deste capítulo, e que é o final desta nossa tentativa de ver alguma coisa sobre as principais estruturas de formas verbais combinadas, é bom recordar a consideração que esta classe de verbos vem merecendo por parte, sobretu

do, de autores mais modernos. Recorde-se, num só exemplo, que, na sua volumosa obra sobre as perífrases verbais de língua francesa, Georges Gougenheim dedicou uma das três partes, em que dividiu sua pesquisa, àquelas que são formadas com estes verbos.

CAPÍTULO IV - Notas

(1) Esta famosa afirmação de Charles Bally e que se completa com "le système des moyens d'expression ne correspond pas au système expressif" faz lembrar o famoso passo da arbitrariedade do signo linguístico proposto por Saussure (ver Saussure, Curso de Linguística Geral, p. 130)

Para nós, que estamos abrindo neste capítulo a discussão em torno das categorias do verbo, mas que temos em vista o verbo português em particular, ou ainda melhor, as suas formas perifrásticas, é confortador levar em mente o conteúdo dessa afirmação (Charles Bally, Traité de Stylistique Française, (V.I.), p. 256).

(2) Ver Fernand Lázaro Carreter, Diccionario de Términos Filológicos, V. "aspecto".

(3) Cf. Ataliba T. de Castilho, Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, p. 42

(4) Verificamos que o autor considera a existência de um "aspecto zero", de valor indeterminado, na forma do presente do verbo português. Embora não fosse preocupação nossa o estudo particular do aspecto, muito benefício nos trouxe a leitura de seu trabalho. Todavia nossa análise não levou em conta este tipo de aspecto por duas razões: a primeira é evidentiíssima: nosso tratamento aborda as formas perifrásticas e não as simples; a segunda seria a de que consideramos o "presente" uma espécie de forma genérica, não marcada, aspectualmente neutra. (Cf. id, ibid., p. 102).

(5) Se o auxiliado é tético é só valor temporal que persiste. Veja-se este exemplo: "Bicão montou-se no cavalo e saíram pelo mundo afora, até que foram dar no palácio de um rei que era pai do príncipe que tinha desaparecido na nuvem." (B. Magalhães, O Folclore no Brasil, p. 308)

Mesmo com ir, o que se destaca é a indicação do passado: "esperando os noivos, os convidados, a gente que tinha ido para a fonte (id. ibid., p. 230)

(6) Cf. Gustave Guillaume, Leçons de linguistique de..., p.77

(7) Cf. id., Éléments de Linguistique Romane, § 246, 270

(8) Cf. Fernand Mossé, Histoire de la forme périphrastique être + participe présente en germanique, p. 16.

(9) Já pelo índice da obra, bastante analtico e onde figuram todos os auxiliares estudados juntamente com as formas exigidas, pode-se ver que o autor indica "aller + gérondif" e "être + participe présent". Ha outras indicações de aller e être, mas que não levam a combinação do primeiro com o particípio, nem a do segundo com o gerúndio. Num passo da obra aparece:

"On voit que le participe présent, tantôt s'accord avec le sujet du verbe être, tantôt reste invariable. Il ne faut pas voir dans ce fait aucune substitution du gérondif au participe ni aucune influence du tour avec aller et le gérondif" (id. Étude sur les périphrases verbales de la langue française, cf. Table des Matières, p. 5 e ver p. 38).

(10) O autor dá alguns exemplos e remete a outros em ou-

tras páginas, a fim de mostrar a indiferença do participío com valor adjetivo. (cf. id., loc. cit.).

(11) Cf. Theodoro Henrique Maurer Jr., A Unidade da Românica Ocidental, p. 200. Ver ainda Othoniel Motta, Horas Philológicas, 40.

(12) Deste uso de alguns auxiliares + preposição + infinitivo na fase arcaica da língua, verificamos, sem rigor estatístico, predominar em Fernão Lopes, por exemplo, o uso de de depois de começar. Alguns exemplos:

Quando o Meestre ouviu taes razões, pareceram-lhe boas e começou de cuidar em sua ficada () (F. Lopes Q. da Crônica de D. João VI. p. 50)

A gente começou de se juntar a ele, () (id. ibid., p. 34)

Mas ocorre sem preposição.

Ele foi o primeiro que começou cada dia ouvir duas missas () (id. ibid., 79).

(13) Cf. Frederic Diez, Grammaire de Langues Romanes, p.p. 217-226.

(14) Um dos verbos que denunciam mais prontamente um registro popular quando vem seguido de preposição é dever. Mas é frequente a preposição, até com outros verbos, que não costumam vir seguidos de infinitivo. Entram no uso popular com um conteúdo bastante expressivo: () o senhor deve de estar lembrado (Mário Palmério, Cha

padão do Bugre, p. 54; () mas seu Americão achou de proibir, fincar pé (Id., ibid, 254). A bôba, em vez de assentar idéia, inventou mas foi de enqueixar e, em seguida, disparar que nem louca (id. ibid, p. 35)

- (15) No grego a construção é denominada de "particípio suplementar" e "is used with verbs of being, appearing, and showing; and of beginning, continuing, and ceasing to be". (ver Hadley and Hallen, A Greek Grammar, § 980, p. 307). Em inglês o gerúndio com os que figuram no segundo grupo, begin, keep, stop, cease, continue, etc. (ver ainda F. Diez, ibid. p. 240).
- (16) Devemos ao Prof. Isac Nicolau Salum os tres exemplos citados. As indicações dadas são também as que acompanham os exemplos nas fichas do referido professor.
- (17) Essa última hipótese, ao que pude ver, nem é considerada por G. Gougenheim. Em F. Mossé, que, aliás, trata é de perífrase de être (latim esse), o sentido de alguns passos não nos pareceu muito claro. Demos a eles, primeiramente, a interpretação afirmativa da hipótese, o que nos obrigou a chamar à nota. Verificamos, depois, que a nossa interpretação é que falhara. Mas tudo já estava feito na datilografiação deste trabalho. Deixamos ficar (ver F. Mossé, ibid., pp. 14-18)
- (18) Todavia, ficou dito que, no catalão, anare, correspondente de ire serviu, aí, para a expressão do perfeito simples (cf. Antonio M. Badia Margarit, Gramatica Catalana, 385).

- (19) Os dois primeiros exemplos citados foram recolhidos em Lewis and Short, A Latin Dictionary, V. "quaero" . Quanto ao último, devemos-lo ainda ao Prof. Isaac Nicolau Salum, e inclui as indicações da fonte.
- (20) Mas sabe-se que o correspondente romeno deste auxiliar constrói-se com oração introduzida por conectivo integrante.
- (21) Cf. W. Meyer Lübke, Grammaire des Langues Romanes, p. 359.
- (22) E. Benveniste, Problèmes de linguistique générale, p. 169.
- (23) id. loc. cit.
- (24) Cf. Nicolas Ruwet, pp. 145-147 e 190-194.
- (25) Jean Dubois, Grammaire structurale du français: le verbe, p. 81.
- (26) Cf. id., p. 82.
- (27) Esse emprego de ser é ibérico: eram esforçados, non era puesto el sol, quando fuerdes vantado, son por ma tarte jurados (Para os exemplos ver W. Meyer Lübke , ibid., 330)
- (28) Cf. Theodoro Henrique Maurer Jr., A Unidade da România Ocidental, p. 161

(29) Ver A. Ernout e F. Thomas, Syntaxe Latine, p. 330

CONCLUSÃO

A passagem da língua latina para as línguas românicas testemunha uma necessidade de reelaboração do sistema verbal, paralela às grandes inovações ocorridas no resto do sistema.

Perdem-se no verbo várias tempos, mais vai-se generalizando o recurso às formas combinadas.

Neste trabalho mostramos a caracterização gramatical dessas formas: uma — a do auxiliar — faz parte da flexão temporal do verbo, a outra — a do auxiliado — é uma das formas nominais do verbo. Mas nem todas as realizações desse tipo levam a um mesmo grau de valor. Por outro lado ainda pode variar a extensão de cada emprego ou a de seu uso. Com isso queremos dizer que o processo não comporta homogeneidade formal e uniformidade semântica. Com isso queremos fazer referência ao que chamamos algumas vezes, neste trabalho de "graus de auxiliaridade".

Esses graus supõem alguns tipos de realizações mais acabados, e outros em que as relações entre as duas formas do verbo não chegaram a estabelecer a mesma intimidade. Tudo isso pode ser revisto pelos seguintes fatos que abordamos:

a) o auxiliar era, na origem, um verbo autônomo e seu processo de gramaticalização supõe sempre uma perda maior ou menor do antigo sentido próprio. Essa perda ou esvaziamento do sentido literal varia de verbo para verbo. Por outro lado um mesmo auxiliar pode comportar diferenças de grau. O verbo ter + participio apresenta, em português, duas realizações possíveis, segundo varie ou não o auxiliado. Quando há variação no participio, perdura no auxiliar maior for-

ça do seu sentido de "posse" (cf. : tenho escrito cartas e tenho cartas escritas).

b) a própria história dos auxiliares é instrutiva, sob este aspecto. Um verbo pode não entrar em certas áreas de línguas da mesma origem, ou pode entrar para desempenhar funções diferentes. Veja-se a alternância de habeo e teneo na România. O futuro românico, por exemplo, vem de uma perífrase, mas o auxiliar nem sempre foi o mesmo em todas as línguas. Isto prova que, num dado estágio da língua, a força de auxiliaridade de um verbo não exerce um predomínio absoluto sobre a de outros concorrentes. Assim, embora tenha sido habeo o auxiliar mais geralmente utilizado para a formação das formas do futuro românico, outros verbos, também, como uolo, venio ficaram encarregados de desempenhar papel semelhante em outras áreas do espaço românico. Ocorre, ainda, que um mesmo tipo de construção perifrástica pode determinar formações posteriores diferentes. No português temos as formas simples do futuro com origem na mesma perífrase de haver + infinito, de onde resultam diferenças entre farei e hei de fazer

c) o grau de auxiliaridade ainda às vezes varia quando se passa de um tempo para outro ou de uma pessoa para outra. De um caso e de outro ficaram registro neste trabalho.

d) a natureza semântica do auxiliado interfere às vezes no sentido geral do sintagma, do que resultam nestes valores também diferentes, segundo a "telicidade" ou "atelicidade" do auxiliado. Entre ele esteve morrendo e ele esteve trabalhando passa-se da iminência para a duração do processo.

e) igualmente um auxiliar ou o sintagma todo não fica às vezes indiferente às modificações de termos modificadores. As modificações adverbiais podem influir no sintagma no sentido de diferenciar valores ou o sentido geral.

f) o auxiliar, embora tomado como "modelo" que no sintagma presta-se a exprimir um determinado valor dificilmente é único no desempenho desse papel. Há classes com um número maior ou menor de auxiliares. Os verbos ir e vir são auxiliares da mesma classe de estar quando construídos com o gerúndio. Exprimem na perífrase sentidos particulares, em que pese o fundo, comum do aspecto durativo.

Nesse sentido, a lista de verbos que dia a dia vão entrando, na constituição de perífrases, atesta a precaridade de um conceito rígido de verbo auxiliar. A multiplicidade de este-reótipos do tipo é bom + infinito, com a função de exprimir uma certa modalidade; o uso (às vezes bem popular), de verbos como dar de (em, para), escapar de, achar de, danar de, pegar a, "garrar", desatar a, desandar a, abrir a, etc. + infinito; ou ainda o uso de expressões de outro tipo, como estar pronto para, estar prestes a, estar a ponto de, estar na iminência de, etc. + infinito, tudo isso revela a liberdade do falante numa escolha, que só foi mesmo possível graças a um caráter de "auxiliaridade relativa" no chamado verbo auxiliar. Releva-se, nesse uso, a expressividade no conteúdo verbal, assegurado, todavia, o valor geral do processo. É a margem de liberdade que sobra ao falante para ressaltar uma visualização particular na ação verbal, para dar dela uma representação mais descritiva.

B I B L I O G R A F I A

I - BIBLIOGRAFIA ESPECIAL

- BURGER, André - Sur le passage du système des temps et des aspects de l'indicatif, du latin au roman commun. In: Cahiers Ferdinand de Saussure, 8, Genève, 1949.
- CASTILHO, Ataliba T. - Introdução ao Estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa, Tipografia Fonseca, São Paulo, 1968.
- CLIFORD, Aspland - Aller + the and form in the 12th century old French verse: a grammatical and stylistic analysis. In: Studia Neophilologica, a Journal of Germanic and Romance Philology, Vol. XLIII, edited by Bengt Hassebrodt, The Almqvist & Wiksell Periodical Company, Stockholm, 1971.
- DUBOIS, Jean - Grammaire structurale du Français - Le verbe. Larousse, Paris, 1967.
- GOUGENHEIM, Georges - Étude sur les périphrases verbales de la langue française (thèse pour le Doctorat-ès-Lettres), Les Belles Lettres, Paris, 1929.
- MOSSÉ, Fernand - Histoire de la forme périphrastique être + participe présent en Germanique, 1^{ère} partie, C. Klincksieck, Paris, 1938.
- PALMER, F. R. - A linguistic study of the English verb, Longman Linguistic Library, London, 1965.

ROCA PONS, José - Estudios sobre perífrasis verbales del Español. In: Revista de Filología Española, anejo LXVII, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1958.

SCHOGT, Henry G. - "Temps et Verbe" de Gustave Guillaume, trente-cinq ans après sa parution. In: La Linguistique - Revue Internationale de Linguistique Générale, 1, Presses Universitaires de France, Paris, 1965.

----- - Les auxiliaires en Français. In: La Linguistique, 2, Presses Universitaires de France, Paris, 1968.

SKRELINA, L. M. - De l'économie de certains changements grammaticaux en ancien français. In: La Linguistique, 1 (61-78), Presses Universitaires de France, Paris, 1968.

TWADDELL, W. F. - The English verb auxiliaries, Brown University Press, Providence (R.I.), 1960.

II - T E X T O S

ANDRADE, Carlos Drummond de - José. In: Fazendeiro do Ar & Poesia até Agora, José Olympio, Rio de Janeiro, 1955.

ANDRADE, Mário de - Os contos de Belazarte. In: Obras completas, 2ª. ed., Martins, São Paulo.

ASSIS, Machado de - A igreja do diabo. In: Histórias sem Data, 3ª. ed., W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1955.

----- - Quincas Borba, 3ª. ed., W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1955.

- AZEVEDO, Aluísio - O Mulato, Martins, São Paulo, 1959.
- - Casa de Pensão, Martins, São Paulo, 196 .
- BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de - Antologia Nacional, anotada e adaptada pelo Prof. M. Daltro Santos, 39ª ed., Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1963.
- CAMÕES, Luís de - Os Lusíadas, ed. organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto Edit., Porto, |s.d.|:
- CATULLE - Poésies, texte établi et traduit par Georges Lafaye, 3ème. éd., rev. et corrigée, Les Belles Lettres, Paris, 1949.
- DOURADO, Waldomiro Autran - Nove Histórias em Grupos de Três, José Olympio, Rio de Janeiro.
- LUCRÉCIO - De Rerum Natura, Les Belles Lettres, Paris, 1949.
- MAGALHÃES, Basílio de - O Folclore no Brasil, O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1960.
- PALMÉRIO, Mário - Chapadão do Buque, José Olympio, Rio, 1965.
- ROSA, João Guimarães - Grande Sertão: Veredas, 1ª ed., José Olympio, Rio de Janeiro, 1956.

III - BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALARCOS LLORACH, E. - Estudios de Gramática Funcional del Español, Gredos, Madrid, 1970.

- ALI, M. Said - Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Melhoramentos, São Paulo, 1964.
- BALLY, Charles, Traité de Stylistique Française, 3^{ème}. ed., Vol. I, C. Klincksieck, Paris, 1951.
- BELLO, Andrés y CUERVO, Rufino J. - Gramática de la Lengua Castellana, Sapena, Buenos Aires, 1954.
- BENVENISTE, Émile - Problèmes de Linguistique Générale, Gallimard, Paris, 1966.
- BOURCIEZ, Édouard - Éléments de Linguistique Romane, 4^{ème}. ed., C. Klincksieck, 1946.
- BRUNOT, F. - La Pensée et la Langue, 3^{ème} éd. rev., Masson, Paris, 1965.
- CARBALLO CALERO, Ricardo - Gramática Elementar del Gallego Común, 3^a. ed., Galáxia, Vigo, 1968.
- CLIMENT, Mariano Bassols de - Sintaxe Latina, Enciclopèdia, 3^a. reimpr., Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1956.
- DIAS, Augusto Epiphania da Silva - Syntaxe Histórica Portuguesa, 4^a. ed., Clássica, Lisboa, 1959.
- DIEZ, F. - Grammaire des Langues Romanes, 3^{ème} éd., trad. de Alfred Morel - Fatio et Gaston Paris, A. Franck, Paris, 1876.
- ERNOUT, A. et THOMAS, F. - Syntaxe Latine, 2^{ème} éd., C. Klincksieck, 1953.

- FIRTH, J. R. - Selected Papers of J. R. Firth (1952-1959), edited by F. R. Palmer, Longmans' Linguistics Library, 1968.
- GREVISSE, Maurice - Le Bon Usage. Grammaire Française avec des Remarques sur la Langue Française d'Aujourd'hui, 8ème, éd., rev., J. Duculot, Gembloux, 1964.
- GUILLAUME. G. - Leçons de Linguistique. Structure Sémiologique et Structure Psychique de la Langue Française. I. (1948 - 1949) - Série A), Les Presses de l'Université Laval-Québec, C. Klincksieck, Paris, 1971.
- HADLEY, James - A Greek Grammar, rev. and rewritten by Frederic de Forest Allen, D. Appleton, New York, 1884.
- HALE and BUCK - A Latin Grammar, Mentzer, Bush, New York - Chicago, 1903.
- HJELMSLEV, Louis - Essais Linguistiques, Les Éditions de Minuit, Paris, 1971.
- LUBKE, W. Meyer - Grammaire des Langues Romanes, trad. française par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint, T. III (Syntaxe), G.E. Stechert, Leipzig - New York - London - Paris, 1923.
- LYONS, John - Linguistique Générale, traduction de F. Dubois - Charlier et D. Robinson, Larousse, Paris, 1970.
- MARGARIT, Antonio M. Badia - Gramática Catalana, Gredos, Madrid, 1962.

- MAURER Jr., Theodoro Henrique - Gramática do Latim Vulgar, Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959.
- - O Infinito Flexionado Português, Nacional - Edit. USP, São Paulo, 1968.
- - A Unidade da România Ocidental. In: Boletim nº 126 - Filologia Românica, nº 2, USP, São Paulo, 1951.
- MEILLET, Antoine - Linguistique Historique et Linguistique Générale, Société de Linguistique de Paris, VIII, Honoré Champion, Paris, 1958.
- - Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine, 5^{ème}, éd., Hachette, Paris, 1948.
- Motta, Othoniel - Horas Philológicas, ed. Nacional, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, 1937.
- POTTIER, Bernard - El Concepto de Verbo Auxiliar. In: Lingüística Moderna y Filología Hispánica, versión española de Martín Blanco Álvarez, Gredos, Madrid, 1968.
- - Lingüística Moderna y Filología Hispánica, versión española de Martín Blanco Álvarez, Gredos, Madrid, 1968.
- RIEMAN, O. - Syntaxe Latine, 6^{ème} éd., C. Klincksieck, Paris, 1920.
- RUWET, Nicolas - Introduction à la Grammaire Générative, 2^{ème}, éd., Plon, Paris, 1968.

SAUSSURE, Ferdinand de - Curso de Lingüística General. Publicado por Charles Bally y Albert Séchehaye con la colaboración de Albert Riedlinger, traducción, prólogo y notas de Amado Alonso, 2ª ed., Losada, Buenos Aires, 1955.

TAGLIAVINI, C. - Le Origine delle Lingue Neolatine. Introduzione alla Filologia Romanza, 4ª. edizione addiornata con 50 figure nel testo, Riccardo Pàtron, Bologna, 1964.

WAGNER, R. L. et PINCHON, S. - Grammaire du Français Classique et Moderne, éd. révue et corrigée, Hachette, Paris, 1970.

IV - DICIONÁRIOS

CÂMARA Jr., J. Mattoso - Dicionário de Filologia e Gramática. J. Ozon, São Paulo, 1968.

FERNANDO CARRETER, Lázaro - Diccionario de Términos Filológicos, 3ª ed., Gredos, Madrid, 1968.

LEWIS, Charlton T. and SHORT, Charles - A Latin Dictionary, fourth Andrews' edition of Freund's Latin Dictionary, revised, enlarged and in great part rewritten, Oxford, London, 1951.

Í N D I C E

Introdução	p.	I
Notas à Introdução	p.	VI
Capítulo I: Os constituintes da Perífrase Verbal	p.	1
Notas ao Capítulo I:	p.	43
Capítulo II: Critérios para testar a Auxiliaridade Ver-		
bal	p.	48
Notas ao Capítulo II	p.	90
Capítulo III: Perífrase Verbais e Tempos Compostos	p.	94
Notas ao Capítulo III	p.	104
Capítulo IV: As categorias do Aspecto, Tempo, Modo e Vo-		
zes nas Perífrases Verbais	p.	109
Notas ao Capítulo IV	p.	148
Conclusão	p.	154
Bibliografia	p.	157